

Itaytera

Número: 36

Ano: 1992

"Nasci no Sítio Santa Teresa, em pequena gleba de propriedade de meu pai, localizada à margem esquerda do Rio Salamanca. Um riozinho estreito, preguiçoso e de águas límpidas que se tornavam volumosas e barrentas quando as chuvas caíam..."

"A casa em que nasci e em cujo pátio interno fora enterrado o meu cordão umbilical, nada oferecia de particular ou digno de nota. Simples vivenda rural, de tijolo e telha, com vinte portas e quatro janelas, sem contar com as duas de um sótão, que servia de depósito de cereais, nas épocas de safra.

Logo no início houve uma dúvida na definição da cidade a que eu deveria pertencer.

Segundo uns, a divisória dos Municípios de Barbalha e Missão Velha coincidia exatamente com a linha traçada pelo Rio Salamanca, na altura de Santa Teresa. Outros, porém, afirmavam coisa diversa, baseados em vetustas informações e Datas Sesmarias.

Tive ciência dessa complicação intermunicipal tempos depois, quando já era senhor dos meus botões.

Enquanto os topógrafos locais elucidavam tal pendência, foi encontrada, muitos anos depois do meu nascimento, uma solução satisfatória para o meu caso. Fui registrado civilmente na cidade do Crato, como se na realidade ali houvera nascido. Estou certo de que, com tal equívoco, Barbalha e Missão Velha nada perderam, da mesma forma que o Crato nada lucrou.

Contudo, é natural que me tenha afeiçoado à cidade de que, oficialmente, sou filho.

Nela residi durante anos, exatamente aqueles em que abri os olhos para a realidade da vida, formando o meu caráter e afirmando a minha personalidade de modo tão precoce que, para muitos, talvez pareça inacreditável."

(ANTÔNIO MARTINS FILHO, in MEMÓRIAS - Menoridade, Imprensa Universitária do Ceará, edição 1991, pág. 14)

ITAYTERA

Órgão do Instituto Cultural do Cariri

O ICC foi fundado 18 de outubro de 1953 e registrado no Livro A-1, de Registro de Pessoas Jurídicas, do Cartório Civil, na cidade do Crato, com seus Estatutos Registrados nas folhas 4/7 sob o número 5, em 30-9-54 e publicadas no **Diário Oficial** do Estado do Ceará em 20-10-54.

Considerado de utilidade pública por lei Municipal nº 453, de 28-9-68. Governo Municipal Ossian Araújo

Considerado de utilidade pública por lei Estadual nº 10.125/77 publicada no Diário Oficial do Estado de 27-10-77, Governo Estadual do Cel. Adauto Bezerra.

Tem o seu CGC sob nº 05357359-0001/86.

Registrado no Conselho Nacional do Serviço Social do MEC.

Endereço: Praça Juarez Távora, 950-CEP 63100 - Crato - Estado do Ceará.

DIRETORIA ATUAL DO ICC

A diretoria atual do Instituto Cultural do Cariri foi eleita em Assembleia Geral Eleitoral de 6-8-90 empossada em Sessão de 24-8-90, estando assim constituída

Presidente: Raimundo de Oliveira Borges

Vice-Presidente: José Emerson Monteiro Lacerda

Secretário-Geral: Francisco Huberto Esmeraldo Cabral

Secretário(a): Maria Lirêda Alencar Noronha

Tesoureiro: José do Paula Banlim

COMISSÕES

De Ciências Letras e Artes: Plácido Cidade Nuvens, Margarida Angélica Ramos Siebra e Maria La Salete Líbido Ribeiro da Silva.

De Sindicâncias: José Peixoto de Alencar Cortêz, Antônio Nilson Monteiro, Eloi Teles da Moraes e Antônio Correia Coelho.

Da Revista Itaytera: João Lindemberg de Aquino, Francisco de Assis Brito e Jurandy Temóteo de Sousa

DIRETOR DA REVISTA ITAYTERA

Jornalista: João Lindemberg de Aquino. ITAYTERA aceita permuta com publicações congêneras, do País e do Exterior.

Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri

SECÇÃO DE LETRAS

1 - **Patrono:** Pe. Dr. José Antônio de Maria Ibiapina
Ocupante: João Lindemberg de Aquino

2 - **Patrono:** Bruno de Menezes
Ocupante: Dr. Raimundo de Oliveira Borges

3 - **Patrono:** José Alves de Figueiredo
Ocupante: Pe. Neri Feitosa

4 - **Patrono:** Alexandre Arraes de Alencar
Ocupante: Maria Edméia Arraes de Alencar

5 - **Patrono:** Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva
Ocupante: Vaga

6 - **Patrono:** Dr. Irineu Nogueira Pinheiro
Ocupante: Vaga

7 - **Patrono:** Antônio Barbosa de Freitas
Ocupante: Vaga

8 - **Patrono:** Álvaro Bomilcar da Cunha
Ocupante: Dr. José Newton Alves de Sousa

9 - **Patrono:** Dom Francisco de Assis Pires
Ocupante: Prof. Rubens Gondim Lóssio

10 - **Patrono:** Pe. Emídio Leite Cabral
Ocupante: Vaga

11 - **Patrono:** Raimundo Gomes de Matos
Ocupante: Vaga

12 - **Patrono:** Leandro Bezerra Monteiro
Ocupante: Dr. Antônio Araújo Ribeiro

13 - **Patrono:** Dr. Otacílio Macêdo
Ocupante: Cláudio Martins

14 - **Patrono:** Manoel Rodrigues Monteiro
Ocupante: Vaga

15 - **Patrono:** Dr. Leandro Claves de Melo Ratisbona
Ocupante: Vaga

16 - **Patrono:** Pe. Francisco Pilla
Ocupante: Abílio Feitosa

17 - **Patrono:** João Brígido da Silva
Ocupante: Vaga

18 - **Patrono:** Raimundo Monte Arraes
Ocupante: Vaga

19 - **Patrono:** José de Figueiredo Filho
Ocupante: Mozart Soriano Aderaldo

20 - **Patrono:** Senador José Martiniano de Alencar
Ocupante: Vaga

21 - **Patrono:** Monsenhor Pedro da Rocha Oliveira
Ocupante: Pe. Antônio Vieira.

SECÇÃO DE CIÊNCIAS

- **Patrono:** Dr. Barreto Sampaio
Ocupante: Dr. Napoleão Tavares Neves

EDITORIAL

ITAYTERA novamente. A luta continua.

ITAYTERA não se cansa de ser determinada, de perseguir o seu ideal de circular uma vez por ano. É prova de sua pujança, essa teimosia que enfrenta a falta de recursos e a falta de visão dos homens públicos, encastelados nas posições de mando, e que esnobam em ignorar nosso esforço editorial, em favor de uma publicação que só tem sabido preservar os nossos valores culturais.

ITAYTERA tem, por isso, o sinêta da nordestinidade, palavra, hoje tão em voga, quando o Nordeste inteiro reage ante a impatriótica campanha de dividir o Brasil, surgida de cérebros esquizofrênicos do sul maravilha, que tentam empanar o pontencial nordestino e tentam rebaixar tudo o que somos e tudo o que fazemos.

ITAYTERA é Nordeste.

Nordeste ativo, pujante, cheio de boas intenções e - o que é melhor - com espírito bem brasileiro.

ITAYTERA faz parte de um Nordeste que deu à Nação suas maiores figuras, um Nordeste que tentam discriminar, um Nordeste que não foi responsável pela própria dívida externa e que, ao contrário, é superavitário para a Nação, com seus produtos naturais, seu petróleo, seu urânio, suas praias de sol o ano inteiro a atrair turistas de todo o mundo.

Tanto prova a nordestinidade de ITAYTERA que a edição passada foi acolhida pela Gráfica do Senado Federal, que a imprimiu, com a lúcida visão do seu Presidente, Mauro Benevides.

Nordestinidade que a leva, agora, a circular depois de impressa na Gráfica do GRUPO CLAUDINO, de um grupo de nordestinos da primeira linha, responsáveis por inúmeros empreendimentos industriais e comerciais que alavancam o desenvolvimento regional e que agora enveredam também pela indústria gráfica.

O empresário João Claudino e seu grupo acolheram ITAYTERA e lhe propiciaram a presente edição, num atestado de integração nordestina.

É um dos vultos mais proeminentes da iniciativa privada do Nordeste, e pujante nos seus empreendimentos, multiplicando empregos, gerando riquezas e consolidando uma justa fama de Mecenaz.

Estamos felizes por essa acolhida.

A nossa gratidão.

ITAYTERA e o Instituto Cultural do Cariri agradecem esse apoio que nos incentiva e estimula a continuar a luta de 36 anos.

Nossa jornada, com exemplos assim, com as graças de Deus, não haverá de ser interrompida.

A Direção.

3 DÉCADAS A SERVIÇO DE DEUS

O Pe. José Edmilson de Macêdo ordenou-se a 16 de Dezembro de 1961, na sua terra natal, Lavras de Mangabeira, sendo oficiante o bispo diocesano de Crato, Dom Vicente Matos. Nasceu na própria Lavras, distrito de Quitaiús, a 01 de Novembro de 1935, filho de Vicente Favela de Macêdo e Alaide Aquino de Macêdo, esta, irmã do escritor, de saudosa memória, Joarivar Macêdo.

Nunca Dom Vicente poderia imaginar estar unguindo sacerdote, naquele dia memorável, um homem de imenso prestígio na Igreja e na sociedade, com a sua ação multiforme, já desenhada desde as albores da juventude, com aluno brilhante da Escola Eusébio de Queiroz, da professora Maria Lorêto Augusta Banhos e na Escola de Mestre José Luís, onde, cêdo, revelou os pendões de seu notável espírito. O primário completou-o no Grupo Escolar José Martins Rodrigues passando-se para o Seminário do Crato, onde fez a admissão e o curso de humanidade. De 55 a 57 esteve no Seminário de Fortaleza, e de 58 a 61 já o encontramos no Seminário de Viamão, Rio Grande do Sul - era Reitor, dali, o então Cônego Ivo Loscheider. Ali também fez Pedagogia na Faculdade local, agregada à Universidade de Porto Alegre. Durante ambos os cursos, Pedagogia e Teologia esteve na Argentina por dois meses, onde frequentou o Curso de Economia Humana, dirigido pelos dominicanos franceses.

MONSENHOR EDMILSON, hoje Cônego da Cabide Metropolitana de Salvador, acesso do Cardeal da Bahia, sempre foi um espírito iluminado, voltado para a causa da Igreja e os direitos humanos. Neste seu ligeiro esforço biográfico, cujos dados de Dimas Macêdo, em "Lavrenses Ilustres", vê-se que sempre foi legítima liderança. Pastor, jornalista, sacerdote e professor universitário, teve como primeiro campo de apostolado o Seminário de Crato, do qual desde jovem fôra aluno. Foi, ali Ecônomo e Diretor Espiritual.

Na Faculdade de Filosofia de Crato foi mestre de primeira linha, sendo-o igualmente, na Faculdade de Ciências Econômicas do Crato, no Diocesano, na Escola de Comércio, nas Ginásio Pio X e Madre Ana Coute, todos do Crato. Assistente Eclesiástico da Juventude Independente Católica, fundador da Sociedade de Amigos do Bairro Ossian Araripe, criou, ali, o Centro Social. Presidiu a Câmara Júnior de Crato, dirigiu o Centro de Treinamento Educacional da Diocese cratense, redator do jornal A Ação e do Correio do Cariri, Colaborador das revistas Região e Itaytera. Celebrou no Jornal O Levista, do Seminário de Crato e no O Seminário, da Diocese de Viamão.

Dele informa Dimas Macêdo: "Sem dedicar-se preferencialmente à poesia, o Cônego Edmilson Macêdo, tem, de sua autoria, várias letras de hinos cívicos e religiosos, como o Hino de Jubileu de Prata de Dom Francisco, e Hino da Escola Normal de Lavras, o Hino da Escola de Operária S. José, o Hino do Centro Cultural Brejosantense, o Hino de Círculo S. Cristovão, do Seminário de Fortaleza, o Hino de São Jerônimo, da arquidiocese do Rio."

No Crato foi ainda Vigário da Paróquia de N. Sra. de Fátima e capelão do Patronato Pe. Ibiapina. Em Roma fez o Curso de Ciências Sociais na Universidade de S. Tomás de Aquino e Curso Intensivo de Sociologia na Universidade Pro Dec.

Há 21 anos reside na Bahia, é vigário de Brotas, foi vigário dominical em Lauro de Freitas. Coordenou a Campanha da Fraternidade de 72 a 77, coordenou o Setor de Opinião Pública de 73 a 83 e coordenou o Setor Regional dos Meios de Comunicação Regional do Nordeste III (Bahia e Sergipe). Participou de diversos encontros nacionais e internacionais na área de comunicação e como secretário do saudoso Cardeal dom Avelar Brandão, tornou-se membro de seu Conselho Presbiterial e o acompanhou dentro e fora do país.

Notável orador sacro, sua palavra foi muitas vezes ouvida com unção nas pregações na Conceição da Praia e na Basílica de Bonfim, no Carmo e em Santo Antônio, na vetusta Salvador.

Cônego Catedrático de Cabido Metropolitano e Salvador, preside a Comissão Regional do Clero para a Bahia e Sergipe, tendo assento na Conferência dos Bispos do Brasil.

No Jornalismo, ainda, na Bahia, foi assistente eclesiástico do Jornal a Semana, no jornal O Mensageiro (Diretor e Redator deste), assessor de comunicação social da Diocese, coordenador do programa Mensagem para a Vida e Missa Dominical na TV Itapoã, redator da Tribuna da Bahia.

Ensina sociologia no ciclo básico da Universidade Católica da Bahia e no Instituto de Teologia, professor de Cultura Religiosa no Colégio do Salete e é membro de diversas entidades literárias, cívicas e religiosas da Boa Terra, onde tem nome de prestígio e relevo pela fulgurância de sua inteligência, pela cintilante personalidade e pelo cavalherismo e educação sem pares que lhes vieram do berço. É cidadão de Salvador.

Esse cearense notável, que honra e enobrece o seu Estado Natal vem de completar 3 décadas a serviço da Igreja, com sólida formação moral e um espírito legítimo cristianismo que é o apanágio das novas gerações.

Como seu hóspede em Salvador, e de seu irmão Vicente Favella Filho, igualmente jornalista, honra-me das companhias agradabilíssimas que tenho na velha e querida Bahia, na casa de D. Alaíde, nas vezes em que não me deixam ficar em hotel.

Sou admirador sincero do Mons. Edmilson Macêdo e ainda acredito que o verei Bispo, ampliando os seus serviços ao povo católico brasileiro, cumprindo a destinação que Deus lhe deu, para o bem de sua terra e sua gente, e para a felicidade da Igreja, sempre eterna e renovada, sintetizada em personalização como a sua, no esmalte luminoso de um espírito sem par!

J. Lindemberg de Aquino é Diretor da Revista ITAYTERA, em Crato, e ex-presidente do Instituto Cultural do Cariri.

POETAS CRATENSES LANÇAM LIVROS

Estão em circulação dois livros, de autoria de filhos de Crato. O primeiro, SEXTO SENTIDO, de Olival Honor de Brito, bancário aposentado, do Banco do Brasil. O segundo, RIO DAS PIABAS, de José Humberto de Oliveira, ex-diretor do Colégio Lourenço Filho, professor aposentado. Versando temáticas locais e familiares, ambos os livros são de inspiradora beleza. Sobre o livro de prof. Humberto, o crítico literário F. S. Nascimento assim se expressou:

"Para os contemporâneos do narrador-memoralista, as cenas ou imagens reconstituídas se mostrarão como dislumbres fotográficas, ensejando-lhes acrescentar aos flasches reminiscentes algo mais de pitoresco ou enternecente dessa fase da vida". O Autor José Humberto comete, apenas, ligeiro erro geográfico: o Rio das Piabas não vem do local "Nascente" em Crato, nem é o rio da famosa Cascata. Esse é Rio Batateiras, do qual o Rio das Piabas, ou Rio Grangeiro, é afluente. No mais, recheado de poemas de intensa beleza espiritual, o livro é um encanto para os seus leitores.

Já Olival de Brito tem no seu SEXTO SENTIDO uma obra de maior densidade poética e emocional. Explorando a fundo os sentimentos de ternura e saudade, enveredando pelas emanações juvenis do sexo nascente, produz sonetos de bela lavra e infinita beleza, que revela ter o autor uma espiritualidade fantástica. As recordações do Crato antigo emanam de sua pena brilhante, resultando em sonetos de grande beleza telúrica, muitos dignos de antologias.

FLORIVAL MATOS

Faleceu no Recife, onde se encontrava em tratamento de saúde, o escritor, poeta e folclorista Florival Matos. O óbito ocorreu na manhã de 04 de Agosto de 91, tendo o corpo sido trazido para o Crato, onde ficou em velório, sepultando-se na segunda feira, dia 5, à 9 horas da manhã. O passamento constituiu-se uma enorme perda para as letras e a literatura do Cariri.

Dados Biográficos

Florival Alves Matos nasceu em Jardim, Ceará, em 29.06.1910, filho do casal Genésio Belarmino dos Santos - Luisa Alves de Matos. Cedo veio para o Crato. Fez curso de contabilidade e jornalismo. Dirigiu o jornal A CLASSE, das Ass. dos Empregados do Comércio, foi diretor da Associação, fundou a revista A PROVÍNCIA, publicando 3 números, escreveu em diversos jornais locais e na revista ITAYTERA, fez pesquisas históricas e folclóricas. Deixou viúva d. Expedita Norões Matos e os filhos Maria do Socorro, Antonio Reginaldo, Francisco Matos, Vicente e Luisa, todos casados. 13 netos e 4 bisnetos. Foi contador da

firma Machado S/A, da firma Manoel Simões Louro, da firma Almino S/A, de Antonio Alves S/A e foi contador de diversas Prefeituras da região, além de líder maçônico destacado, tendo alcançado todos os graus da Maçonaria. Uma figura humana admirável pela correção, honestidade e integridade. Deixou um livro-História do Futebol do Crato, na gráfica. Seu passamento foi muito lamentado em todos os círculos sociais e intelectuais do Crato.

João Hipólito Campos de Oliveira

JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA (I)

As minhas grandes fontes de amizade foram o Colégio Nogueira e os Jornais em que, com o seu fechamento, em 1934, passei a trabalhar - "O Povo" e "Correio do Ceará". No Diário de Demócrito Rocha, então vespertino, em que me iniciei, tive oportunidade de travar conhecimentos com os seus colaboradores mais diretos, entre os quais, na época, Antônio Sales, Djacir Menezes, Joaquim Alves de Oliveira, Martins d'Alvarez, Filgueiras Lima, Aderbal de Paula Sales, Abdenago da Rocha Lima, Walter Pompeu, Moésia Rolim e Elias de Oliveira.

Joaquim Alves de Oliveira era uma personalidade curiosa pelos seus comentários jocosos e pela sua risada estridente, responsável pelo apelido que lhe deram. Já estava formado em Odontologia, turma de 1920, da nossa Faculdade e havia sido dentista na capital e no interior. Fora prefeito de uma comunidade interiorana, na qual se houvera com descortínio e honestidade. Desempenhava, com muito destaque, as funções de Inspetor Regional de Ensino.

Filho de Jardim, no sul do Estado, sua passagem pelos sertões e sua origem tiveram grande influência na sua vida de professor e escritor. Ressalta, entretanto, Guimarães Duque, seu sucessor no instituto do Ceará, no elogio que lhe teceu, na sua posse naquele sodalício, que "Joaquim Alves não se deixou levar pelo determinismo do meio. As ações telúricas, restritivas do ambiente, ele antepôs um tipo eugênico, forte, capaz e de mentalidade elevada".

Era autor de "Nas fronteiras do Nordeste", livro recebido lisongeiadamente pela crítica, que o consagrou na justa expressão de Florival Seraine.

Publicou alguns estudos da sua especialização no "O Povo", tendo feito, em sua companhia, a revisão de muitos deles.

Escreveu também trabalhos de maior importância para outros jornais e algumas revistas de país, cabendo mencionar os seguintes:

- O Ceará e suas regiões naturais, revista da Sociedade Cearense de Geografia e História.

- Aspectos antropogeográficos do cangaceirismo, revista SCGH.

- Introdução às ciências geográficas, Revista do Professor de São Paulo

nº 15.

- As migrações do São Francisco para o Vale do Cariri, *Jornal do Comércio do Rio*, edição de 21 de outubro de 1934.

- *Clima e Alimentação das populações rurais*, *O Povo*, 14 e 15 de janeiro de 1935.

- *Afrologia Brasileira*, revista da SCGH, 1939.

- *Clima Cearense*, revista da SCGH, 1939.

- *Revolução social dos sertões*, *O Ceará*, de Fortaleza.

- *Ensino Profissional Rural*, revista do Professor de São Paulo, nº 16.

- *Juazeiro, cidade mística*, *Revista do Instituto do Ceará*, 1948.

- *O Vale do Cariri*, apresentado no X Congresso Brasileiro de Geografia, publicado nos seus anais e na *Revista do IC*, 1946.

Em *Juazeiro, cidade mística*, Joaquim Alves interpreta, com acuidade, o misticismo do nosso homem rural, dizendo: "O abandono do homem do campo em um meio hostil, sem contar com outro auxílio que não o da Divina Providência, não podia deixar de produzir o que realmente produziu: o misticismo do homem rural".

Além desses ensaios, publicou quatro obras de real significação para a história cultural do País:

- *Nas fronteiras do Nordeste*, 1932;

- *Estudos de Pedagogia Regional*, 1939;

- *Autores cearenses*, 1ª série, 1949;

- *História das Secas*, post mortem, 1953.

No seu livro de *estréia*, o autor trata, com muita segurança, da ação do ambiente na formação nordestina, da miscigenação das raças, das crenças do povo, da cultura social e da questão religiosa. Esses temas, quando não os de natureza educacional, foram as tônicas de quase todos os seus trabalhos.

Como ressaltou Florival Seraine, a *Antropogeografia* e a *Pedagogia* foram as ciências que concentraram as atenções de Joaquim Alves, embora certa preocupação sociológica transparecesse em muitos passos de sua obra.

Em *Estudos de Pedagogia*, analisa as principais escolas pedagógicas do Brasil, de Minas, São Paulo, Distrito Federal, Rio Grande do Sul e Ceará. No nosso Estado, refere-se, com entusiasmo, ao movimento da reforma de Lourenço Filho e aos esforços de Moreira de Sousa.

Guimarães Duque, seu continuador no instituto, mostra que ele tentou o ruralismo no nosso Estado, pregando a necessidade de melhorar os programas escolares e de equipar, com mas cuidado, os nossos estabelecimentos de ensino de molde a evitar o êxodo dos campos.

Em *Autores Cearenses*, Joaquim Alves exerce a crítica literária não sem certa aplicação e justeza de conceitos, como assinala Florival Seraine. Dele diz ainda seu companheiro no Instituto do Ceará: "Na posição de crítico, jamais revelou atitude de irreverente censor das produções alheias, preocupado em acentuar deficiências, incapaz de discernir qualidades no autor assinalado".

Essas sensatas afirmações de Florival Seraine retratam toda a bondade de Joaquim Alves, que pinçava mais os méritos do que os defeitos nas leituras críticas que realizava.

As *História das secas no Ceará* foi interrompida pela sua morte em 1952, sendo publicada postumamente, em 1953. Forma a monografia nº 23 do plano

monumental da História do Ceará, estabelecido pelo Instituto do Ceará. Nela Joaquim Alves estuda as crises climáticas no Ceará nos séculos XVI a eXIX. Ficou faltando a 2ª parte, em que se ocuparia do fenômeno do século XX. A esse respeito, na Introdução da publicação post mortem, escreveu Pompeu Sobrinho, presidente do Instituto, também autor de notável trabalho sobre o flagelo no Estado: "O que conseguiu ele fazer merece o grato reconhecimento da instituição a que prestava o brilho de sua inteligência". (Das memórias - figuras e instituições inesquecíveis).

JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA (II)

Na sua História das Secas Joaquim Alves critica a ação governamental das autoridades brasileira na Monarquia e na República, a última das quais estende os seus comentários apesar de seu trabalho não abranger o século XX. Ele comprova que a política referente às secas dos nossos homens de governo, dos Imperadores aos Presidentes, salvo raras e honrosas exceções, deixou muito desejar. Transcrevo texto dos registros desfavoráveis que deles faz o seu autor.

"Os mais notáveis cientistas do Brasil reuniram-se nas duas sessões do Instituto Politécnico presididas pelo genro do Imperador (Conde D'Eu), mas poucos dentre eles conheciam as condições climáticas da região flagelada pela secas, as possibilidades econômicas que a mesma oferecia nos bons tempos de inverno, a resistência do homem, a sua colaboração eficiente à comunidade brasileira nos dias de luta. Das sugestões apresentadas nenhuma foi planejada e executada. A construção de açudes, o estudo de estradas, o porto de Fortaleza, tudo ficou para quando o País dispusesse de verbas bastante para fazer face às despesas extraordinárias que a região das secas exigia.

A história, segundo a qual o Imperador estaria resolvido a vender a última gema de sua coroa, contando que não morresse um só cearense de fome, não passou realmente de uma lenda, pois, decorridos dez anos, em 1888, nova calamidade flagelou o Nordeste seco e as obras planejadas não haviam sido iniciadas. Só o açude de Cedro, cujos estudos datavam de 1884, fora começado.

Mas não foi somente o Império que abandonou o Ceará e demais províncias nordestinas nos dias angustiosos da seca. a República seguiu o mesmo sistema da indiferença e abandono até 1922, quando o governo Epitácio Pessoa planejou e iniciou a realização das grandes obras do Nordeste, interrompidas nos dois períodos administrativos que se seguiram, o de Artur Bernandres, que não permitia nenhuma despesa sem sua rubrica pessoal, e o Washington Luís, que declarou conhecer o Ceará apenas pelo romance Irecema, de José de Alencar" (págs. 203 e 204).

Tive a honra de ser seu companheiro de magistério, na Escola Normal e em algumas bancas examinadoras. Foi quando o conheci mais de perto, por ser oficial do mesmo ofício. Ambos ensinávamos Geografia e, não obstante

isso, ele sempre me orientava nos meus problemas no ensino da matéria.

De uma prestimosidade a toda prova, sabedor de que eu não tinha o 3º volume do Dicionário de Barão de Studart, ele conseguiu um, completando a minha coleção. Seu presente, dos mais valiosos, foi de grande utilidade para as minhas aulas e para as minhas secções na imprensa. Eu mantinha, então, a coluna Efemérides Cearenses; depois, as minhas pesquisas sobre o noticiário do jornal há 25 anos e, por último, há 50 anos.

Quando diretor do Sindicato dos Professores, emprestei-me ele sua colaboração decidida e decisiva. Foi solidário com as nossas campanhas em favor da classe e de uma remuneração condigna do magistério, como diziam as leis pertinentes à questão.

Foi um dos criadores e animadores do Grupo Clã, que fez época entre nós, pelas revistas que tirou e pelas obras que, sob seus auspícios, chegou a publicar.

Foi fundador, em 1919, do Partido Socialista Cearense, mostrando-se sempre preocupado pela questão social no Brasil e, especialmente, no Ceará. Quando se organizou, no nosso Estado, a Justiça do Trabalho, a 1º de maio de 1941, foi um dos seus oradores, na sessão de instalação, como representante do Instituto de Ciência Política.

Joaquim Alves de Oliveira nasceu em Jardim 10 de fevereiro de 1894. Descendia de famílias atuantes na zona sul do Estado - Magalhães, Lacerda e Furtado, pelo lado materno, e Alves de Oliveira e Rocha, pelo paterno. Casou-se, em 1ªs núpcias, com D. Josefina Batista de Oliveira, de família cearense, e, em 2ªs, com D. Mirza Xavier de Oliveira, de origem cariense. Teve os seguintes filhos: Eligio, engenheiro civil, formado pela Escola Nacional de Engenharia e que pertenceu ao corpo técnico do IBGE; Maria Helena Xavier Alves, médica residente no Rio e Fernando Roberto Xavier Alves, engenheiro.

Formou-se em Odontologia pela nossa Faculdade em 1920, tendo sido dentista na capital e no interior. Foi prefeito de um dos nossos municípios, inspetor regional do Ensino, e professor da Escola Normal e da Faculdade de Ciências Econômicas.

Pertenceu ao Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), a Academia Cearense de Letras e à Sociedade Cearense de Geografia e História. Foi professor de seus filhos Maria Helena, que se doutorou em medicina, e Fernando Roberto, engenheiro-civil, já falecido.

A notícia do falecimento do Fernando Roberto, em 1988, lida, no jornal do Brasil, no laconismo de seu Obituário, chocou-me profundamente. Mandei-lhe, quando ele era estudante em Fortaleza e eu me encontrava no Estados Unidos, um livro didático de inglês, de que ele gostou muito. O Joaquim Alves agradeceu, na ocasião, minha lembrança, dando-me notícias suas, da família e, especialmente, do filho caçula.

Durante minha permanência naquele país, ele sempre atendeu, solicitadamente, às minhas indagações sobre as disciplinas em que ele era mestre e eu, seu discípulo. Sua última carta, endereçada à Universidade de Siracusa, não mais me encontrou ali, pois já havia retornado aos pagos natais. Ao chegar a Fortaleza, soube do seu falecimento, ocorrido a 8 de julho de 1952. Sofri, logo depois, outro golpe, pois sua correspondência, encaminhada para Siracusa, me foi devolvida.

Caio Cid, a quem contei o fato, escreveu comovedora crônica sob o título "A carta que não viveu", da qual destaco: "O coração do professor João Hipólito ficou sensibilizado com um fato realmente emocionante. É que o correio lhe entregou, em devolução, afetuosa carta que lhe enviara o Prof. Joaquim Alves, cuja morte o Ceará tanto chorou poucos dias. A missiva tem a data de 15 de maio e foi devolvida de Syracuse."

E concluiu "Não chegou a receber em tempo a mensagem de amizade e - mais ainda - não teve a felicidade de encontrar vivo seu velho e bom camarada. E ele lhe trouxe o livro solicitado, assim como o lindo isqueiro que me prometera ao partir de Fortaleza.

A diferença é que a obra pedida por Joaquim Alves já não encontrou mais o seu destinatário, ao passo que, de 5 em 5 minutos acendo um cigarro com o objeto que me deu o excelente colega.

Sua lembrança, agora, está ligada a meu vício ignóbil".

Tenho certeza de que, se vivo fosse, no meu ingresso no Instituto Ceará, em 1957, Joaquim Alves faria sido dos baluartes da minha candidatura, como o foram outros amigos tão dedicados quanto ele.

No meu discurso de posse naquele sodalício, externei a todos eles, pessoalmente ou in memoriam, as minhas homenagens com os meus mais sinceros agradecimentos.

João Hipólito Campos de Oliveira é jornalista, professor e historiador.

Pedro Bandeira

SER MÉDICO

*Ser médico é ter coroa
do Rei da Felicidade
É entrar na intimidade
do corpo doutra pessoa
Ouvir e silenciar,
todo segredo guardar
por ética da profissão;
amar a todo doente,
sofrer pelo seu cliente,
morrer se houver precisão.*

*Ser médico é dar assistência.
É não falar com arrogância,
é não deixar que a ganância
ultraje-lhe a consciência.
É ter fé, ter paciência
com o ofício que abraçou.
Amar mais do que amou
sem esquecer um momento
dos termos do juramento
da lei que Hipócrates criou*

*É ter sempre a frente erguida
na santa sombra da calma,
trazendo dentro da alma
uma esperança de vida
É ser santo e defensor
do sofrimento e da dor
da mãe, do filho e do pai.
No pranto é quem se aconchega,
é o primeiro que chega
e o derradeiro que sai.*

*É renunciar à comida,
lazer, repouso e café,
varando uma noite a pé
para salvar uma vida.
Cuidar do mendigo ao nobre,
preto, branco, rico e pobre
freira, "miss" ou meretriz.
Ser simples, ser caridoso,
delicado atencioso,
autêntico, forte e feliz.*

*Que o médico não tenha impasse
na moderna Medicina,
com ética e com disciplina,
como manda a lei da classe.
Quem se formou para servir
com o dom de saber ouvir
com a honra e dignidade
sem nunca ficar a esmo.
Esse sim, é médico mesmo
pra Deus e pra a Humanidade.*

Newton Pedrosa

JUAZEIRO

Em pleno coração do Cariri, a algumas dezenas de quilômetros da Serra do Araripe e da fronteira com Pernambuco, está Juazeiro do Norte, Juazeiro do Padre Cícero ou simplesmente Juazeiro. De qualquer forma, um importante ponto geográfico no Nordeste. Cidade mística, de gente simples e voltadas para o trabalho, nascida sob a bênçãos do Patriarca e que se desenvolveu pela tenacidade incomun do seu povo. Derramada no imenso Vale, parece aproximar-se de suas vizinhas para um abraço fraterno e uma mensagem de confiança e otimismo no progresso da região.

Foram lá os meus primeiros anos de vida. Minha infância e adolescência com todos os costumes, hábitos, orgulho e simplicidade de menino do interior, que iam da ocupação na escola ao trabalho leve, e as brincadeiras que a imaginação criava. Nesse ambiente de liberdade e de rua, vivi e desfrutei o clima e a hospitalidade que minha terra adotiva oferecia a tantos quantos ali chegavam. Juazeiro, em cujas ruas brincava despreocupado, tangendo rodas de pneus calçadas afora ou puando caminhõezinhos de madeira que eu mesmo fazia, e que minha imaginação de criança me conduziam a intermiáveis viagens pelos sertões sofridos e poeirentos do Nordeste, quase sempre chegando a São Paulo, Eldorado e ilusão de todos nós. Ou que fugindo a vigilância severa da minha mãe, ia com a molecada a Boca das Cobras para um banho de rio, que, no mais das vezes, terminava em fuga, pois os proprietários, em cujas terras o curso d'água passava, botavam-se a correr em disparada.

Incurções desta natureza se repertiam sempre. Muitas vezes, a tarde, saíamos em grupos de passeios pelos sítios próximos, retornando ao ocaso e pensando como explicar em casa a ausência. Palmeirinhas, coqueiros de Damiãozinho, Salgadinhos, Malvas e Limoeiro. Onde o Padre Climério, também médico, receitava remédios homeopáticos, quantas vezes, em companhia de amigos, lá não estive, pulando cerca ou passando entre fechadas barreiras de Avelozes para furtar saborosas mangas-rosas e cajus, ou lambiscando os tachos de mel que nos engenhos de Zé Bezerra, Dona Rocha e Doroteu Sobreira, este, o mais ranzinza sob gritos de atentos feitores ou suados trabalhadores envoltos em verdadeiras nuvens de fumaça emanadas de caldeiras fervilhantes.

Os anos, todavia, passavam e as brincadeiras iam cedendo lugar ao estudo, que exigia mais dedicação e cuidado. Alcançando a adolescência, resolvi também procurar trabalho, que, sem embargo dos estudos, ajudava na manutenção, custeada com certo sacrifício por meu pai. Assim, fui a e faina, onde havia lugar para todos. Para o artesão que tecia e o ambulante que vendia para o produtor que fabricava e o comerciante de grandes negócios. Para o feirante que chegava das redondezas ou de lugares distantes, ou para o simples devoto que vinha para rezar. E, quanta ironia! Sendo pobre, fui trabalhar com ouro, intensa e produtiva atividade existente na cidade. Meu primeiro emprego foi numa ourivesaria, que o dono, um alagoano tratável, era conhecido como João da Mata, talvez por ter nascido em Mata Grande. Chegava eu ao trabalho a uma da tarde e saía as seis da noite, polindo anéis e grossos fios de algodão presos por um punho a um prego numa ponta de mesa, ou lavando atraentes cordões e trancelins em grandes gamelas de aroeira, onde a casca do Juá, misturada a água, produzia uma alva camada de espuma, deixando as peças limpas e brilhantes após escovadas.

No final da semana recebia algum dinheiro, quantia insignificante até mesmo para a época. Mas, afinal, trabalhava muito mais para ser um artífice do que pelo que viesse a receber. Passados alguns meses, o dono da oficina me promoveu e me botou no serviço de solda, pois eu aprovara em fazer polimento. Sentado frente a uma mesa com gavetão onde jóias as mais diversas se misturavam, lá estava eu vaidoso, soprando um canudinho de flandre contra a tocha débil de um candeeiro a carboreto ou a álcool, numa das tábuas laterais do móvel. Uma vez soprada, a chama azul e delicidade projetava sobre a peça de

ouro ou de prata, derretendo a solda ali colocada. No início, e por algum tempo, me entusiasmei com a nova atividade. Depois a arte se tornará enfadonha e já não me fascinava. Não nascera mesmo para conviver com ouro.

Insistindo nas minhas tentativas de conseguir trabalho, cheguei a outros ofícios. Fui aprendiz de sapateiro, ajudante de alfaiate, vendedor de rapadura na feira semanal, professor e sacristão. Vendi velas e bungigangas à romeirada peregrina, como ocorria com a maioria da rapaziada do meu nível e do local. Em carrinhos-de-mãos, vendi água mesmo sob protesto dos meus "Rapaz que estuda no Salesiano não pode fazer isso". Apanhava-a em latas de querosene Shell no velho e inconstante chafariz da Feira Nova, onde as filas se alongavam e, depois de abastecer minha casa, ia vendê-la à pequena freguesia, sempre admirada de o filho de Dona Maroca estar vendendo água. Era irrequieto, e por isso, não me demorava em qualquer atividade, embora, algumas vezes voltasse pra uma delas.

Um dia, resolvi deixar a minha cidade rumo a capital, passando antes pelo Crato, onde estudei no Colégio Diocesano àquela época dirigido pelo austero, porém, afável Padre Montenegro, ainda hoje vivo nos seus mais de 80 anos. Voltando o tempo, vejo o Juazeiro de minha meninice e de minha adolescência. O Juazeiro das romarias de Finados e da festa da padroeira, do carnaval inocente e dos desfiles cívicos dos Salesianos, onde, orgulhoso, exibia a minha farda azul e branca engomada de aluno do colégio, sob o aplauso dos conhecidos; A rua da Conceição onde ficava a minha casa de janelas de balaustres e cadeiras na calçada para conversa com os vizinhos noite adentro. Ruas de São Pedro e da Glória, São Paulo Feira Nova, São Francisco e Quadro de São Miguel, praças da Matriz e dos Salesianos. Padre Cícero e da Estação, Horto e Salgadinho, Praça do Socorro e Feira do Capim, redutos inesquecíveis de minhas traquinagens e de meu orgulho infantil, onde aprendi a viver e a ter saudade. Juazeiro de minha juventude, de alegrias e preocupações. Das minhas oficinas, donde sai um dia como artesão para tecer vida afora os fios imutáveis e inquebrantáveis do meu destino.

Ribeiro Ramos

F.S.NASCIMENTO, O CRÍTICO

Ser crítico literário, no meu fraco modo de entender, é exercer o mais difícil e ingrato dos misteres. Senão vejamos. Se o crítico elogia uma obra, o que agrada sobremodo o autor, de logo é tido por muitos com insincero, bajulador, incensador, já outros o apontam como benevolente em excesso, sempre se deixando levar pelas razões do coração. Se, pelo contrário, é caústico, mordaz ou incompleto na crítica, logo o tacham de demolidor, de destruidor, de invejoso até. Assim, é o desventurado crítico como aquele sujeito lendário que é preso por ter cão e preso por não ter cão.

Uma coisa, no entanto, se nos evidencia: para ser crítico literário o indivíduo precisa ter qualidades excepcionais - talento e cultura. Muita cultura e grande talento - tudo com sobra. Nada de limitações. O talento Deus dá, é óbvio, mas a cultura tem que ser adquirida, com muito estudo, muito amor aos livros, com muito sacrifício às vezes. Além destes atributos o crítico tem que saber escrever com elegância, com clareza, emprestando à sua escritura a beleza da linguagem e as graças do estilo.

O que aí escrevo foi exatamente o que me acudiu à mente ao ler o último e excelente livro do meu nobre amigo e querido colega de Academia F.S. Nascimento - Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos - Coleção Alagadiço Novo/Casa José de Alencar/UFC, em primorosa e bem cuidada edição. Nessa bela obra de 250 páginas, contendo uma série magnífica de estudos sobre um bom número de escritores e poetas daqui e daí, confirma brilhantemente as suas soberbas qualidades de crítico literário consagrado. É Fábio Lucas, grande vulto da Literatura Brasileira quem diz: "F. S. Nascimento, um dos mais importantes críticos literários do Ceará e figura de relevo nacional, tem-se empenhado no estudo sistemático da narrativa, buscando uma linguagem precisa e esclarecedora para o relato de sua experiência de leitor, se constitui um capítulo dessa aventura nos domínios da fantasia criadora".

Há muita exatidão e firmeza nessa afirmação do mestre paulista, sempre lido e louvado no Brasil inteiro, pois o nosso FSN é um verdadeiro esteta da palavra, na riqueza ímpar de sua linguagem. Acresce ainda que o Mestre cearense, em seus admiráveis estudos, onde faz a análise profunda e percuciente da vida e da obra de alguns autores lidos atentamente sempre no-los mostra de modo diferente e de maneira nova, numa interpretação inteiramente sua, própria, até então jamais vista ou apontado por outros críticos.

Está em Francisco Carvalho, o notável poeta cearense, no prefácio de "Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos", a certa altura:... "Sua visão universal dos problemas estéticos e da relatividade dos condicionamentos históricos, a versatilidade de sua cultura e o sentido pragmático de sua erudição, fundem-se harmoniosamente num discurso vigoroso e convincente". Temos aí, nestas rápidas linhas um esboço traçado por mão do mestre, do retrato de corpo inteiro de F. S. Nascimento, o crítico, o esteta, o intelectual, o mestre, o homem de pensamento, que de há muito se consagrou pelo valor de sua obra. Logo que voltei a residir em Fortaleza, Busquei aproximar-se de F.S. Nascimento e tive a inefável ventura de nos tornarmos amigos. Foi uma amizade que nasceu espontaneamente e que logo se tornou sólida e profunda, selada pela lealdade, em admirável reciprocidade, e desde que senti a grandeza do espírito do amigo na beleza de sua humildade.

Ao me aproximar de F.S. Nascimento, levado pela mãos amigas e generosas de Joarivar Macedo (tão cedo e tão dolorosamente roubado do nosso convívio pela morte) de logo senti que me achava diante de um homem portador de invulgar inteligência, forrada por vasta e extraordinária cultura, insuspeita de início para mim, face mesmo de sua extrema simplicidade maneira como falava de mestres seus da juventude, passando no Crato, entre os quais três amigos meus de minha profunda admiração e carinhosamente estima: José Alves de Figueiredo Filho, Padre Lepoldo Fernandes e Quixáda Felício. Vendo-o e

ouvindo-o, lá, naquela sala do Conselho Estadual de Cultura, de logo me apa-receu estar diante do vulto redivivo do Padre Antonio Tomaz, o excelso Príncipe dos Poetas Cearenses, tio de minha mulher Dinorá, e que foi um dos maiores e queridos amigos em minha pobre vida. Em ambos a mesma humildade, como atributo de grandeza, a mesm fala branda e macia, a mesma postura, a mesma beleza de espírito, a mesma extraordinária simplicidade. Idênticos na Cultura.

Professor douto, versátil, jornalista e ensaísta respeitado, F.S Nascimento excele na Crítica, consagrando-se nacionalmente. Se está consagração não lhe houvesse chegado antes, pelo conjunto sua obra, bastar-lhe-iam os dois últi-mos livros publicados + o monumental "Quadrilátero da Seca" e esse admirável "Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos".

Aqui e de público apertando-lhe as mãos amigas e generosas, num gesto de fraternal estima, tenho diante dos olhos este pensamento sublime de Helen P. Blawtsky:

"Sê humildes se queres adquirir sabedoria sê mais humilde ainda quando a tiver adquirido".

Audálio Gomes Alves

A BOTIJA DO CORONEL

A botija a qual me refiro nesta história, não é vaso cilíndrico, de boca estreita, gargalo curto e uma pequena asa. Tampouco trata-se de botija de mari-nha, que é um entançado feito com linha, merlin, cordão branco, para revestir um cabo ou outro objeto. Trata-se sim, de tesouros enterrados, no tempo do cangaço, por ricos coronéis do interior, para resguardar seu dinheiro, suas jóias e moedas de ouro de assaltos de cangaceiros. Certamente o fazendeiro, o co-merciante, ou qualquer pessoa bafejada que assim não procedesse, fatalmente seria roubada. Não havendo bancos, o jeito mesmo era colocar tudo num pote de barro, caixa ou baú metálico e enterrá-los no quintal, ou mesmo dentro de casa.

Todavia, para que a pessoa que enterrasse a botija pudesse facilmente encontrá-la, ele teria que deixar no local vários sinais, como ossos, moedas, garfos, faca etc, mostrando o rumo certo do tesouro.

Dizia a crença popular que, aquele que morresse deixando uma botija en-terrada, sua alma ficaria penando no outro mundo até que essa alma penada mostrasse para alguém onde enterrara a botija, aparecendo ao seu escolhido, ou revelando-lhe o local em sonho. Só depois da botija arrancada, a alma esta-ria livre para entrar no reino do céu; isto se a botija encantasse e virasse areia.

Um famoso coronel do Cariri acabou de falecer na cidade do Crato, sul do Ceará. A notícia do falecimento do coronel criou pernas e, como um cam-peão de maratona correu todo o vale, atravessando Juazeiro do Padre Cícero, Missão Velha, indo atingir em cheio a terra natal do coronel: Milagres.

A cidade chorava a morte de um dos seus mais ilustres filhos. A família enlutada recebia os sentidos pêsames dos seus amigos mais chegados. Os sinos das igrejas, em toque dobrado, badalavam em homenagem póstuma ao falecido. Na cidade do Crato o seu corpo baixava à sepultura.

O coronel, embora fosse dono de várias fazendas e numerosos gados bovino, não morrera rico, pois seus negócios não iam muito bem. Porém, nas terras férteis do Cariri, ninguém se considerava pobre de tudo. Só a ventura de terem nascido naquela gleba fazia os seus habitantes se sentirem felizes e ricos, até mesmo sendo pobres. Com certeza, quando Deus criou o mundo, mandou pintar de verde aquele vale e de azul celeste as serras que circulam. A tela não poderia ter ficado mais linda. Lá, até hoje, a beleza é preservada pelos seus habitantes. A Ecologia é venerada e cantada em prosa e verso pelos seus poetas.

O principal assunto na cidade, após a morte do coronel, passou a ser seus bens deixados. Em todas as rodas, ninguém queria acreditar que toda a riqueza tinha ido pro brejo. Não, com certeza restava ainda a sua botija enterrada na sua casa ou num dos seus quintais. Consequentemente a casa da viúva do coronel passou a ser rondada à noite por pessoas inescrupulosas que, mesmo sem terem sonhado, queriam, as qualquer custo, chegar ao cobiçado tesouro. Planos e mais planos eram arquitetados nos bares, nas esquinas e no serrote, onde residiam as senhoras prostitutas.

No serrote, num dos puteiros, deitado numa cama cheirando a sexo, em companhia de Marina Morena, estava Pedro Boião. Ele era um cafetão de meia tigela, um simples ladrão de galinha, que nunca tivera a ventura de roubar uma grande soma. Vivía simplesmente as custas da Marina Morena, que se amarrara nele só porque ele tinha olhos azuis.

Pedro e Boião cumprira pena, em Juazeiro, por ter roubado o peru de um sargento da polícia, que se encontrava amarrado pro engordo, em pleno pátio da delegacia local. Por aí vocês tiram o quanto audacioso e burro era o Boião, que ganhou esse respeito por devorar os sobejos de comida da cadeia.

Uma noite, já injetado de cana e movido pela conversa que tivera com um antigo companheiro de cela, o Zé Lagartixa, Boião matutava com os seus botões, uma maneira de ganhar dinheiro fácil, sem trabalhar, ficar rico de uma vez. O Sujeito enriquecer da noite para o dia, só se arrancar uma botija, pensava ele. E foi exatamente na botija do coronel que Pedro concentrou toda a sua massa encefálica. Ele ia mostrar àquela quenga, a Marina Morena, que o menosprezava chamado-o de frouxo, até onde iria a sua coragem. Ele partiria célebre em busca do tesouro.

Boião levou o seu plano ao conhecimento de um tal de Antonio Boa Pinta, o Toninho, que era um mau elemento, filho de gente rica da região que abandonara a sua casa e vivia reparigando pela região, pois seu caso era cachaça e mulher. Boião procurou logo atrair o rapaz paa o círculo de suas amizades, liberando a sua rapariga para que ela fosse "cravada" pelo novo amigo, Tonico, boa pinta e rico. Aliás, rico só de bafo, porque andava, de cidade em cidade, sempre a perigo, tomando dinheiro emprestado a todo mundo; bebendo e transando nos cabarés, na base do pendura.

Tonico gostou da idéia do Boião e resolveu com ele se associar a fim de faturar o tesouro tão badalado. Enfim, ele, como filho de gente poderosa,

depois que a botija fosse arrancada, se apossaria dela chutando o babaca do Boião para escanteio.

Antes, porém, da noite marcada para o passo decisivo de ficar rico de verdade, Tónico, aproveitando a ausência da família do coronel, que se encontrava em Fortaleza, arrombou uma das janelas da casa e vasculhou todos os recantos possíveis e impossíveis da casa, desde a cozinha até a sala de visitas. Porém, foi em vão a sua tentativa de encontrar o tesouro.

A noite já rendia a tarde no giro do planeta Terra quando Tónico bateu à porta de Marina Morena. Pedro Boião estava lhe esperando em companhia de um comparsa, o seu ex-companheiro de cela, Zé Lagartixa. Tónico não gostou do fato de ter mais um para dividir o prêmio, mas o sócio lhe explicou que o outro estava incubido de ir até o depósito dos cassacos (peões da estrada de rodagem em construção), no canteiro de obras, onde roubaria a ferramenta necessária para a execução do plano.

A noite caiu pesada, trazendo com ela um verdadeiro aguaceiro que inundou as ruas sem esgoto da pequena cidade. Sapos pulavam pelas calçadas, enquanto cobras deslizavam livremente pela relva molhada, a procura de caçotes para desgustá-los no jantar daquela noite de dilúvio. Guarás faziam amor livre, na maior algazarra, nos canaviais à beira da rodagem. Com certeza a chuva ajudaria os três aventureiros, amolecendo a terra levando-a de roldão, facilitando o trabalho. Talvez a botija, com tanto aguaceiro, ficasse dando sopa à flor da terra. Eles esperaram que a chuva cessasse.

A chuva parou. Os três aventureiros chegaram finalmente ao "garimpo". Muros altos circundavam a mansão do coronel. Rodeavam a casa quatro enormes quintais, sombreados por frondosos pés de ficus. Em qual dos quintais estaria enterrada a botija? O espertalhão do Tónico, durante o dia, pulara o muro e fizera verdadeiro estudo geológico, perfurando com um punhal o chão de cada quintal, para ver se encontrava terra fofa, vestígio desse que lhe indicaria o local exato. Sua intenção, na verdade, era ganhar a bolada sozinho. Mas quebrou a cara, pois o chão era arenoso e fofo, principalmente o do curral, todo coberto de bosta de vaca. Na certa ali não estaria a botija. Já pensou e ela estivesse envolta maquele lençol de merda? Eles estavam diante de uma cabeluda sinuca de bicol; não sabiam nem por onde começar.

Pedro Boião cortou o cadeado do portão de ferro com a ferramenta apropriada, roubada do depósito dos cassacos. Zé Lagartixa já havia escalado o muro e, sorrateiramente, penetrara no desconhecido mundo dos ricos. Assim, os três heróis adentraram no reino encantado da fantasia.

A frente da tropa marchava, trêmulo de medo, Tónico Boa Pinta, nessas alturas comandante da empreitada, que iria arrancar do seio da terra a botija do coronel. Isto seria até um ato de caridade para com o coitado, pensou ele. Quem sabe se a alma não estaria ainda penando por causa da botija! Enquanto ele, sempre na pior, penava de dureza! O medo dominava os três botijeiros, principalmente o comandante da força tarefa... não lhe cabia uma agulha no fiofó.

Por intuição, o comandante Tónico mandou atacar junto ao tronco do grande pé de ficus do quintal do lado direito da casa; no dito tronco tinham algumas marcas feitas a faca. Aquilo poderia ser um sinal positivo. Até então,

uma garrafa de coragem. digo cachaça, já havia sido consumida; a segunda garrafa foi aberta.

A escavação começou sob a luz de uma velha lamparina a querosene. Nas primeiras picaretadas eles divizaram um garfo todo enferrujado, com o cabo apontando para a árvore. Eles não tinham mais dúvidas, aquele era o outro sinal. Em seguida encontraram duas moedas de vintém carcomidas pela terra. Agora só lhes faltava a botija para a vitória final.

As picaretadas comiam soltas, de um lado para o outro do quintal, formando valas. O suor impregnado de cachaça ensopava a roupa dos botijeiros. No calor da segunda garrafa de cana, o desentendimento começou a surgir entre Pedro Boião e Zé Lagartixa; um querendo dar ordens ao outro, discutindo altas vozes. Se não fora a intervenção rigorosa do comandante da Operação Botija, o plano teria ido por água abaixo.

No auge da faina, quando eles pensavam ter a botija nas mãos era questão de minutos, o lampião apagou-se. O querosene tinha acabado. Foi então que os três bêbados e decepcionados botijeiros se deram conta de que a noite tinha passado e os primeiros lampejos da aurora já iluminavam a Chapada do Araripe. Eles não tiveram outra, bateram em retirada.

No quarto da Marina Morena, os três vagabundos curtiram por todo o dia o cansaço e a ressaca da noite de batalha inglória. Com certeza essa seria mais uma botija encantada. Mas não importava, eles não desistiram assim tão facilmente. Eles não descansariam enquanto não achassem, a botija. O trabalho era árduo e requeria coragem e sangue frio,. Já pensou se alma do coronel aparecesse de repente em cena?

Na noite seguinte houve reunião dos três botijeiros na pensão do serrote. Eles tentariam novamente dali a 15 dias. Isto daria a um bom descanso. Quem sabe se nesse ínterim a alma do coronel não daria uma colher de chá, mostrando-lhes, em sonho, onde se encontrava a botija! Cavar adoidado era coisa de louco, não levava a nada. Ainda mais arriscando-se com coisas do sobrenatural! Arrancar botija era o maior rabo! Somente a ansiedade de ficar milionários os levava a tão louca aventura.

Passando os quinze dias, se reuniram para a cartada final. Naquela noite fria de junho, a escuridão cobria o vale do Cariri. Quanto mais escuro melhor seria, pois estariam livres dos seresteiros que vagavam pelas ruas em noites enluaradas. Do escuro até burra-de-padre tinha medo, pois temia ser enrabada pelo lobisomem.

Quando a madrugada desceu totalmente sobre a cidade, os três aventureiros partiram para a jornada final. A cachaça, agora bem dosada, começou a atuar no sistema nervoso, aumentando gradativamente a coragem de cada um dos três cagões. Depois, ricos eles se embriagariam pra valer. Eles já tinham feito até planos para depois da vitória.

Pedro Boião pegaria a Marina Morena, aquele "pancadão de mulher, se mandaria para outras paragens, em-busca da felicidade que nunca conhecera.

Zé Lagartixa daria um polimento na sua pessoa, mudando completamente o seu visual, transformando-se em jacaré. Certamente iria viver no Pantanal, negociando com o couro dos seus irmãos.

O filho de gente rica, por sua vez, montaria um harém e beberia todas as bebidas do mundo, prolongando "sine die" o pagamento de suas dívidas.

Quando os três botijeiros de aproximaram da casa do coronel, foram colhidos por uma inesperada e desagradável surpresa; tão apavorante que lhes arrepiaram até os cabelos dos mais recônditos lugares...

Pelo portão principal da mansão, iluminado por uma luz ofuscante, saía um vulto estranho, todo vestido de branco. Seria uma alma do outro mundo ou algum ser extraterrestre que descera de um disco voador? Até hoje os três heróis não souberam responder, pois diante daquela aparição repentina, se mandaram.

Tonico correu até a Missão Velha, onde chegou esbaforido em casas de um parente. De lá ganhou o mundo, não voltando nunca mais a Milagres.

Zé Lagartixa caiu no mato e desapareceu, misturando-se com calangos, cobras e teiús. Dias depois seu corpo foi encontrado na várzea todo picado de cascavel.

Pedro Boião chegou no serrote, sem folego, e apavorado foi se esconder debaixo da cama de Marina Morena, com a cara de otário enfiada dentro da bacia onde a rapariga lavava as suas partes íntimas. Ao cair o dia ele ganhou a estrada e se escafedeu no rumo da Paraíba.

Na pequenina cidade, um cidadão, que até algum tempo atrás não passara de um pequeno comerciante, começou a prosperar a olhos vistos.

Cantadores da literatura de cordel contavam a história de um certo comerciante que se tornara rico por ter arrancado uma polpuca botija. A cantoria relatava que a alma do coronel apareceu ao comerciante e, pegando-o pela mão, levou-o ao local onde estava enterada a botija. Depois, a bondosa alma do coronel subiu aos céus numa nuvem branca.

Nenhuma literatura de cordel registrou porém, a verdadeira passagem elucidativa dessa história da botija do coronel do Cariri.

Na noite fria de junho, noite na qual os três aventureiros, borrando-se de medo deixaram a casa do coronel, uma figura estranha, vestida de branco, levando uma lanterna na mão, saía pelo portão principal, radiante de felicidade.

Tratava-se de uma moça paraibana que, com todos os direitos, conforme lhe autorizara em sonho o coronel, tinha vindo arrancar sua badalada botija que, segundo diziam, estava enterrada na dispensa, ao pé da escada que dava para o sótão.

Certamente, lá do topo da escada, a alma do coronel contemplava sorrindo e transbordante de felicidade celeste, a pobre moça que, na certa, fazia bom proveito de sua cobiçada botija.

GINASIANOS DE 41 CELEBRAM JUBILEU

A turma de ginasianos de 1941 que recebeu os seus certificados em 30 de Novembro daquele ano, no antigo Ginásio do Crato, hoje Colégio Diocesano GEO, reuniu-se na Princesa do Cariri, para comemorar, com intensa alegria, o jubileu de ouro, 50 anos, desse importante fato de suas vidas. Dos 18, restam 17, morreu, apenas Vicente Augusto Lima.

Dos 17, 13 vieram ao Crato, para as comemorações.

A programação foi a seguinte: Dia 30/11/91, 8 da manhã, missa em ação de graças na capela do Colégio Santa Teresa de Jesus; Os Monsenhores Feitosa e Montenegro concelebraram a missa e Mons. Montenegro pronunciou uma belíssima homília, recordando sus antigos discípulos.

Em seguida, visita o Colégio, onde percorreram as salas de aulas e dependências. Muitas fotos e filmagens, inclusive junto ao quadro de formatura. O Colégio ofereceu coquetel e uma lembrança (uma camisa do Colégio de hoje) a cada um. Falaram Dr. Ribamar Côrtez e dr. Solon Pinheiro, integrantes da turma. em nome do Colégio falou o prof. José Eudes de Oliveira. Logo depois todos se dirigiram à granja do ex-diretor, Mons. Montenegro, onde à sombra de grandes árvores, foram servidos de um coquetel. Foram lidas as correspondências recebidas dos colegas faltosos na comemoração. A parte final foi na chácara de Aderson Tavares Bezerra, um dos integrantes da turma. Muita cordialidade, muitos drinks e um churrasco magnífico. Foram entregues placas de prata aos participantes da turma. Houve vários discursos e homenagens.

Todos experimentaram, assim, momentos de deliciosas lembranças na cidade do Crato, recordando os idos de 41, onde pontificaram com sua juventude esperanças na vida que, enfim, realizou o sonho de todos.

Monsenhor Montenegro fez a seguinte homília, quando da missa gratulatória do cinquentenário da turma:

Oração gratulatória

*"Sou o Semeador a semear...
Cairam sementes em terra boa
E produziram frutos..." - Mat. 13.3-8*

Na expressão feliz do nosso Mestre, Professor José Newton Alves de Sousa, o Padre Francisco de Assis Pita teve a intuição de iluminado ao idealizar e fundar no ano de 1927, o "Ginásio do Crato", plantando na Princesa do Cariri o mais tradicional educandário do interior cearense. O pioneirismo educativo do Ginásio do Crato, há sessenta anos atrás, pode se dimensionado a partir da constatação de que, na época de sua criação, era a única escola, um raio superior a quinhentos quilômetros, a oferecer Ensino Secundário em condições absolutas.

A pequena semente deitada em terra boa, regada, prodigamente, por ingentes sacrifícios, nasceu, cresceu e amadureceu. A semente foi lançada em solo fértil. E aí está a frutificação dessa Semente, no cabo de mais meio-século, gerações e mais gerações despontando em todos os setores da Vida Nacional. É o velho "Ginásio do Crato", transformando em viveiro de Sabedoria e terra de exuberantes atividades culturais. É o "Ginásio do Crato" dando de presente ao Brasil e ao mundo inteligências que dominam na Juventude interiorana dos tempos idos. Frutos que alimentam a alma da Nação.

Humanistas do Ginásio do Crato - 30 de Novembro de 1941 - Jubileu de Ouro - 30 de Novembro de 1991 - Meus prezados Mestres Amigos.

Nesta vossa Festa Jubilar em que correm parselhas a Inteligência e o Coração, estamos fazendo uma Eucaristia. Uma Ação de Graças. Agradecendo a Deus a Semente Lançada nas vossos corações. Quando concluístes o vosso Curso Secundário, quando dissestes um Adeus de Saudades e de Esperança aos vossos Mestres e aos vossos queridos companheiros de ideal, naquele memorável 30 de Novembro de 1941, conquistastes a vossa Grande Vitória no campo da Inteligência. Recebestes naquela Casa de Formação um linha de princípios fecundos, moldados dentro de uma Pedagogia Cristã autêntica e eficiente, porque profundamente evangélica. Acredito que esses princípios ofereceram a cada um de vós a solução acertada dos problemas mais urgentes da Vida. Aquele Certificado de Conclusão de Curso era uma bandeira desfraldada em busca de um Mundo Melhor. Era uma Bússola de orientação no limiar de uma Vida Nova que vos aguardava lá fora. O dinamismo da vossa Mocidade era uma garantia da vossa vitória porque conduzia o selo da autenticidade, da coragem, do desafio, do heroísmo, da capacidade de sacrifício, do espírito de doação. Não é sem razão que se diz que o Mundo caminha com os pés da Mocidade.

Obrigado, Senhor, por tudo.

Aqui estamos nesta Missa de Ação de Graças para rezar, para Vos agradecer. Entendemos, Senhor, que as dívidas do Coração são pagas pelo Coração. Quando se agita o Coração, os olhos derramam lágrimas. São lágrimas de Agradecimento. São lágrimas de Saudades. São lágrimas de Amor. Obrigado, Senhor! - 50 anos! - Meus prezados Mestres - Uma Data Magna que marca a História da vossa Vida. Um Jubileu de Ouro. - Bem merece uma Prece de Gratidão ao Pai do Céu. Um "Salmo" de Ação de Graças em torno do qual gravita a lembrança viva dos primeiros ensaios da vossa inteligência num vôo audacioso de uma Juventude que acorda para a Vida. "Afirmação", o vosso jornalzinho de 30 de novembro de 1941, traduz, em letras de ouro, o vosso sonho, beleza e a grandeza do vosso ideal, a vossa Caminhada segura em busca de novos caminhos serviços da Comunidade. 50 anos vividos à Luz da Fé, da Inteligência, da Verdade. - Podeis dizer contar a todos nós, neste Dia Jubilar, com a consciência tranquila, as passagens seguros da vossa Vida, revelando o segredo maravilhoso da vossa Vitória. Podeis dizer com o Salmista, nesta hora da Prece "Ensina-nos, Ó Deus, a contar os nossos anos para que tenhamos coração sensato - ou dizer como Sto. Agostinho: Es Tu, Senhor, que incitas o Homem a procurar sua alegria nos teus louvores, pois, Tu nos fizestes para Ti... " - Louvado seja Deus!"

Meus Prezados Mestres Amigos - Juntos, unidos como estais hoje, agora aos Pés do Altar de Deus rezando esta Prece da Gratidão, vale a pena reviver as grandes momentos da nossa Vida, como na Bíblia Sagrada os Hebreus hauriam sua força na recordação dos acontecimentos de sua História. Não se trata, apenas, de uma Saudade do Passado, mas, sobretudo, de uma Presença deste Passado que foi uma Afirmação para vossa Vitória.

"Saiu o semeador para semear... Cairam as sementes em terra boa... E produziram frutos..."

Nesta Prece de Gratidão, podeis com o Salmista: "Deus, Tu és o meu Deus.." Ou como Sta. Teresinha do menino Jesus: "O Deus, Vós excedestes à nossa expectativa"-

Esta vossa busca de Deus, meus prezados, este vosso mergulho no Absoluto, é uma aprendizagem nunca terminada. Aprendestes na vossa Caminhada a soletrar o Alfabeto da Graça Divina. Aprendestes a balbuciar as Palavras do Divino Mestre. Sobre a Rocha da Fé. E sobre ela só, a Comunhão Fraterna se constrói - Homens de Fé, conciliados com seus irmãos, podem, como dizia Jesus, "apresentar sua Oferta no Altar". Obrigado, Senhor! - Deus, Tu és o meu Deus, o meu Deus em quem confio!

"Te Deum Laudamus - Te Dominum Confitemur"-

A Vós, Ó Deus, nosso Louvor! - Nós Vos Louvamos: Sois o Senhor! - Amém

Crato, 30 de Novembro de 1991 - Capela Sta. Teresa de Jesus.

Luis Carlos Augusto

BOQUEIRÃO DE LAVRAS, UM OÁSIS DA NATUREZA NO SERTÃO CEARENSE

Muito se tem escrito sobre as belezas naturais do Nordeste brasileiro. No entanto, tem-se palpado uma tremenda injustiça, a não inclusão neste rol, do esplendor natural do "Boqueirão de Lavras", este talhado tão polêmico, que tem atraído, desde épocas mais remotas, a atenção de cientistas, técnicos, poetas, escritores e ecologistas, alguns deles estrangeiros.

Acontece, que o acesso bibliográfico a respeito do "Boqueirão de Lavras" tem sido muito difícil, em face de ser pesquisada e manuseada apenas por pesquisadores e estudiosos. Por este motivo, estamos aqui tentando melhor divulgar alguns dados e informes em torno desta ainda desconhecida maravilha, reserva de paisagem extraordinária.

Anatomicamente o "Boqueirão de Lavras" é uma imensa garganta aberta, localizada na Serra do Boqueirão, onde o Rio Salgado penetra no seu leito até atravessá-lo. Segundo o escritor e sociólogo Joaquim Alves, o fenômeno em que

o Rio penetra a Serra aconteceu nos tempos das formações geológicas, em decorrência do alto volume d'água, ou seja, como diz o ditado "água mole em pedra dura tanto bate até que fura". Formada por duas pedras desconhecidas, aberta, portanto, na própria rocha, a referida garganta, que dá vazão, através do Salgado, a todas as águas fluentes do Sul do Estado, tem uma altura de noventa e três metros e uma largura de quarenta, com poço permanente à época da estação da seca, constituindo uma das mais lindas e fascinantes visuais que o ser humano possa contemplar. Uma atração supimpa do "Boqueirão de Lavras" é, indubitavelmente a "Caverna do Boqueirão", oriunda da desagregação, gradativa, da rocha, que tem um comprimento incalculável, vista que ninguém até esta data conseguiu chegar ao fim do túnel. A caverna, que tem forma de gruta, localiza-se a cem palmos acima do nível do poço, apresentando a configuração de uma abóboda achatada, servindo de moradia de milhares de vampiros (morcegos).

Geograficamente, o "Boqueirão de Lavras" localiza-se a cinco quilômetros da sede do município de Lavras da Mangabeira e conta com uma estrada, há pouco construída, que dá acesso através de automóveis e similares

Lendariamente, o "Boqueirão de Lavras" foi motivo de várias estórias relativas a fenômenos estranhos que eram observados, tanto no fundo do poço como no interior da gruta, as quais encontravam guarida na credulidade popular, salas ricamente atapetadas, mesas e altares, com lindíssimas toalhas, baixelas de metal precioso e um carneiro de ouro viam-se ali, em determinadas circunstâncias, toda envolta com os encantamentos próprios das quimeras, segundo o escritor Jarivar Macêdo. Historicamente, no século passado o Governo Imperial projetou a construção de um enorme reservatório no "Boqueirão de Lavras". Os estudos foram confiados ao engenheiro inglês Jules J. Revy, que chegou à conclusão da invalidade do empreendimento, face a diversos fatores, constantes a fragilidade do rochedo nos encontros do muro e dificuldade de se fazer um escoadouro sobre a rocha sólida. Uma outra vez, a imprensa cariense traz à tona o questionamento do abandono em que se encontra tão belo boqueirão, insistindo nas suas potencialidades turísticas, notadamente na necessidade de um balneário. Neste tocante, porém, por parte dos poderes públicos, nem por particulares, foi dado um passo. Já que o poeta Ant^o Augusto Gonçalves, no seu livro "Universos", que traz na capa a fotografia natural do "Boqueirão de Lavras", faz a seguinte crítica: "A sua imagem natural, uma das belezas mais vislumbrantes do Nordeste brasileiro, todavia jamais explorada pelos órgãos que se dizem competentes", em 1985.

O poeta e escritor Dimas Macêdo, que tem dezenas de obras publicadas, membro da Academia Cearense de Letras, tem no "Boqueirão de Lavras" uma das fontes inspiradoras do seu arsenal literário, no entanto não se conforma com a inércia do poder público, pois este está indiferente àquele facínio natural, recanto que poderia ser uma das atrações turísticas mais significativas do Ceará.

Já o professor universitário e escritor Linhares Filho, também membro da Academia Cearense de Letras, tem sido um defensor incansável do "Boqueirão das Lavras", mormente por achá-lo uma reserva poética e ecológica, em cujos potenciais turísticos e minerais são imprevisíveis na sua exacerbação.

Enquanto isso, permanece no anonimato, escondido e perdido em pleno seio do sertão cearense, o secular e lendário "Boqueirão de Lavras", maravilha rústica, todavia eterna e soberba que, por ironia do destino ou por ignorância, a história ainda não o incluiu entre as principais do mundo.

José Peixoto Júnior

ANIVERSÁRIO

Aniversário é a volta anual de determinada data. É o dia que completa o tempo de um ano ou de anos da mesma ocorrência. Na alternância dos dias e data genelética é o ponto final do ciclo.

Todo mundo faz aniversário, com festa ou sem festa. Alguns, contrariando a regra da volta anual da data natalícia, festejam o nascimento somente de quatro em quatro anos, num aniversário bissextil.

Constituiu enigma para mim a conversa de Edmundo e os irmãos, na residência de madrinha, em Jardim, a propósito da festa aniversária quadrienalmente dada por Pedro Sampaio, de Barbalha. Como poderia alguém completar mais um ano de vida somente de quatro em quatro anos? Dúvida de menino.

O meu caso também tem o seu quê enigmático. Não sei de outro pé-de-serrista que, como eu, aniversarie numa semana. Sim! o meu aniversário ocorre na Semana Santa. Nasci da quarta-feira de Cinzas à sexta-feira Santa, isso por volta do meio dia.

Objetarás: mas aniversário não se anuncia pelo dia, mas pela data! Tens razão, entretanto, é devido a data que esse meu fixa-se numa semana.

As informações orais sempre divergiam: umas se dão nascido na quarta-feira, outras na quinta, outras na sexta; todas concordantes quanto à hora - hora do almoço naquele dia de jejum. A unanimidade no momento do dar à luz confirma o primado do estômago. Transcorria uma daquelas Semana Santas em que se jejuava a partir da quarta-feira, observando as abstinências da Quaresma.

E a data? O livro de Registro de Batizados da freguesia do meu nascimento e batismo - Granito -, queimou-se num incêndio da secretaria da igreja de Nossa Senhora de Candeias. Nem sei porque as sacristias pegam fogo, ali não há pecado? Ou há? ! Garanto que o sinistro não ocorreu por descuido da Santa com a candeia!

A certidão manuscrita do Cartório de Registro Civil, à vista da qual vieram documentos de identificação, trazia a data num algarismo mal feito, duvidoso, que tanto podia ser tomado por um três como por um oito. Quem primeiro a utilizou para produzir papel público do meu interesse foi uma autoridade policial, que optou pelo três.

No Cartório, titular responsável pelo assentamento falecido, o livro

mostrava a data num cardinal dúbio, amarfanhando, impreciso no traço fechado do 8, não de todo limpo na abertura característica do 3, e omitida a denominação por extenso - oito ou três.

O Oficial de Registro ao tempo da minha verificação, à vista da cédula de identidade e título de eleitor, concordou em utilizar gilete para descaracterizar o oito, e, convicto, avivou o rabisco que o tempo descorara, avultando o três.

minha curiosidade excitou-se ante o enigma da data e saiu a procura da identidade verdadeira do algarismo anotado no livro de Registro Cartório de Granito, objeto da dúvida.

Recorri a esses "calendários permanentes", um abrangendo os anos 1801-1980 e outro 1829-2000. Em quais dias da semana caíram das datas três e oito do mês de abril do ano vinte cinco? Se uma delas houvera caído um sábado, ou domingo, ou segunda ou terça-feira, estaria desfeita a dúvida.

Seguindo-se os passos determinados na instrução do calendário obtem-se soma 6, para a data três, e a soma 11, para a data oito. Tais somas indicam o dia da semana na tabela própria do calendário: 6 - sexta-feira; 11 - quarta-feira; ambos dias grandes da Semana Santa, corroborantes das informações orais, persistência do enigma.

Resta determinar a data do domingo de Páscoa, naquele ano quando se precisará qual dos números - 3 ou 8 -, datou o dia grande procurado. A presença de um desses números excluía a do outro. Para tal determinação quer-se saber quando ocorreu a lua nova de março no ano referido. A celebração da Páscoa é no décimo quarto dia dessa lua, estabeleceu o Concílio da Cesária. Outra alternativa é encontrar a data da primeira Lua cheia no outono brasileiro daquele ano. O domingo imediatamente posterior foi o da Páscoa, conforme decidiu, na fixação dessa festa móvel dos cristãos, o Concílio de Nicéia, no ano 325, decisão que se reportava a primavera européia, correspondente ao nosso outono

Como vê, o meu enigma já deixa a terra e passa a oscilar entre uma neomênia e um plenilúnio, quase a exigir adivinhação selenomênica.

Lua nova, lua cheia, volvo-me entre duas luas. Recordo ao Poeta de Jardim:

*"São duas luas que vejo
Em beleza que extasia,
Vêm matar meu desejo
E me encher de poesia."*

LANÇAMENTOS LITERÁRIOS

"MENORIDADE", de Antonio Martins Filho

O Primeiro de uma série de 3 livros de memórias do Professor Antonio Martins Filho. Ex-Reitor da Universidade Federal do Ceará, está em circulação.

Abrange o primeiro período de sua vida, família, origens, nascimento, infância - a menoridade, enfim - que dá título à obra, escrita com os impulsos da própria alma, mostrando a extraordinária vivacidade mental do autor, sua memória extraordinária e seu fabuloso poder de síntese.

Martins Filho produziu uma obra que se alinha, com realce e destaque, na memorialística brasileira, em pé de igualdade com outros grandes escritores, na "escola Pedro Nava". O livro, saboroso, ingênuo, belo e puro, derrama-se em 295 páginas de leitura amena, com muitas fotos antigas, exalando um cheiro de saudade irreversível, das coisas de antigamente.

MENORIDADE (Memórias) foi impresso na Imprensa Universitária da UFC, 1991, e se constitui um vigoroso depoimento da vida e da obra do nosso ilustre conterrâneo, nos seus primeiros anos, quando se revela um espírito audaz e criativo, disposto a aceitar os desafios do mundo e afirmar-se pela sua robusta inteligência, determinação e incomum força de vontade. Uma bela obra.

“AS VIRTUDES DO PE. CÍCERO”, Pe. Neri Feitosa.

Dentro da linha a que vem se dedicando ultimamente, produzindo obras de cunho histórico e documental, sempre a favor da figura mística e controversa do Pe. Cícero Romão Batista, o Padre Neri Feitosa, virtuoso e culto sacerdote da Diocese do Crato, traz-nos este novo livro, em que enfoca, com prioridade, as virtudes do Pe. Cícero. Dividido em capítulos e estanques, como as virtudes físicas, naturais, cívicas, paranormais, sobrenaturais, de cada setor dessa multifórmica personalidade do carismático sacerdote, o livro cita autores e depoimentos diferenciados, todos a exaltar o sacerdote humilde que foi vítima de uma Igreja que não tinha, àquele tempo, a visão dos dias atuais. Pe. Neri juntou com precisão, cuidado e zelo, centenas de depoimentos em favor de Pe. Cícero, reunindo numa obra de fácil leitura, informações preciosíssimas, contribuindo para aclarar, para muitos, a imagem do Patriarca juazeirense. O livro foi editado pela Urca-Universidade Regional do Cariri, IPESC-Instituto José Narrocos de Pesquisas e Estudos Sócio-Culturais, e ICVC. Instituto Cultural do Vale Cariariense, os dois últimos de Juazeiros do Norte. Um belo livro, de pequeno formato, mas substancioso, viril, moderno, atraente e altamente útil aos que dispuserem a pesquisar a analisar a personalidade enfocada.

“EU E MEUS POBRES VERSOS”, de Maria Júlia Limaverde Vilar

O pesquisador, jornalista, poeta e escritor Jurandy Temótheo tanto teimou que conseguiu tirar do casulo da modéstia, onde há anos se escondia, a produção poética de Maria Júlia Limaverde Vilar, poetisa cratense, focalizando um ângulo pouco conhecido de sua personalidade. Os versos e depoimentos pessoais, de rara beleza e comoção produzidos por Maria Júlia, chegam ao público em edição reduzida, num livro de pequeno formato, editado pela Editora Gráfica Universitária, de Crato, Ceará, em Março de 1991.

Nem por isso deixa de ser substancioso, belo e altamente sentimental, pelo que nele se contém, fruto de uma alma amargurada e triste, mas que enxerga em cada pequenino detalhe da natureza uma motivação para fazer poesia. Maria Júlia é de rara sensibilidade poética, de grande beleza espiritual. Impõe-se a

continuidade de publicação do que ainda tem guardado, para revelar-se ao mundo as riquezas do seu esconjurado poético. Um livro muito bonito e singelo, mostrando um valor que o Crato possui e nunca se havia dado conta, a não ser por intermédio de uns poucos parentes e amigos privilegiados.

MONSENHOR FEITOSA LANÇA MAIS UM LIVRO

O Monsenhor Antônio Feitosa, prestigioso sacerdote da Diocese do Crato e figura notável pela sua cultura e inteligência, de par com suas aprimoradas virtudes, volta a encantar os leitores, com mais uma obra literária, de sua autoria. Trata-se de TROVAS LÍRICAS E SATÍRICAS, edição do Autor, Dezembro de 1990, Tipografia do Cariri, de Crato, com 108 páginas.

Volume de pequeno formato, mas rico em respiração.

Mons. Feitosa revela-se como sempre - profundo conhecedor da língua e nos mostra lado pouco conhecido - o de poeta, repentista e trovador, utilizando uma vastíssima temática e satirizando sobre os mais variados temas.

O Autor já lançou dez livros anteriores, sobre diversos temas, todos de grande aceitação. E o mais novo, TROVAS LÍRICAS E SATÍRICAS caiu no agrado geral pelas nuances de originalidades que nos oferece.

NOTÍCIAS CULTURAIS: UM JORNAL DEDICADO À CULTURA

Num dos raros empreendimentos de caráter nitidamente culturais, em nosso Estado, o jornal NOTÍCIAS CULTURAIS é digno de todo o incentivo e aplauso. Criado e mantido pelo escritor Geraldo Fontenele, é publicado periodicamente, abrigando em 4 páginas, tamanho normal, a produção cultural de jornalista, escritor, ensaístas, críticos e outras personalidades ligadas às atividades culturais, que, geralmente, não encontram espaço para as suas produções nos meios de comunicação tradicionais.

NOTÍCIAS CULTURAIS vai, assim, de vento em pòpa e cumpre fielmente a sua missão de maneira discreta e valente, sem recorrer às publicidades, mas, unicamente, ao grande amor que o seu diretor - proprietário tem as letras e as atividades culturais.

Um jornal assim mereceria, por isso, o apoio ostensivo das instituições

oficiais de cultura, que nele teriam mais espaço para sua projeção. Mas tal não acontece, tão vêsga é a posição dos donos da cultura em nosso Estado.

NOTÍCIAS CULTURAIS lembra, assim, a revista cratense ITAYTERA, há quase 40 anos mantida com imensos sacrifícios. Lembra A VERDADE, de Baturité, que o espírito teimoso e elevado de um pequenino grupo mantém naquela cidade cearense, e outras iniciativas esparsas, mas dignas de elogio, pelo vulto de suas realizações e do que representam no acanhado espaço cultural do nosso Estado.

OS PAPAS NA HISTÓRIA

PAPAS FRANCISCANOS

O primeiro franciscano a ascender ao trono papal foi Frei Jerônimo de Áscoli, que foi Superior Geral da Ordem. Foi eleito com o nome de Nicolau IV, aos 22 de fevereiro de 1288 apenas 64 anos após a morte do glorioso fundador da Ordem, São Francisco de Assis. Faleceu aos 4 de abril 1292. Seguiu-se-lhe o Papa Sisto IV, que foi também Superior Geral da Ordem Franciscana e cujo nome civil era Francisco della Rovere eleito aos 9 de agosto de 1471. Frade franciscano conventual, grande humanista e pregador de fama, mandou construir no Vaticano a célebre Vaticana. Faleceu aos 5 de fevereiro de 1484. Veio depois o seu sobrinho, Juliano della Rovere, que tomou o nome de Júlio II, eleito no conclave mais breve da história da igreja, aos 31 de outubro de 1503. Amigo das artes, protegeu Miguel Ângelo, Bramante e Rafael. A esse grande papa se deve a criação da Guarda Suíça, ainda existente, com a farda típica desenhada por Miguel Ângelo. Convocou o Concílio Lateranense V, com o lema: "Os homens devem ser transformados pela religião e não pelos homens". A Ordem muito lhe ficou a dever a construção da Catedral de Assis. Já muito antes, o Papa Gregório IX (1227-1241) começara a edificar a Basílica de Assis, para onde foram trasladadas, no dia 25 de maio de 1230, as relíquias do grande Traumaturgo. Faleceu Júlio II aos 72 anos, no dia 21 de fevereiro de 1513. Em seguida, vem Sisto V, eleito aos 24 de abril de 1585. O então conhecido cardeal Montalto era frade franciscano conventual que, como papa, se empenhou ardorosamente na reforma das ordens religiosas. Grande orador, caracterizou-se como um dos pontífices mais enérgicos da Igreja. Dentre tantas obras que realizou, em seu curto pontificado, figura o aqueduto "Acqua Felice", assim batizado pelo povo em homenagem aos seu nome secular Felix Peretti, com o qual procurou o papa resolver o angustiante problema de água de Roma. Falecido aos 27 de agosto de 1590, foi sepultado na capela Sistina, por ele construída na igreja Santa Maria Maior. Por último, figura o também famoso pregador e frade franciscano conventual Clemente XIV (Vicente Antônio Ganganelli), para cuja escolha num

difícil e tumultuado conclave, que durou três meses, foi necessário repetir 179 vezes a eleição, em fase das divergências entre as correntes que se batiam contra ou a favor da supressão da Ordem dos Jesuítas. Não resistindo às fortes pressões, o Papa Clemente XIV viu-se obrigado a extinguir a Companhia de Jesus, com o Breve datado de 21 de julho de 1773. Foi restaurada mais tarde, em 1814, no pontificado de Pio VII. Depois de muito padecimento, faleceu Clemente XIV aos 22 de setembro de 1774.

Foram, portanto, cinco os papas que vestiram o humilde hábito de São Francisco de Assis.

(do JORNAL "A VERDADE", Baturité, Ce. n.º 3015,
edição Julho/Agosto/91)

Raimundo de Oliveira Borges

DOIS COMENTÁRIOS

A VIOLÊNCIA E A FOME

Violência e opressão, coação, tortura, imposição de força contra direito.

Evidentemente, trata-se hoje de um dos problemas sociais mais graves de quantos nos afligem e para o qual, infelizmente, os homens de governo não atentaram ainda com a profundidade e a responsabilidade à altura de sua extensão e malefícios.

Problema complexíssimo, assenta, inegavelmente, as suas raízes, em especial, na economia reinante.

A insatisfação social, pela míngua, ou escassez dos meios de vida, excita descontrola o sistema nervoso do indivíduo, quando normal inibitório do impulsos violentos, expondo-o à prática dos mais hediondos crimes.

Não há dúvida, portanto, que o fenômeno prende-se estreitamente, ao desequilíbrio tremendo o ocorrente entre os diversos segmentos da sociedade.

Enquanto a indústria enriquece extraordinariamente minorias privilegiadas, o comércio abre as portas da fortuna aos especuladores, as mordomias golpeiam, profunda e criminosamente o erário público, os postos de direção, ou do poder, são entregues na sua maioria aos corruptos e inextruculosos a agricultura desassistida marcha a passos de cágado, reduzindo a produção e ameaçando a própria subsistência da comunidade.

A massa inumerável vegeta afundada na miséria total, sem saúde, sem educação e com fome. Esta grassa, na verdade, assustadoramente, porque o que produz não corresponde mais ou não atende mais à satisfação das primeiras necessidades.

A procura excede de muito à oferta e os preços conseqüentemente explodem inacessíveis ao magro poder aquisitivo da maioria absoluta. A doença,

como resultado do depauperamento orgânico, ronda os lares pobres, dizimando-os: a ignorância, por falta de meios para o estudo, maximé de dinheiro para o pagamento das taxas escolares escorchantes e para a compra de material escolar de preço cada vez mais inacessível ao pobre, são causas, entre muitas, das diáteses sociais que nos aviltam, quando não nos destroem. Por isso, a marginalização aumenta e cresce prenhe de ameaças, porque rebeldias são antes de tudo o desabafo cruento dos que sofrem.

Antes de ser jurista, o legislador hoje deveria ser sociólogo, Sociólogo não somente de Casas Grandes, de Nobiliarquias, de Brazões, mas sociólogos da pobreza, da miséria, dos que não tem pão, não tem casa, não tem sossêgo. Da fome crônica que teve em JOSUÉ DE CASTRO, na "Geografia da Fome" e outras obras congêneres, igualmente valiosas e impressionantes, o divulgador até hoje insuperável.

Não adianta inserir nos códigos repressivas regras de punição do sequestro, dos roubos, dos assaltos, dos arrombamentos de Bancos, do estupro, da sevícia e de toda a sorte de crimes, se não se procura erradicar as causas, as origens dessas anomalias ou desses motivos de desagregação social.

Para indicar o remédio adequado ao doente, o médico tem que investigar previamente a causa da doença para que possa proferir com acerto o diagnóstico e a maneira correta de curá-la.

A Criminologia moderna deve inspirar-se para esquematização de suas teorias não mais nos caracteres antropológicos somente, estudados por LOMBROSO, FERRI, INGENIEROS e mais sumidades na matéria, mas na fome também, que se tornou universal, e que é, sem contestação, o caldo de cultura da criminalidade avassalante que nos intraquiliza e traz o mundo de permanente insônia, abalado pelas notícias a toda hora veiculadas de catástrofes, mortes e crimes os mais revoltantes.

Então, ao invés do lançamento de misseis, da construção de usinas atômicas, de viagens inter-planetárias, que custam o olhos da cara das nações, e até o plano mirabolante da edificação de cidades aéreas, ao invés do investimento de somas fabulosas nessas obras de destruição, que parecem enlouquecer a humanidade, deveriam tais somas ser aplicadas em escolas, hospitais, na exploração da agricultura, convertendo-se cada marginal - muitas vezes marginal à força - num elemento útil à família, à pátria, à comunhão fraternal dos povos.

Ai sim, dando convivência harmoniosa e digna ao homem, que aplicassem então normas de repressão contra aqueles que, não obstante desfrutando de boas condições para uma conduta honesta, se mostrassem indóceis, infratores das regras lícitas de comportamento social.

Querer, porém, extinguir a violência da face da terra sem antes antentar para suas causas, e removê-las racional e humanamente, afigurase-me, para usar a imagem corriqueira, malhar em ferro frio ou tapar o sol com peneira.

O campo se despovoa entre nós. Mas, por que se despovoa o campo? Um dos motivos principais desse êxodo, senão o único, é a falta de assistência nesse setor das nossas atividades por parte do poder público. Eete tem verbas sem limite para os Bancos em que se aninham os ladrões dos dinheiros do povo, anistiando-se quando quebram, mas extiguem as Carteiras do Crédito

Agrícola, os investimentos para a melhoria das propriedades, para a aquisição de máquinas e utensílios insispensáveis ao incremento da produção, sobrecarregando-se os rurícolas com impostos e juros extorsivos, montando-lhes encima a máquina de sucção do INCRA, matando, enfim, o estímulo do desenvolvimento agrícola. Eis os motivos do êxodo rural crescente. Os que ali lidam com fome e sem esperança, acossados ainda mais no Nordeste pelas secas periódicas, fogem para as cidades grandes, para as favelas, vão engrossar a coorte dos analfabetos, dos criminosos de todos os feitios.

E não é de hoje que os estudiosos dos nossos problemas, notadamente interioranos, como EUCLIDES DA CUNHA, por exemplo, apontam aos nossos representantes o caminho a seguir.

Finalmente, a violência só tem uma causa predominante: a fome. Não a fome de comida apenas, mas a fome maior, origem de todas as outras, a falta de tratamento justo para todos, adotando-se de fato o princípio da igualdade não só consoante a expressão fria da lei, mas dentro da realidade pura das necessidades sociais.

O ESTILO DE JOSÉ LINS DO RÊGO

A crítica certa crítica-entre outros defeitos na obra de José Lins do Rêgo, aponta o da pobreza de seu estilo.

Para mim, essa imaginária pobreza constitui, ao contrário, a riqueza da atraente maneira de escrever do consagrado romancista.

A gente lê páginas e mais páginas de suas obras sem necessidade de recorrer a dicionários. Estilo enxuto, sóbrio, claro, fácil de entender, por mais transcendente seja o assunto de que se ocupa o escritor.

O estilo considerando rico, pomposo, rebuscado, cansa, entada e, afinal desinteressa o leitor.

O autor de "MENINO DA PORTEIRA" não usa nos seus escritos expressão alguma que não seja própria, justa, oportuna na definição da idéia ou do enredo que desenvolve.

O que na verdade torna o estilo agradável é, justamente esse poder de identificação que se estabelece entre o autor e o leitor, e esse poder Zélin's possui como poucos dentre os homens de letras deste País.

A adjetivação excessiva, o preciosismo da frase, a pomposidade verbal de Coelho Neto é que o lançaram quase no esquecimento em que vive hoje.

Comecei muito jovem as minhas leituras por Alencar, Taunay, Macedo, entre prosadores, e Casimiro, Gonçalves Dias, entre os poetas. Uma iniciação vã-lida, animadora.

Ao penetrar, porem, certa vez, na floresta vocabular de Coelho Neto, intriguei-me de logo com o homem ao ler em certa passagem de um dos livros expressão "grito estentóric".

Para que isto? Crito é grito mesmo, pensei, é elevação da voz, indica por si só a ideia de estridência.

Isto não se dá com o autor de "BANGUÊ".

Abre-se um livro do paraibano e vai-se, como disse, do começo ao fim sem necessidade de compulsar os léxicos. E a leitura prossegue de tal maneira envolvente que a gente começa a não querer deixar mais a obra antes de revolver a última página. Milagre que ele consegue com o "estilo pobre", sem suntuosidade verbal que lhe atribui a crítica desarrazoada.

Manejando apenas com habilidade o vocabulário comum corrente da língua, o grande romancista não se repete, as idéias e as situações que focalizam fluem claras da sua pena, límpidas como as águas cristalinas da fonte, muito mais saborosas ao paladar do que as que se derramam nas enxurradas verbais.

A vida, o cenário de sofrimento e luta do Nordeste açucareiro e das secas estão em José Lins do Rêgo Cavalcanti.

A força telúrica da região conferiu grandiosidade à sua obra, que veio para ficar como marco indestrutível na história da literatura brasileira.

Raimundo de Oliveira Borges é Presidente do Instituto C. do Ceará

Luigi de Micheli

BRUNO PEDROSA

ARTISTA CEARENSE INTERNACIONAL

O artista plástico, pintor e escultor, Bruno Pedrosa, residente na Itália, tem sido alvo de elogiosas referências nos maiores centros da Europa. É o caso do escritor e jornalista Luigi de Micheli, que, sobre o nosso conterrâneo de Lavras da Mangabeira escreveu:

Onde vai a pintura?

Onde vai a pintura de Bruno Pedrosa que, precisamente, procura com tanta intensidade a pintura em si? Porém também poderíamos afirmar que este "nenhum lugar" é o lugar natural da pintura como verdadeira arte, pura criação espiritual do artista que não busca mais que a si mesmo e não pretende nada além da sua própria realidade.

Nas criações abstratas de Pedrosa a incômoda imposição deste "nenhum lugar" é uma exigência inevitável. E esta busca a "nenhum lugar" é o que faz da sua maneira de se expressar uma criação artística das mais significativas e humanas. Que busca uma espiritualidade dentro de uma temporaneidade. Que o obriga a manifestar-se como um objeto material.

Novamente estamos diante de um grupo de quadros nos quais se faz visível esta procura. São os mesmos abstratos e são diferentes, porque foram realizados em um tempo e impõem ao criador sua própria necessidade de mudanças, a afirmação de uma liberdade que não pertence ao artista mas à sua criação. Durante um longo período Pedrosa parecia haver encontrado a segurança que necessitava no desenho e parecia estacionado nesta área de criação. Porém a criação, a pura força da pintura para o verdadeiro artista, não se resigna nunca a qualquer limite: uma ausência de limites. O desenho, arbitrariamente eleito não é visível na sua obra atual. Nesta destruição da forma, ou ausência da estrutura gráfica, é que surge a força dos seus abstratos.

Existem um número infinito de possibilidades e sugestões nesta nova série de Pedrosa. A luz aparece nos traços fortes e nas cores quentes de dentro para fora. É certamente a luz do espírito, das recordações. Ao artista e ao homem Bruno Pedrosa não interessa um esquecimento do seu passado, ao contrário, se mantém voluntariamente prisioneiro das suas recordações, da sua infância no nordeste do Brasil, presente constantemente nas cores dos seus abstratos. É esta a sua maneira de ser livre. Uma maneira própria da arte. Agora os fantasmas de Pedrosa nos pertencem.

Sem perder seu caráter de brasileiro e nordestino, um homem da linha equatorial, muito pelo contrário, acentuando-os sempre, Pedrosa se torna cada vez um artista compreendido e procurado na Europa e principalmente na Itália, onde vive e trabalha. Seus quadros de formas abstratas que em si poderiam não significar nada, ao contrário significam tudo. A ordem que na arte encontra para si mesmo, através da mediação com a figura do artista converte o particular em geral e volta a reiniciar seu próprio caminho. Percorrendo este caminho Pedrosa com sua capacidade e sensibilidade criadora, converte em formas, cores e texturas, plenas de ecos e ressonâncias a sua agressiva luminosidade, voltando sempre a um princípio sem princípio para chegar de um modo inevitável a este fim sem final que se constitui a sua obra. Graças a este próprio temos agora esta nova série, nos quais não podemos deixar de reconhecer para nosso prazer e nossa inquietude, uma exigência imóvel que mostra o nosso artista, mantendo-se sempre fiel ao movimento dentro do qual continuamente se destrói a si mesmo para voltar à possibilidade de constituir-se uma vez mais, sempre uma vez mais. Porque a própria exigência consiste na incapacidade de chegar a qualquer lado, a qualquer lugar que não seja aquele, livre e soberano onde a pintura descansa no renovado milagre de sua própria visibilidade.

(Tradução de Elinor Garnerio)

RIO SALGADO

*Vai longe o tempo. Era lindo
Nas Lavras da Mangabeira
Ver o rio que, sorrindo,
Rolava nas ribanceiras.
Alva espuma era formada
Enquanto gente, encantada,
Para o local acorria,
Querendo ver da barragem
toda água que fluia
Pedindo, ao largo, passagem*

*Rio chamado Salgado
Em razão de que foi posto
Esse nome em você?
Mil vezes senti seu gosto,
Molhando em você meu rosto
Nas suas águas brincando,
Porém jamais encontrado
Qualquer sabor menos doce
Por uma só vez que fosse*

*Rio que me traz lembrança
Dos meus dias de criança
Nas Lavras da Mangabeira
Onde estão as goiabeiras
Que floriam à sua margem?
E o pé de cajarana
Dos meninos a imagem?
Será qua a força tirana
Apelidada de progresso
Entrou sem tirar ingresso
Em nosso mundo encantado*

*Matando nosso passado?
Oh! Rio Salgado doce
Rio Salgado por quê
Você p'ra mim é doçura
Porque tira amargura
De que não ter onde beber.
Sua águas cristalinas,
Impolutas, sem labéu
São como bençãos divinas
São mensageiros do céu.*

*Quem me dera, nesta hora
Fazer-me ouvir na distância
E outra vez, como outrora,
Nos tempos da minha infância
Ao rio dos meus amores
Confiar todos os prantos;
Confessar os meus temores
Ao rio dos meus encantos.
Quisera, por um instante,
Olhar você do mirante,
Ver novamente o painel
Onde a mão da natureza
Fez ressaltar-lhe a beleza
Nas cores do seu painel.*

Hilne Costalima é natural de Lavras de Mangabeira

Frei Agatângelo de Crato

POESIAS

Reposta de Mãe

*Pedrinho chegou,
Radiante, contente,
Feliz com quê,
Naquele dia.*

*A Mãe exultou,
Quando ele a abraçou,
E bem baixinho,
Ao ouvido,
Um segredo lhe contou:*

*"A merenda eu dei.
O pão com manteiga,
À pobre velhina,
Ali na esquina.
Os biscoitos ...
Joãozinho os comeu.
Coitadinho,
Fora pra escola
Sem tomar café.*

*Você não se aborrece,
Você não se zanga,
Você não reclama,
Não é mesmo, Mamãe?"*

*Um beijo ardente,
Todo carinho,
A resposta da Mãe.
As lágrimas felizes
A voz lhe embargaram.*

*No dia seguinte,
Pedrinho, contente,
Bem aumentada,
A merenda encontrou.
E junto um escrito:
"A porção de Joãozinho".*

Fr. Agatângelo de Crato (Feira, 27-04-68)

Crato, adeus!

*Crato, adeus!
Foi para mim,
Filho que te ama,
Grande júbilo,
Alegria imensa,
Motivos de orgulho,
Rever-te agora,
Próspero e belo.*

*Hoje, com tristeza,
Com saudade infinda,
Devo deixar-te
E te digo: Adeus!*

*Não pares,
Crato amigo,
Segue teu caminho,
Impávido como sempre,
No afã constante
De melhores dias
Pra teus filhos.*

*Sê fiel,
Te peço,
As tradições
De fé,
De civismo,
De bravura
Dos heróis
Que te fizeram.
Crato, adeus!*

Fr. Agatângelo de Crato (Crato, 27 07 68)

Era uma vez...

*Era uma vez...
Assim começavam
Aqueles estórias.
Que prazer sentia,
Quando a titia
Com calma dizia:
"Era uma vez..."*

*Ainda me lembro.
E como esquecer
Todo o prazer
De ouvir
Uma estória a mais?
Era uma vez...*

*Titia começava.
Vinham príncipes.
Vinham princesas,
Crianças e velhos.
Tudo aparecia
Nas estórias
Tão queridas
Da velhina.
Era uma vez...*

*Ah, que bom seria,
Que ótimo, Senhor,
Se ainda voltasse
Aquele tempo ditoso
Das estórias da titia.
Era uma vez...*

Fr. Agatângelo do Crato (Feira-BA 15.02.70).

Que é Natal?

*É Natal!
Gritou-me uma criança,
A sorrir.*

*É Natal!
Falou-me um jovem,
Contente de si.*

*É Natal
Disse-me um velhinha,
Com muita alegria.*

*Que é Natal?
Perguntei.*

*É Papai Noel.
São os brinquedos
Que vou receber.
Gritou a criança,
A sorrir.*

É só isso o Natal?

*É dança.
É folgado.
São presentes.
Falou o jovem,
Contente de si.*

*O Natal, que é mais
De novo perguntei.*

*Natal, meu filho,
Disse a velhinha,
Cheia de alegria,
É a prova de amor
De Deus por nós.*

Fr. Agatângelo de Crato (Feira de Santana-Ba., 24.12.72)

O mendigo

*Faz oito dias.
Tarde de sol.
Tarde ardente
Do Nordeste.*

*Em Recife,
No meio de uma ponte,
Um mendigo,
No chão sentado,
A pedir esmolas.*

*Passei.
Como eu,
Passaram tantos,
Talvez sem perceber
Sua presença ali.*

*Ele, cantando,
Talvez nem pensasse,
Talvez nem sentisse
A dureza da vida.*

*Passei.
Olhei.
Comigo
Pensei:*

*Por aí a fora,
Há muitos,
Um sem número,
Com saúde,
Com riqueza,
Sem a tranquilidade
Do mendigo,
No chão sentado,
A pedir esmolas.*

Fr. Agatângelo de Crato (Feira, 27.09.75)

Audálio Gomes Alves

POEMAS

Relógio de Algibeira

*O moço viu o relógio,
Dele logo se encantou.
Puxou do bolso dinheiro,
De imediato o comprou.*

*Guardado na algibeira
Do seu dono, moço antigo,
Marcou pela vida inteira
As horas do bom amigo.*

*O moço envelhecia,
Seu cabelo agrisalhava.
Enquanto na algibeira
O relógio trabalhava.*

*Era com muito carinho
Que seu dono o consultava,
Mas no contato com as mãos
Pouco a pouco se desgastava.*

*Iam assim os dois vivendo
Momentos bem agradáveis,
E juntos envelhecendo,
Amigos inseparáveis.*

*Quando o seu dono deixou
Essa vida passageira,
Subitamente parou...
O relógio da algibeira.*

*Na vida trouxera a sorte
Acompanhando o seu dono.
Marcou a hora da morte
Renegando o abandono.*

Rio, 07 de outubro de 1991
Homenagem póstuma ao meu pai Raimundo Alves Pereira

Amor de Cada Porto

*Na vastidão do oceano
Vai o navio a navegar,
No bojo leva marujos
Com muitos dias de mar.*

*Do porto ele se aproxima
Sem nenhuma cerração.
Lança ao cais a retinida
Com certa precisão.*

*Alça espias nos cabelos,
Reforça a amarração.
Por fim o navio apita;
Terminada a atracação.*

*O marujo pisa o chão,
Radiante de alegria.
Vai fazer sua atracação
No coração de Maria.*

*Na bagagem do marujo
Há otimismo de sobra.
No sorriso há malícia
Pra fazer sua manobra.*

*O seu semblante é de calma
Ao deixar o mar revolto.
Se entrega de corpo e alma
Ao amor de cada porto.*

*Depois parte novamente,
Diz à amada: - até um dia!
Lá vai ele certamente
Pros braços de outra Maria.*

Prêmio Edição AMOR NA LITERATURA - 1991 - Litteris Editora

Desabafo Nordestino

*Ele veio de bem distante,
Do sertão, longe do mar,
Onde as morenas têm quebrantos
E enfeitçam com um olhar*

Vende-se de tudo na feira:
Rapadura, farinha, pamonha;
Mulher bonita e faceira.
Não de compra, lá se ganha.

Mas, se a seca vem novamente
E não chove o ano inteiro,
Desse sol firme e inclemente,
Só escapa o juazeiro.

Secam o rio e o açude,
No campo nenhum orvalho,
Procura o vaqueiro rude
Onde dar água ao cavalo.

Morre o gado, a plantação,
Racha o sol o duro chão.
Vai-se embora o sertanejo
Levando desilusão.

Mas se o inverno chegar
E verdejar novamente,
Volta morto de contente
Pro seu querido lugar.

Aqui no sul não é gente;
Chamam-lhe de pau-de-arara,
Comida de carcará,
Cabeça chata e indigente.

Pondo de lado a modéstia,
Desabafa de repente:
Sou um cabra da molesta,
Trabalhador e decente.

Também lá na minha terra,
Tem coqueiro e sabiá,
"As aves, que aqui gorjeiam,"
Também gorjeiam por lá.

Tenho orgulho de falar:
Sou da Milagres sofrida...
Para mim a mais querida,
Do sertão do Ceará.

Prêmio Edição - ANUÁRIO DE POETAS - 1991 - Litteris Editora

Flor (Boa Noite)

*Num ramo a flor
Adentrou a janela,
Querendo, a quem sabe,
Talvez me saudar!
E era tão simples.
Bonita, singela...
Que coisa mais bela,
Na brisa a bailar!*

*Medrando ali perto,
Em terra ubertosa,
Em antigo vaso
Que ela decora,
Está sempre à vista.
A flor tão mimosa,
Na sua cor rosa,
Dancando lá fora.*

*Bailando à brisa
De fresca matina,
Ou na tarde quente,
O sol a crestar,
Demonstra alegria,
Pois, de certo, atina
Com meiga menina
Que a venha regar.*

*Vendo-a tão bela,
Ali perto, à mão,
Um tal sentimento
Me vem enlevar,
Que sonho fazer
U'a linda canção
Na firme intenção
De sempre a lembrar.*

*O nome da flor
Que adentrou a janela,
Querendo, quem sabe,
Talvez me saudar,
É a "BOA NOITE",
Tão simples, singela...
Que coisa mais bela,
Na brisa a bailar!*

Voltando às origens

*Quando partí daqui, quase menino,
Já levava no peito uma saudade,
Companheira constante, na verdade,
Perseguindo sem trégua o peregrino.*

*Então em mim, durante a mocidade,
Bem distante, depois, noutro destino,
Despertavam as lembranças de menino,
Do tempo em que vivi nesta cidade.*

*E nesse "filme", coisas que deixara,
Os engenhos, as fontes, brincadeiras,
As mangas, outras frutas, o pequi,*

*Casas e ruas, em que eu morara,
Exoram: Torna às plagas fagueiras!
- Meio século depois me encontro aqui!*

Crato, 3 de março de 1990.

José Peixoto Jr.

Muage

*Lá no mei da madrugada
Eu acordava e ouvia
O fungado da boiada
Na manjarra qui ringia.*

*O ingém quebrando cana
Só s'iscuta o istalo,
Todo dia da sumana
Derde a cantada do galo.*

*No coice o boi Sirigado,
Adiante o boi Coração,
O premero cum Bargado
E o ôto cum Gavião.*

*Os quato de dois im dois
Junto pur canga e cambão,
Atado os chifre dos bois
Pra invitá cunfusão.*

*No quilariá do dia,
Quando a barra vem quebrano,
Da garapa qui curria
O paró tava isborrano.*

Boi Canaro, Bentevi,
- Troca os boi da madrugada - ,
Boi Bunito, Munduri,
Duas junta discançanda.

Bota fogo na fornaia
Assobe a fumaça iscura:
Vem a cana, fica a paia,
O mé vira rapadura.

E o mundo da bagacêra
Instindido aos pés da gente
Cum licão pra vida intêra
Muitas de coisa indecente.

Ingém qui quebrava cana
De madrugada e de noite:
A cana rosa, a caiana:
Boi no ferrão, no açoite.

Que qui aconteceu dispois?!
Falá nisso nem convém,
Num sei ponde foi os bois
E se acabou-se o ingém.

Cadé o ingém de ferro?
- Perguntei e ninguém disse -,
Nas suas moensa enterro
Toda a minha mininice!

Brasília, junho/87

O gosto que o cheiro tem

O gosto que o chêro tem
Só sabe quem viu na vida
A rapadura mixida
Numa gamela de ingém.

A carga da cana rosa
Quando o cambiteiro arreia
Parece até qui vem cheia
Daquela olença gostosa.

Isprimida na moenda,
Se dismanchando im garapa,
O chêro qui dela iscapa
Enche tudo qui é de fenda.

Daí rola pu paró
Num-a bica de madêra
Aí a garapa chêra
Um chêro só dela só.

*Assim é a vida: flor desabrochando...
Imagem da esperança despertada,
Da aurora, a luz, de nivea claridade*

*E como o berço onde adormece o dia
No momento de paz da "Ave-Maria"
Esta vida é crepúsculo. É Saudade.*

Saudade

*Saudade existe. Aonde? - Não importa!
...No olhar sem luz, no sonho adormecido.
No peito arfante que o sofrer comporta
Magoando mais um coração dorido.*

*Saudade existe em cada folha morta
Na flor que cai, no galho resequido...
Na paz pungente que soando à porta
Ecoa triste como atroz gemido.*

*Saudade existe no chorar da fonte
Na brisa mansa, no silvar do vento,
Na languidez de um raio de luar...*

*Na estrela que cintila no horizonte!...
Saudade existe em nossos pensamento
Quando um amor que se foi nos faz lembrar.*

Saudade

*Saudade é um sino triste bimbando
Na igrejinha branca de uma aldeia;
É um violão sonoro dedilhando,
De uma noite, ao lado da lua cheia*

*Saudade é um rio cheio transbordando
Lançando ao longe turbilhões de areia;
E a cachoeira se precipitando
Jogando as águas no furor que ateia.*

*Saudade é uma manhã de sol nascente
Com gotinhas de orvalho ornamentando
As flores de um jardim, desabrochandas...*

*E a gente a contemplá-la docemente
Percebendo que em nós estão faltando
Todas as alegrias desejadas*

A Rosa

*No esplendor de sua deslumbrancia
Suave e meiga, ativa e majestosa,
Espargindo do encanto a exuberancia
É das flores, rainha - a mais formosa!*

*Evolando no ar doce fragância
Emanada das pétalas sedosas
Ostenta com afago a elegância
Que lhe tornou a flor mais vaidosa*

*No apogeu da glória e da beleza
Com porte magistral, serenamente
Irradia doçuras e carinhos*

*Mas, como a vida, cheia de surpresa,
Entre as pompas que exhibe docemente
Não deixa de também ter seus espinhos!*

Estrela Fugitiva

*Estrela esplendorosa que correste
No espaço azul em busca de outros mundos
O clarão cintilante que acendeste
Não se apagou por estes céus profundos*

*Chispas acesas que ao passar desceste
Quais vestígios inapagáveis fundos
É o marca que ficou quando correste
No azul sem fim, em busca de outros mundos.*

*Teu fulgor de diafano alabastro
Deixou gravado indesfrutível rastro
Feito da alvor de pura claridade*

*Contigo conduziste as esperanças
Mas pra sempre ficaste nas lembranças
Gravadas nesta luz feito Saudade!*

Zênith Feltosa

Contemporaneidade

*Se os meus versos ecoarem no futuro,
em cânticos de amor sonoro e infindo,
com timbre apaixonado, eu te asseguro:
- neles tu estarás repercutindo!*

*Essa a imortalidade que procuro,
fantasias belíssimas nutrindo...
Que o incognoscível mescle-se ao obscuro,
eternizo-te em versos! É mais lindo!*

*Enfrentamos, pois, em desafio,
as idades e o Tempo, sempre juntos,
e quantos vierem te conhecerão.*

*Através dos meus versos, eu confio!
- Haverá em seus líricos assuntos
contemporaneidade de Emoção!*

Gaiola Lírica

*Sinto que vem do íntimo o sorriso
que aflora à boca e é só ternura, quando
com os olhos de minha alma o visualizo
no pé de jambo as asas agitando...*

*Passarinho tão belo! A voz é guizo,
nas manhãs claras, sob o sol vibrando.
Mas, em lembrança linda, ora o diviso
em fria e leve chuva se banhando.*

*Fico-me boquiaberta a contemplá-lo:
Sacode-se... dos ramos faz embalo...
- Travessa criança que Deus criou para o ar!*

*É livre como os ventos do Universo.
Prende-o só a gaiola do meu verso
mas, quando a quando, se abre e o deixa voar!*

Raimundo Araujo

O MÁRTIR DO CALDEIRÃO

José Lourenço Gomes da Silva chega a esta cidade, acompanhado de Lourenço Gomes da Silva e Tereza Maria da Conceição - seus pais - e de três irmãos: Joaquim, Maria e Inácia.

Atraídos pelos Milagres e pela fama do Padre Cícero Romão Batista, emigraram para Juazeiro, aqui chegando no ano de 1890. Nessa época, Zé Lourenço tinha apenas, 20 anos de idade. Não obstante ter sido piedoso e membro de uma ordem religiosa denominada "penitentes", era um homem trabalhador, sério, honesto, humano, simples, bom, caridoso e justo.

Deixando Juazeiro onde viveu pelo espaço de dois anos, demanda ao Sítio Baixa Danta, no Município de Crato, de propriedade do Coronel João de Brito, arrenda parte da referida terra, e, logo após inicia o trabalho de agricultura, transformando, posteriormente, aquela gleba de terra, antes árida e improduti-va, num pequeno pomar, e, ao lado deste, uma bem cuidada cultura de algodão, cereais, inclusive plantas e hortaliças.

José Lourenço foi uma das maiores vítimas da maldade dos homens de seu tempo, pois além de perseguido, foi apontado aos revolucionários de 30,

por um pugilo de despeitados, como sendo um elemento extremamente pernicioso.

Fugindo das tropas que tentavam prendê-lo, abandonou todo o seu trabalho, com o seu pessoal, e procurou asilo num lugar seguro, bem distante de seus desalmados perseguidores.

Durante sua ausência, que durou dois meses, os perversos abriram seus cercados, e o gado invadiu suas plantações, causando-lhe incalculável prejuízo. As portas de sua residência foram rebentadas e todos os objetos domésticos roubados. Atitude própria de gente covarde e má.

Quando os revolucionários se conscientizaram da improcedência das acusações e o abandonaram, ele voltou aos seus domínios, e com aquela admirável resignação que lhe era peculiar, reuniu toda aquela gente que o acompanhava e reconstituiu tudo que havia perdido.

Zé Lourenço era um pacifista, dócil de natureza, sempre dispôs de agradados, mas nunca se serviu deles para cometer uma injustiça e nunca desrespeitou uma autoridade, não! Era um homem comportado. Era um homem de bem.

Preso uma vez em Juazeiro por ocasião de uma eleição, foi posto em liberdade por seus amigos, porque nada fizera para se subtrair às garras da polícia, que, sem nenhum motivo, violenta e covardemente o detivera.

Durante a Revolução de 14, não se contaminou do delírio daquela luta; o que não se deve atribuir falta de interesse pelo resultado da mesma, pois ninguém foi mais fiel ao Padre Cícero do que ele.

Pelo anos de 1936, o proprietário do Sítio Baixa Danta vende o terreno, e o novo dono exige a entrega da faixa de terra ocupada pelo beato. Não há provas escritas, comprobatórias, a respeito deste detalhe, em contrapartida, há quem acredite que o antigo proprietário, o Cel. João de Brito, vendera aquele terreno, para se libertar de José Lourenço, que já não agradava ao Governo... Ó Tempo-ra, ó Moras! E assim, mas uma vez, Zé Lourenço perde tudo que possuía.

Naquele tempo não havia sindicato rural, nem leis trabalhistas, protegendo o homem do campo. Posto fora da terra, e sem indenização, o beato se transfere para o "Caldeirão da Santa Cruz", de propriedade do Padre Cícero. Nova etapa na vida de Zé Lourenço. Desta vez, um pouco mais árdua ainda.

Residindo no Caldeirão, o beato reinicia nova vida. Parece até que esquecera as injustiças de que fora vítima, em Baixa Danta. Engaja-se na Agricultura com afinco, disposição e têmpera. E dentro de pouco tempo, aquela terra árida do Caldeirão fica totalmente transformada.

Laborioso agricultor, edificou sua casa, um engenho de madeira, fez roças, cercou-as de pau-a-pique, sentou sólidos cancelões e começou a plantar. Ao mesmo tempo, outras casinhas se foram levantando em derredor de sua residência, o que concorreu para aquele deserto transformar-se num agradável arraial.

A partir daí, o Caldeirão ficou sendo uma excelente propriedade, com núcleo de população trabalhadora e obediente ao beato, que a orientava para o bem, dentro da mais rigorosa ordem. Ali não se via armas, além das destinadas ao trabalho: machado, foice, enxada, etc.

Dois grandes açudes se ostentavam: um, no riacho do "Escondido" e

outro no riacho Caldeirão, medindo a parede deste, 36 braças de comprimento, 18 de altura e 13 de base. Foram ambos, obras do esforço pessoal do beato, auxiliado por algumas mulheres. O Caldeirão foi concluído durante o ano de 1932.

Ao longo das estreitas grutas que ficavam abaixo dos reservatórios alargados a picareta, um desenvolvido canavial, 400 pés de laranjas, 100 jaqueiras, coqueiros, umbuzeiros, roseiras, fruta-pão, guabirabeira, jambojões, mamoeiros, eucaliptos, plantação de piteira, de palmatória, de capim, tudo tratado com bastante esmero! E como se não bastasse, ao lado, grandes plantações de algodão.

Todas essas plantações de espécimes pomareiros, feitos em terreno impróprio e conquistado aos barrancos dos riachos, revelam um esforço ciclópico do beato.

A população do Caldeirão era constituída de cinco mil pessoas, entre as quais, trabalhadores e fanáticos, guiados por José Lourenço. Todos trabalhavam, inclusive ele. O produto da lavoura era depositado em armazéns e distribuído de acordo com as necessidades de cada um.

Eram cinco mil almas que ali habitavam, contudo, jamais se ouviu falar num crime de morte. Autores de defloração eram presos e encaminhados para Juazeiro, cujas autoridades resolviam os casos. O beato tinha ascedência moral absoluta sobre o povo. Não havia armas entre os fanáticos, nem mesmo faca de ponta. Não funcionavam "cortes celestes", nem "ordem de penitentes". Havia, sim, novenários com cânticos, benditos e orações.

A fama de Zé Lourenço crescia. O Caldeirão desenvolvia-se a olhos vistos. Para lá, se deslocavam grandes contingentes de fiéis dos municípios vizinhos, notadamente do Crato. Dava-se escassez de braços para os engenhos e fazendas. Surgiam, então, o despeito e a inveja da parte de alguns proprietários de sítios. Elementos de clero caririense, entre os quais, os Monsenhores Assis Feitosa e Joviniano Barreto alertavam as autoridades contra o "quisto" que ali se formava, segundo afirmação deles.

Além de uma prisão já sofrida pelo beato, a mando do Dr. Floro, quando ele ainda vivia em Baixa Danta, uma outra teria sofrido, desta vez, já no Caldeirão. Toda a sua vida foi palmilhada de uma constante perseguição à sua pessoa. O Poder sempre a dilacerará-lo. Mas, dias piores e maiores provocações o aguardavam.

A maneira de viver e trabalhar do Beato José Lourenço, já se tornara conhecida em toda a região do Cariri. Todavia, as autoridades governamentais do Ceará não viam com bons olhos, a experiência do Caldeirão. E a polícia, muito menos... Tanto assim, que a 09 de novembro do ano de 1936, o Caldeirão foi invadido e destruído, graças ao envio de uma tropa comandada pelo então Chefe de Segurança Pública do Ceará, Capitão Cordeiro Neto, um Oficial do Exército que obrigou Zé Lourenço a abandonar o Caldeirão e armar sua tenda entre "Mata dos Cavalos" e "Curral do Meio", na chapada do Araripe.

Perdido tudo que tinha, ainda recorreu à justiça, através de seus advogados, os Drs. Antônio de Alencar Araripe e Ademar Távora, promovendo uma ação judicial contra o Governo do Estado, por prejuízos e danos em seus haveres. Não deu em nada, como é de praxe, questão de "homem do povo" contra

o "autoritarismo" de um Estado oligárquico.

Após a chacina de 11 de maio de 1937, alguns trabalhadores conseguiram escapar, e Zé Lourenço com seu povo voltou para o Caldeirão, e lá começou tudo de novo.

A terra agora ocupada por Zé Loureço, se estendia num raio de dois quilômetros e encravava-se num espigão do Cariri, ali estava novamente o beato-mártir. A constância em sua opção de trabalhar e conviver, enraivencia e desnorteava as autoridades mais racionárias. Desse modo, horas mais trágicas e perseguições outras mais uma vez aguardavam o beato e a sua pobre gente, cujo maior crime era lutarem por um lugar ao sol.

Quando a notícia do Caldeirão se tornou pública, e vozes discordantes passaram a condenar a hecatombe, o governo de Pernambuco convidou Zé Lourenço para fixar residência naquele Estado vizinho, e lá se estabelecer.

Em face do nobre gesto do governo pernambucano, depreende-se que o beato era um homem de bem, confiável, bom caráter e útil à sociedade.

Para concluir o elenco de acidentes ocorridos ao longo da vida do velho Zé Lourenço, chegou uma carta enviada pelos Padres Salesianos dizendo que ele se retirasse do Caldeirão com todo o povo.

Dado o impacto da notícia, o beato não teve outra alternativa senão seguir direto para a Fazenda União, em Exu, Pernambuco, onde veio a falecer de peste bubônica, no dia 12 de fevereiro de 1946, com 74 anos, pois nasceu em 1872, na Paraíba. Seu corpo está sepultado no cemitério do Socorro, o mesmo em que jazem os restos mortais do Patriarca de Juazeiro, o Padre Cícero, seu grande amigo.

E, depois de 45 anos de seu trespasse, foi feita aposição de uma placa de bronze em homenagem póstuma, por sinal, das mais justas, a um homem que em vida só fez o bem.

Dorme em paz, Zé Lourenço! "O povo de quem tu foste escravo, não será mais escravo de ninguém".

Raimundo Araújo - Instituto Cultural do Vale Caririense -
Obra Consultada: Caldeirão - Padre Jeraldo Oliveira Silva

Moacyr Gondim Lóssio

NOVA OLINDA: RESUMO HISTÓRICO

NOVA OLINDA - Erigida no planalto entre o rio Cariús e o riacho dos Bastiões. Nova Olinda começou sendo povoada por aventureiros que ali chegavam, uns procedentes do Cariri propriamente dito, que ascenderam pelo Cariús, e que se estabeleceram nas áreas férteis, e outros procedentes dos Inhamuns, e outros mais que desceram a faixa sopedânea do Brejo Grande, quando se fixaram nos locais mais propícios ao criatório e as lavouras de maior produtividade.

O capitão Bento Ferreira Feitosa, o principal de todos os colonos, erigiu uma capela em honra de São Sebastião e se formou o povoado por muito tempo chamado Tapera.

Pedro Decreto nº 1.156, de 4 de dezembro de 1933, tornou-se um dos distritos de Santana do Cariri, recebendo também a denominação de Nova Olinda.

O povo de Nova Olinda passou a desenvolver um trabalho ininterrupto pela sua autonomia político-administrativa, o que aconteceu com o Decreto nº 3.555, de 14 de março de 1957. A instalação do município se deu no mês seguinte, no dia 26 de abril do mesmo ano.

Portanto o dia do município da cidade de Nova Olinda é 14 de março de 1957.

Nova Olinda contou com 179 Km². É um território pequeno mas muito produtivo.

Judiciariamente - Como povoado e como distrito, Nova Olinda seguiu o mesmo destino de Santana do Cariri. Atualmente Nova Olinda integra a comarca de Santana do Cariri.

(Do livro "Iniciação à História do Cariri")

Alfredo Arraes

POR QUE A OPÇÃO ENTRE A REPÚBLICA E A MONARQUIA NO PLEBISCITO DE 1993?

Determinou a Constituição de 1988, no artigo 2º de suas Disposições Transitórias:

No dia 7 de setembro de 1993 o eleitorado definirá, através de plebiscito, a forma (república ou monarquia constitucional) e o sistema de governo (parlamentarismo ou presidencialismo) que devem vigorar nos Países."

Os motivos dessa decisão não são mencionados na Constituição, nem o poderiam ser, dado o caráter sintético da Lei Magna. É possível, pois, que parte da população esteja perplexa diante de tal dispositivo, sem alcançar a sua causa e o seu objetivo. Tratar-se-ia de um gesto saudosista e sonhador dos constituintes? Como entender que depois de 100 anos de proclamação da República se consulte o eleitorado sobre se quer a sua continuação ou a volta da Monarquia?

Vejamos.

O primeiro ato do Governo Provisório da República foi editar o Decreto nº 1, de 15 de novembro de 1889, cujos artigos 1º, 4º e 7º, que nos interessam

especialmente, transcrevemos a seguir, com grifos nossos:

"Artigo 1º - Fica proclamada PROVISORIAMENTE decretada como forma de governo da nação brasileira - a República Federativa.

Artigo 4º - Enquanto, pelos meios regulares, não se procede à eleição do Congresso Constituinte do Brasil e bem assim à eleição das legislaturas de cada um dos Estados, será regida a nação brasileira pelo Governo Provisório da República;

Artigo 7º - Sendo a República Federativa Brasileira a forma de governo proclamada, o Governo Provisório não reconhece nem reconhecerá nenhum governo local contrário à forma republicana, AGUARDANDO, COMO LHE CUMPRE, O PRONUNCIAMENTO DEFINITIVO DO VOTO DA NAÇÃO, LIVREMENTE EXPRESSADO PELO SUFRÁGIO POPULAR.

Já no artigo 1º vemos que não só o governo era provisório, mas a própria República também o era ("proclamada provisoriamente").

E até quando?

Até a promulgação da Constituição prevista no artigo 4º? Evidentemente que não, pois trata-se ali apenas de quem regerá o País após a eleição do Congresso Constituinte. Nada se diz sobre a legitimação da República, isto é, sobre a superação de seu caráter provisório.

Cabe ressaltar, por outro lado, que os **eleitores** que elegeram a Assembléia Constituinte que veio a elaborar a primeira Constituição da República, não estavam, com isso, aceitando a República, mas, sim, procurando dar ao País um ordenamento jurídico que o puzesse a salvo da ditadura que o ameaçava.

O único instrumento que legitimaria a República, apto, portanto, a elidir o seu caráter provisório, seria o previsto no artigo 7º, o **sufrágio popular**.

Pois a que se concluir claramente do texto desse artigo é que o "não reconhecimento de nenhum outro governo contrário à forma republicana" foi uma decisão provisória, que só deveria prevalecer até o **pronunciamento definitivo da Nação livremente expressado pelo sufrágio popular** (o plebiscito), o qual sufrágio popular ficava o governo "**aguardando, como lhe cumpre**".

Este "aguardando como lhe cumpre" é uma ênfase de clareza meridiana. Por essa expressão, reconheceu o Governo Provisório, honestamente, sua incompetência jurídica para impor à Nação o sistema republicano.

Destarte, a faculdade de legitimar a República atribuiu-a o Governo Provisório diretamente ao povo, através do sufrágio popular e não pela intermediação de mandatários seus no Congresso Constituinte.

Isto ressalta com evidência se considerarmos que, se fez o Governo Provisório menção ao Congresso Constituinte, afirmou, no mesmo decreto, que lhe cumpria aguardar o sufrágio popular, dande se conclui que uma das medidas não excluía a outra, devendo ser ambas cumpridas.

Da exégesse, pois, deste primeiro decreto, transparece que o Governo Provisório só consideraria legitimada a República se, além de aprovada pelo Congresso Constituinte, fosse aceita diretamente pelo povo em um **sufrágio popular** (plebiscito).

Daí decorre que todas as expressões contidas nas constituições republicanas equivalentes a "O Brasil adota como forma de governo a República Federativa" estão eivadas do mesmo caráter provisório que lhe atribuiu o Decreto nº 1 da República.

A República é **provisória** porque lhe falta a consagração do sufrágio popular direto.

A República é **ilegítima** porque ilegítimo é um regime que se proclamou provisório e nesta condição permanece indefinidamente, deixando de lançar mão do instrumento que o legitimaria, por ele mesmo proposto.

A República foi implantada por um ato de força, intitulado-se provisória e buscando legitimar-se com o aceno a um sufrágio popular, que jamais foi proposto à Nação.

Esta insustentável situação perdurou por 100 anos porque os caudatários e beneficiários da República, como imersos em prolongada letargia, não se deram conta de que ao regime imposto "manu militati" faltava a legitimação do voto popular.

Perdurou por 100 anos porque os parlamentares brasileiros não só ignoraram a convocação do plebiscito, como passaram a incluir, nas sucessivas constituições republicanas, a iníqua "cláusula pátreia", pela qual não eram admitidos, nem como objeto de deliberação, projetos tendentes a abolir a forma republicana (Ver as constituições de 1891, Artº 90 § 4º; a de 1934, Artº 178, § 5º e a de 1946, Artº 217, § 6º).

Ficaram, assim, os brasileiros proibidos, apesar do prometido sufrágio popular, de sequer cogitar da volta da Monarquia, sob pena de prisão por desobediência ao Governo Federal. Como pôde isso ocorrer numa democracia? em flagrante contraste com essa intolerância, sabemos que D. Pedro II jamais proibiu a propaganda republicana.

Pensamos ter exposto o motivo determinante da inclusão da Monarquia como uma das opções entre as formas e sistemas de governo que, pelo Artigo 2º das Disposições Transitórias da Constituição de 1988, serão apresentados à escolha do povo brasileiro: expurgar, finalmente, a República, das baldes de provisória e ilegítima.

Escolhida a República, estará ela purificada, livre do pecado original de uma imposição arbitrária que a macula até hoje.

Escolhida a Monarquia, estará a República inaceita e repudiada pelo povo brasileiro.

A secular demora da consulta ao povo, se, por um lado, foi uma usurpação ao seu direito de livre aceitação ou não do regime que se instalava, por outro lado deixou-se em melhores condições de julgar de suas vantagens e de seus defeitos, de vez que conheceu tanto a Monarquia como a República. A República, por lhe ser contemporânea e a Monarquia, pelos inúmeros testemunhos que lhe ficaram de um passado recente.

Poder-se-ia objetar que a geração que viu a implantação da República não é a mesma que agora vai fazer-lhe o julgamento, tão larga foi a protelação do sufrágio que a consagraria ou não. Inconsistentemente é o argumento, se considerarmos que as gerações não mudam bruscamente, mas a encadeam-se em natural sucessão, de tal modo que se pode esperar que as alterações periféri-

cas que porventura possam ter ocorrido na instável mentalidade popular não tenham alterado o núcleo da alma brasileira, que se mantém idêntico a si mesmo, pelas influências comuns que sobre ele incidiram desde o início de sua formação.

Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1990.

Gláucia de Melo Barreto

REFLEXÕES SOBRE O MENOR ABANDONADO

"Deixai vir a mim as criancinhas porque delas é o Reino de Deus."

Onde estão as nossas criancinhas? Onde estão as criancinhas do Brasil? O nosso país tem uma população de 57 milhões de zero a 17 anos. Podemos responder que onze milhões de crianças e adolescentes estão abandonadas.

Os números implacáveis destes 11 milhões: 71% são marginalizadas: 19% são totalmente abandonadas nas ruas das cidades, principalmente das grandes cidades; O Estatuto da Criança e do Adolescente considera a criança a pessoa até 12 anos de idade, incompletos, e adolescentes entre 12 e 18 anos.

Para ilustrar, colhemos dados de estatística do ano de 1991 da Delegacia da Família e do Menor em Fortaleza sobre a conduta destes menores marginalizados, que cometeram 2.842 atos infracionais, sendo : 1.155 furtos, 324 pichações, 166 porte ilegal de armas, 155 assaltos, 92 lesões corporais, 70 danos materiais diversos, 26 portes de drogas, 13 homicídios, 353 outros atos infracionais. Nessa Estatística há uma particularidade que chama a atenção. Do total de adolescentes, 1.312 são analfabetos, 1.032 possuem o primário, 458 têm o 1º grau, 39 o segundo grau e 01 é universitário. Isso nos deixa a pensar que a Educação é um dos fatores de inibição ao crime e à marginalização.

Aquela criança que chega à Escola está de distanciando do mal. Quem leva a criança à Escola? A Família. Justamente o que falta ao abandonado.

Segundo Jean-Jacques Rousseau, "O homem nasce bom. A sociedade é quem o corrompe". Onde está a nossa responsabilidade?

Nós caminhamos para a conquista dos nossos direitos individuais, mas a partir do momento em que fazemos parte de uma sociedade, ou Clube de Serviço como o Rotary Club e Casa da Amizade, nos comprometemos, perante nossos princípios de bem Servir, a conquistar o direito do próximo, também.

Nossa Coordenadora Nacional, Miriam Eduardo, nos indica como meta a VIDA, seja como tema a Mulher, o Idoso, o Adolescente, ou o Menor-Carente. Vida é lema e é meta. Os lemas do Rotary "Olhe mais Além de Si Mesmo", "Serve quem melhor serve", "Mais se beneficia quem melhor serve" incentivam

à doação, e, como diz o Presidente do Rotary Internacional, "Saber doar é o que torna a vida sublime. Vamos sublimar nossas ações!

Você, companheira, que tem uma religião, que admira os princípios do Rotary em consonância com seu marido, você que é mãe, seja um instrumento na sociedade, tentando recuperar alguns desses menores abandonados, usando sua condição profissional na área da Educação ou na área da Saúde, das Leis, do Serviço Público, na Igreja, na Política, seja onde for sua atuação, mergulhe na problemática de nossas crianças e adolescentes abandonadas!

A mulher quando enfrenta uma campanha consegue o milagre de transformar ideais em expressivos resultados concretos.

Vamos pedir às autoridades competentes: Por favor, não matem nossas crianças! Sabemos que por trás de um bando de crianças e adolescentes marginais existem sempre um adulto que o corrmppe, que lhe dá armas, que o faz usuários e traficante de drogas, que o incentiva ao assalto...

No Brasil, entre 1984 e 1989 foram exterminados 1.397 meninos em todo o país, sendo destes 87% do sexo masculino. 74% tinham entre 15 e 18 anos. Levando-se em conta o ano desta Estatística (1989) sabemos que estes números já estão defasados.

Você pode temer um grupo de trombadinhas, mas se você ousar fixar o rosto em um só, verá uma criança, que um dia foi abandonada.

No Recife existem centenas e centenas de menores dormindo nas ruas, nas praças, sob viadutos, sob pontes, etc. Atualmente já se nota a redução desse número. Acredito que seja o fruto de uma campanha que D. Helder Câmara está fazendo menor abandonado, ele mesmo mantendo contato pessoal com eles e os orientando. Agora, em vez deles abordarem os carros na Avenida Agamenon Magalhães, eles oferecem uma flor ao passageiro, que, estando esperando violência, se surpreende e lhes dá algum dinheiro.

O Rotary, que um dia já encampou a campanha Polio-Plus, a campanha da Ecologia e outras de grande vulto, pode ser que um dia volte sua potência em favor do menor.

Qual a solução? Fixar o homem no campo? Planejamento familiar? Educação gratuita integral? Policiar os adultos que corrompem e se aproveitam dos furtos dos menores? Punir os traficantes que usam o menor como "avião"? É, sem dúvida, um problema social. Vamos sonhar e pedir a Deus que nossas crianças voltem a sorrir! E nós, um dia, diremos como Jesus: "Venham a nós as criancinhas, porque delas é o Reino de Deus".

(Oração pronunciada no Interclubes Rotário, Crato - 15.2.92)

CRATO COM NOVO DISTRITO: Pe. CÍCERO

LEI Nº 1.433/91

De 08 de maio de 1991

Cria o DISTRITO DE PADRE CÍCERO, neste município e adota outras provicências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE CRATO

Faço saber que a Câmara Municipal do Crato aprovou e eu sanciono:

Art. 1º - Fica elevado a categoria de Distrito o Povoado de Vila Padre Cícero, localizado no Distrito de Ponta da Serra, deste Município.

§ 1º - O novo Distrito denominar-se-á DISTRITO DE PADRE CÍCERO.

§ 2º - A sede do DISTRITO DE PADRE CÍCERO é o Povoado de Vila Padre Cícero que passa a ser denominado DISTRITO DE PADRE CÍCERO.

Art. 2º - O território do DISTRITO DE PADRE CÍCERO é constituído de desmembramento de áreas dos Distritos sede do Município do Crato e de Ponta da Serra e tem as seguintes limitações:

- a) - Ao norte com o Distrito de Ponta Serra;
- b) - Ao sul com os Distritos de Muriti e da sede do Município;
- c) - Ao leste com o Município de Juazeiro do Norte;
- d) - Ao oeste com os Distritos sede do Município e o de Ponta da Serra.

Art. 3º - A área do DISTRITO DE PADRE CÍCERO fica dentro dos seguintes limites: Iniciando no cruzamento do Rio Batateiras com a Estrada Crato-Lagoa Encantada; deste ponto até seu cruzamento com as Estrada Baixa-Dantas-Juazeiro do Norte (antiga Estrada do Romeiro); prossegue até o Riacho do Alegre, indo este até o limite inter-municipal com Juazeiro do Norte (foz do Riacho do Alegre); daí em linha reta até o Morro Cruz do Alegre; deste em linha reta até o Morro Alto do Rolim, deste até o Rio Batateiras, seguindo por este até o seu cruzamento com a Estrada Crato-Lagoa, ponto inicial.

Art. 4º - A zona urbana da sede do DISTRITO DE PADRE CÍCERO, terá os seguintes limites: Incicia-se no cruzamento da Estrada Crato-Distrito de Padre Cícero com a Estrada Baixa Dantas-Crato (antiga Estrada do Romeiro) seguindo por esta até a rua Maria Pereira e desta até o marco de pedra nº 01 (um); deste em linha reta até o marco de pedra nº 02 (dois); deste em linha reta até o marco de pedra nº 03 (três) e daí em linha reta até o marco de pedra nº 04 (quatro) na Estrada Baixa Dantas-Crato-Distrito de Padre Cícero, ponto inicial.

Art. 5º) - Os pontos extremos, citados como marco no artigo anterior, deverão ser conservados sempre vivíveis.

Art. 6º - A rua que deu origem a então Vila Padre Cícero fica denominada de RUA PADRE CÍCERO.

Art. 7º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Crato, em 08 de maio de 1991.

Dr. JOSÉ ALDEGUNDES MUNIZ GOMES DE MATOS

Prefeito Municipal do Crato

JUSTIFICATIVA

Propõe o presente Projeto de Lei a criação de mais um Distrito Municipal do Crato e para constituir-lo desmembra parte da área dos Distritos sede e de Ponta da Serra.

O Município do Crato, com 1.026 quilômetros quadrados, compõe-se de seis Distritos: o sede com 112 km², o do Lameiro com 216 km², o de Muriti com 209 km², o de Santa Fé com 222 km², o de Dom Quintino com 151 km² e o de Ponta de Serra com 116 km².

Com essa grandeza territorial justo que se faça um novo dimensionamento visando, sobretudo, facilitar a vida dos municípios. Daí solicitação feita ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - para a preparação de criterioso estudo sobre as possibilidades de Povoados como a Vila Pe. Cícero, Campo Alegre e Monte Alverne passarem à condição de Distritos. Baseada na Lei nº 11.659/89 o IBGE realizou levantamento do primeiro.

O Povoado Vila Padre Cícero possui infra-estrutura:

- Telefonia - monocanal da Teleceará
- Abastecimento d'água - rede distribuidora para várias residências e chafariz
- Escola do 1º Grau - rede municipal
- Posto de Saúde - rede municipal
- Arruamento - com praça já projetada
- Comércio razoável e sede de uma Granja para criação e abate de aves, que é uma das maiores do Município (3.660 aves-mês)
- Uma Igreja em Construção
- Um terreno destinado para Cemitéio Público
- Eletrificação - Coelce
- 137 residências
- 08 prédios comerciais
- 05 prédios públicos
- 02 Secções eleitorais

Por esta ligeira amostragem verifica-se que a referida localidade tem todas as condições para passar à categoria de Distrito.

A denominação do novo Distrito foi uma escolha dos próprios moradores, com ampla discussão por votação. Vale ressaltar que a mudança do nome deveu-se a existir o Distrito Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, e a codificação do IBGE não permitir.

Mas a homenagem ao Padre Cícero, marcante personalidade da região, cratense de nascimento, faz-se através da denominação da rua principal do

novo Distrito e justamente aquela que originou o Povoado, conforme o Art. 6º do Projeto.

Na expressão democrática dos municípios residentes naquela área a criação do Distrito de Bela Vista é fundamental. Interpretar esses sentimentos concretizá-los constituem-se privilégios dos Poderes Executivo e Legislativo do Crato.

Prefeitura Municipal do Crato, em 04 de março de 1991
Dr. JOSÉ ALDEGUNDEZ MUNIZ GOMES DE MATOS
Prefeito Municipal de Crato

N.R. O nome original do Projeto de Lei enviado à Câmara Municipal seria o de BELA VISTA. Todavia, emenda no Legislativo, aprovada ao projeto, deu o nome definitivo de Distrito Pe. Cícero.

Francisco de Vasconcellos

POESIA E FETICHE

Uma das atrações da "belle époque" petropolitana, eram as conferências literárias, que enchem os clubes Petrópolis e dos Diários, nas noites estivais do princípio do século.

Alcebiades Peçanha, o Conde Afonso Celso, João do Rio, Osório Duque Estrada, eram os grandes responsáveis pelo sucesso de tais promoções culturais.

A 29 de março de 1906, no clube dos Diários, agremiação aristocrática que aparecera nestas serras na segunda metade dos anos oitenta do século passado, Olavo Bilac, mesmo de baixo de enorme temporal, deliciou a imensa platéia que acudiu ao anúncio de sua conferência sob o título: O FEITICISMO DOS POETAS BRASILEIROS.

Iniciando sua palestra, Bilac explicou porque preferia FEITICISMO, e FEITIÇO, em lugar de FETICHISMO, FETICHISTA e FETICHE. Para ele, aqueles vocábulos sendo eminentemente portugueses, deveriam gozar da preferência dos brasileiros, já que esses valiam luzimo que se introduziu na língua francesa.

Laudelino Freire, de uma certa forma respalda a posição do autor de Via Láctea. Está no seu Dicionário: Feitiço: sortilégio, objeto material adorado pelos selvagens como ídolo. Fascinação, cousa que encanta, que fascina.

Fetice: fr. fétiche, gal. Tudo que é objeto de adoração em alguns povos selvagens da África. Pessoa venerada.

Qualquer Dicionário francês registra FÉTICHE, significado ídolo dos negros e o velho Moraes, deixou consignado, que FEITIÇO é cousa que em beleza encanta, encantamento e, FETICHE é objeto de culto selvagem, chamado fetichismo.

Seja como fôr, ninguém hoje entre nos, ousaria dizer feiticismo ou feiticista. Triunfou a forma francesa, que circula por aí e até faz parte do vocabulário científico na área da psicologia. Aliás foi assim que o traduziu Bilac em sua conferência, sublinhando o purismo da língua de Camões.

Falou do feiticismo religioso, do feiticismo da palavra, Narrou o caso de um italiano, que fora companheiro de Garibaldi na campanha da unificação da Itália. Depois viera para o Brasil, onde comprou uma fazenda de café. Carecendo de feitor, ele mesmo fazia a disciplinas dos escravos. Para isso servia-se de chicote, que tinha no castão de prata esta inscrição: Viva la Libertá.

Bilac enveredou pela psicologia do amor assinalando o feiticismo feminino que os namorados manifestam por um quê destinado a enfeitiçar o homem. Cabelos, olhos, boca, mãos, pés, até cacoetes são feitiços que amarram o amante. E deu como exemplo Salomão, grande fetichista, que descreveu com extravagância de metáforas os encantos de Sulamita.

E o poeta conferencista não se incluiu no rol de fetichista, mas elementos não lhe faltavam para estar na berlinda. Valem como exemplo essas quadras de "De Volta do Baile":

*Mas logo um deslumbramento
Se espalha rápido alcôva inteira:
Com um rápido movimento
Dstouca-se a cabeleira.*

*Que riquíssimo tesouro
Naqueles fios dardeja:
É como uma nuvem de ouro
Que a envolve e, em zelos, a beijas.*

*Toda, contorno a contorno,
Da frente aos pés cerca-a: e em ondas
Fulvas derrama-se em torno
De suas formas redondas.*

*E depois de apaixonada
Beija-lhe linha por linha,
Cai-lhe às costas desdobrada
Como um manto de rainha.*

Era o fetiche da cabeleira a fustigar a sensibilidade do poeta. Mas Bilac procurou ilustrar sua conferência com os fetiches de seus colegas de arte, deixando na penumbra suas próprias fantasias.

Citou Luiz Guimarães que desejava morrer emaranhado numa cabeleira negra; Alberto de Oliveira, que almejava morte idêntica, mas enrolado numa cabeleira loura: leu soneto em que Medeiros e Albuquerque dizia ter descoberto um bando da Calábria de uns olhos negros: voltou a Luiz de Guimarães e Alberto de Oliveira, por causa dos olhos azuis, os da inocência, os que refletem o céu: trouxe à baila Gonçalves Dias e o feitiço dos olhos verdes, que do mesmo modo que o mar, contém perigos e perfídias, nos quais naufragou o grande lírico maranhense; falou de José Bonifácio, um homem grave, respeitável, deputa-

do, conselheiro de Estado e apologista da graça de certo pé feminino em versos célebres e de Francisco Otaviano também deputado e conselheiro, que escreveu:

*Querida quando eu morrer
Com tua boquinha breve
Não me venhas tú dizer:
A terra te seja leve.*

*Nesse dia vem calçada
De sapato de cetim
Quero a terra bem pisada
Tendo o teu pé sobre mim.*

E Bilac não se esqueceu de Raimundo Corrêa, recitando soneto do vate maranhense em que a mão é exaltada de forma "melancolicamente sensual".

Nas águas bilaquianas, seguiu a pista do Autor d'As Pombas e descobriu que o seu fetichismo não se prendia somente às mãos femininas. Pincei em alguns de seus sonetos, jóias como essas:

*Conchita
Adeus aos filtros da mulher bonita:
A esse rosto espanhol, pulcro e moreno;
Ao pé que no bolero... ao pé pequeno,
Pé que alígero e célebre, saltita...*

*Lira do amor, que o amor não mais excita
A um silêncio de morte eu te condeno;
Dspede-te: e um adeus, no último treno,
Soluça às graças da gentil Conchita:*

*A esses, que em ondas se levantam, seios
Do mais cheiroso jambo; a esses quebrados
Olhos meridionais de ardência cheios:*

*A esses lábios, enfim, de nácar vivo,
Virgens dos lábios de outrem, mas corados
Belos Beijos de um sol quente e lascivo.*

DESDENS

*Realçam no marfim da ventarola
As tuas unhas de coral - felinas
Garras com que, a sorrir, tu me assassinas
Bela feroz... O sândalo se evola:*

*O ar cheiroso em redor se desenrola:
Pulsam os seios, arfam as narinas...
Sobre o espaldar de seda o torso inclinas
Numa indolência mórbida, espanhola...*

*Como eu sou infeliz, Como é sangrenta
Essa mão impiedosa que me arranca
A vida aos poucos, nesta morte lenta.*

*Essa mão de fidalga, fina e branca;
Essa mão, que me atrai e me afugenta,
Que eu afago, que eu beijo e que me espanca.*

Como se vê, Raimundo Corrêa era homem de múltiplos fetiches, cantor das graças femininas, que todas o encantavam, excitavam e prendiam.

Mas o pé parecia ter para ele um apelo especial. Em PRIMAVERIL, estampou no último terceto:

*E sob as finas roupas, vaporosas
Seus leves pés, precipites, saltitam,
Pequenos, microscópicos, chineses...*

Em CHUVA DE SOL, consginou nessa quadra divina:

*Vais e molhas-te, embora os pés levantes:
Par de Pombos que a ponta delicada
Dos bicos metem n'água e doidejantes,
Bebem nos regos cheios das calçadas...*

O fetichismo exacerbado do poeta maranhense, falecido em Paris em 1911, alcançou a voz feminina e fê-lo urdir esses magistras tercetos em LEMBRANÇAS:

*Tua voz tinha um timbre harmonioso,
Que, qual música vaga e imaginaria,
Inda me fere o ouvido suspiroso;
Inda me sôa, como flébil ária
Modulada num cálamo queixoso,
Tênuê, longíqua, branda, solícita...*

Lamento não ser psicólogo para poder a partir desses fetiches, vasculhar o psiquismo de Raimundo Corrêa. E não vou aqui prepuciar no abismo, conforme a bela imagem de Cruz e Souza, como é comum entre irresponsáveis brasileiros, que em tudo se metem, sem entender da matéria eventualmente enfocada. Fica a tarefa para algum esperto que leia esta folha e que deseje colaborar para o engrandecimento dela.

EVOLUÇÃO DA MEDICINA DO CARIRI ATRAVÉS DOS TEMPOS!

No dia 25 de abril de 1862 surgiu no Cariri, mais precisamente em Milagres, o primeiro caso de Cólera, iniciando-se assim a célebre epidemia da pavorosa doença do século passado que deixou na nossa região um saldo de aproximadamente 15,000 óbitos notificados! Mais que isto, o Cólera deixou no Cariri um rastro de pavor que marcou as pessoas indelevelmente até nossos dias!

Naõ havendo na época nem médicos, nem hospitais, nem antibióticos ou sulfas, só escaparam as pessoas organicamente bem dotadas, perecendo crianças, velhos e debilitados.

O tratamento dos coléricos era feito empiricamente com chá de fedegoso, cânfora e gotas de limão azedo! Como não havia na época nenhuma noção de hidratação, é de se supor que os pacientes faleciam de desidratação. As evacuações intestinais eram tão violentas que os colchões das camas dos doentes já traziam um orifício correspondente às nádegas, porque não havia tempo dos pacientes levantarem-se para ir ao vaso, já que ainda não havia nem sanitários nas residências!

Datam desta recuada época os celebrérrimos cemitérios do cólera de todo o Cariri, porque a doença estigmatizava e discriminava tanto que não se aceitava que os falecidos dela fossem sepultados nos cemitérios comuns, senão em cemitérios específicos para eles, já que se espalhou a noção de que o vibrião colérico sobrevivia nas covas dos mortos por cerca de 100 anos! Os mortos eram levados para os cemitérios por carregadores pagos para isto e encapsados, não raro alcoolizados! No Cariri o Cólera ou a Cólera, já que as duas formas são corretas, foi verdadeira calamidade pública!

Pois bem, meus amigos, agora, 129 anos depois, o Cólera volta a ser ameaça entre nós, o que prova a fragilidade da nossa saúde pública, verdadeira vergonha nacional para um país que se diz civilizado!

Foi graças a epidemia de Cólera do século passado que o célebre padre Ibiapina teve a feliz idéia de construir entre nós as suas chamadas casas de caridade, totalizando 25 em todo o sertão, sendo a primeira em Missão Velha, em 1865. Eram a um só tempo hospitais, abrigos de velhos, orfanatos e escolas profissionalizantes, o que atesta a extraordinária visão do famoso "Apóstolo do Nordeste" que o grande sociólogo Gilberto Freire qualificou de "A maior figura da Igreja Católica do Brasil em todos os tempos"!

Portanto era esta a situação médica do Cariri no século passado. No fim do século passado a medicina aqui no Crato era praticamente encarnada na figura ímpar do boticário Joaquim Secundo Chaves, um homem notável que fazia as vezes de médico. Foi ele um homem talhado para a caridade com total

doação ao povo desta terra de tão nobres e tão caras tradições. Na sua singular figura quero homenagear todos os boticários do Cariri.

Também no fim do século passado clinicou em Barbalha o famoso oculista, Dr. Barreto Sampaio, que depois fixou-se em Recife, chegando a ser um nome nacional da oftalmologia, tendo, inclusive, sido assistente estrangeiro da clínica do Prof. Werter, em Paris!

Mais ou menos por essa época andou por aqui também um célebre Dr. Madeira que formou considerável conceito como clínico. Depois foi a vez do Dr. Mariz.

Um Fato Auspicioso!

Por volta de 1916 um fato novo alegrou o Cariri: formavam-se em medicina dois ilustres cratenses, egressos da vetusta Faculdade de Medicina da Bahia, a pioneira do ensino médico no Brasil: eram os jovens e futuros Drs. Joaquim Fernandes Teles e Elígio Gomes de Figueiredo, o primeiro ginecologista e obstetra e o segundo, clínico. Ambos logo fizeram fama, graças as suas excelsas virtudes médicas e humanas. Dr. Elígio Gomes de Figueiredo foi médico do Padre Cícero e um dos oradores que ouvi, tendo sido, inclusive, orador oficial de sua turma na Bahia. Já o Dr. Joaquim Fernandes Teles, graças ao seu humanitarismo como médico, foi prefeito do Crato, deputado estadual e Deputado Federal por cinco legislaturas, prestando relevantes serviços ao Cariri, havendo fundado a Maternidade Dr. Teles e contribuído extraordinariamente para que a Diocese do Crato fundasse e pudesse construir o Hospital São Francisco, o pioneiro do Cariri.

E, fato curioso, o Dr. Joaquim Fernandes Teles não votava nele mesmo para Deputado Federal, porque não era ético: votava no deputado Leão Sampaio que lhe pagava na mesma moeda, retribuindo-lhe o voto! Quanta diferença dos políticos de hoje! Assim com estes dois ilustres nomes do Crato iniciava-se a era médica do Cariri propriamente dita, porque com filhos da terra que iam para Salvador com grandes sacrifícios. Percorriam a cavalo do Cariri até Petrolina, atravessavam o Rio São Francisco de canoa e em Juazeiro da Bahia tomavam um trem tipo "Maria Fumaça" até Salvador! Quanto idealismo, meus amigos!

A Era Leão Sampaio!

Em 1922 um fato novo mudou a face do Cariri: iniciava-se a chamada era áurea Leão Sampaio. Formara-se em medicina pela Faculdade Nacional o jovem Dr. Leão Sampaio, de Barbalha, certamente a mais extraordinária vocação médica de que se tem notícia nesta região. Depois de haver defendido tese de doutoramento sobre Doenças do Fígado, fez ainda um ano de residência em oftalmologia, vindo para o Cariri em 1923. Foi ele o primeiro oculista do interior nordestino e com fama inter estadual sertão a dentro! Em pouco tempo Leão Sampaio era o verdadeiro apóstolo da medicina interiorana!

Ainda tive o prazer de conhecê-lo. Homem notável como igual jamais conheci!

Naquela recuada época, antes do advento da era hospitalar do Cariri, no seu consultório em Barbalha. Leão Sampaio operava com grande sucesso glaucomas, cataratas, entrópios e outras patologias oculares, já que o Cariri era e ainda o é o grande foco de tracoma do Brasil! Daqui os chamados "soldados da borracha" levaram o tracoma para a Amazônia e os retirantes das grandes secas o levaram para o paraíso paulista! Criou-se até um verso que dizia:

*É mais fácil o mar secar
E o sol perder seu clarão
Do que o governo acabar
Sapiranga no Brejão!*

Para melhor entendimento de todos, Brejão é grande parte do baixio do Salamanos de Barbalha e sapiranga é a mesma coisa que conjuntivite tracomatosa. Talvez tudo isto junto haja contribuído para que surgisse em Barbalha uma tradição oftalmológica que veio do Dr. Barreto Sampaio, desaguou em Dr. Leão Sampaio e ainda hoje, dos 9 oculistas que atuam no Cariri, cinco são barbalhense!

Dr. Leão Sampaio foi a mais extraordinária figura médica que conheci pelo seu incomum humanitarismo, por sua proverbial caridade e até por seu extraordinário senso clínico. Nunca cobrava consulta, não sabia dizer não, não se zangava, não se entediava com a conversa dos clientes, não se impacientava! Era mesmo São Francisco de Assis de bata!

Graças a tudo isto foi deputado federal sem gastar com suas eleições, de 1934 até 1971! Já velho, resolveu livremente passar para o seu filho, Dr. Mauro Sampaio, a representação política do Cariri no Congresso Nacional até hoje.

Mas Leão Sampaio era um médico tão extraordinário para sua época que chegou a amputar pernas no seu consultório e a desfazer anéis estranguladores em hérnias estranguladas! Tudo isto antes da era hospitalar do Cariri!

E o mais interessante é que Leão Sampaio não era uma personalidade forte, decisiva, embora fosse magnética! Pelo contrário, ele era tímido, até certo ponto ingênuo, eu diria até angelical!

Mas, dizia Euclides da Cunha que "grande homem é aquele que é capaz de compor suas fraquezas individuais com as forças infinitas da humanidade"!

Talvez, pois, Leão Sampaio soubesse fazer muito bem tal composição, impondo-se pela bondade e pelo carisma a ponto de operar verdadeira revolução na medicina do seu tempo!

Em Barbalha ele consultava diariamente até alta noite, indo até 2 horas da manhã e quando saía o último cliente, ia ele, lampião de querosene na mão, a fazer visitas domiciliares aos clientes operados e que vinham de todo o Nordeste! E eles eram muitos, abarrotando pensões e hotéis de Barbalha! Quando faleceu há poucos anos, aos 92 anos de idade, o conhecido padre Vieira endereçou à família telegrama que traduz toda a grandeza da vida deste extraordinário médico. Disse o padre Vieira: Não choremos o morto; rezemos ao santo"!

Para qualificar Dr. Leão Sampaio nada melhor do que esta lapidar frase do padre Vieira.

Ainda Sangue Novo Na Medicina do Cariri!

Em 1930 chegavam ao Cariri recém-formados pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro os barbalhenses, Dr. Mozart Cardoso de Alencar e Dr. Antonio Lyrio Callou, ambos ainda vivos e beirando os 90 anos, um dos quais, o Dr. Mozart Alencar, é também homenageado desta noite.

Em 1930 chegava ao Cariri outro sacerdote da medicina Caririense, vindo igualmente da Faculdade Nacional, Dr. Pio Sampaio, que hoje vive em Fortaleza. Foi ele o médico que me ajudou a vir ao mundo como parteiro, em Jardim, minha terra natal. Todos estes três barbalhenses foram estrelas de primeira grandeza da medicina do Cariri em três décadas: 30, 40, 50, transformando Barbalha em polo de atração médica regional a partir de Leão Sampaio.

Ao Doutor Antonio Lyrio Callou devo notáveis lições de humanitarismo e ética quando com ele trabalhou.

Ao Dr. Pio Sampaio liga-me profunda amizade, admiração e gratidão. Aos 9 anos de idade fui salvo por ele de uma pneumomia que me levou ao leito por 70 dias! Foi um tratamento demorado porque não havia ainda antibióticos e os medicamentos que usei foram dois xaropes que guardei na memória: Glefina e Lasa! Sem o arsenal terapêutico de hoje o clínico era um mero conselheiro, orientador, uma espécie de monitor a dizer se o paciente ia bem ou mal!

Já Dr. Mozart de Alencar simboliza as virtudes de sua família: inteligente, bom orador, exímio poeta, repentista da melhor qualidade, libertário, ficou conhecido sobretudo pela justeza da sua diagnose!

O Advento da Era Hospitalar!

Pouco a pouco com a chegada de novos médicos, a medicina do Cariri ia caminhando na crista dos tempos, robustecendo-se e extrapolando as fronteiras regionais.

Cada romeiro que vinha a Juazeiro passava por Barbalha para uma consulta com doutor Leão Sampaio e saía por aí contando maravilhas do hipocrático médico!

Um belo dia um fato novo sacudiu a consciência médica do Cariri: em 23 de dezembro de 1936 a Diocese do Crato, tendo à frente o segundo Bispo, D. Francisco de Assis Pires, funda o Hospital São Francisco, o primeiro nosocômio da nossa região e de quase todo o interior cearense e sertões de Pernambuco e Piauí.

Dr. Joaquim Fernandes Teles, como deputado federal a partir de 1945, carreava as verbas possíveis que a Diocese do Crato aplicava religiosamente no crescimento do seu hospital que era o único num raio de 50 léguas e onde pontificavam médicos como o Dr. Antonio Macário de Brito e Dr. Antônio José Gesteira, certamente o primeiro grande cirurgião geral do Cariri.

Dr. Antônio Macário de Brito, falecido há poucos anos, levou na sua bagagem de serviços ao Cariri cerca de 2.000 cirurgias!

Aí sim, foi o real advento da era hospitalar do Cariri a parti da qual os hospitais se sucederam como em passo de mágica:

No dia 8 de Julho de 1946, surgiu o Hospital Maternidade São Lucas, de Juazeiro, fruto sazonado do trabalho conjunto do deputado federal, Dr. Leão Sampaio com o idealismo do Dr. Mário Malzoni, o primeiro anestesista do Cariri.

Surgiu então o Pronto Socorro do Cariri, em Juazeiro, fundado pelos competentes médicos, Dr. João Tavares Neves, Dr. Ailton Gomes de Alencar, Dr. José Newton Gomes e Dr. Odílio Camilo da Silva aos quais veio juntar-se o Dr. Antônio Gilson Sampaio Coelho, segundo anestesista da nossa região. Depois veio a Casa de Saúde Santo Inácio criada pela teimosia ainda do Dr. Mário Malzoni capitaneando plêiade de médicos de Juazeiro entre os quais o modesto colega que ora fala a vocês.

Posteriormente, surgiu em Juazeiro o Instituto de Medicina Infantil do Juazeiro, IMIJUNO, o Pronto Socorro Infantil do Cariri, PSIC, o Hospital de Fraturas e Ortopedia do Cariri, Hospital Municipal Stefânia Rocha Lima em convênio com a L.B.A.

No Crato surgiram a Casa de Saúde Santa Tereza, único hospital psiquiátrico do Sul do Estado, Hospital Infantil Monsenhor Pedro Rocha, Casa de Saúde São Miguel, Hospital Regional Manoel de Abreu, Casa de Saúde Joaquim Bezerra de Farias, sem esquecer dois hospitais acoplados ao complexo hospitalar São Francisco: Maternidade Dr. Teles, fundada em 21 de dezembro de 1952 e Hospital Infantil conveniado com a L.B.A.

Em 1º de maio de 1970 foi inaugurado um hospital que veio para ser exemplo: Hospital Maternidade São Vicente de Paulo, de Barbalha, o nosocômio que me realizou profissionalmente, construído com marcos alemães da MISEREOR pelo Padre Eusébio de Oliveira Lima e engrandecido cada ano pelo trabalho sem paralelo da Irmã M. Edeltraut Lerch, O.S.B. e da Ordem Beneditina Missionária. Em Barbalha surgiu ainda o Hospital Maternidade Santo Antônio dos irmãos médicos Dr. Antônio, Dr. José e Dr. João Correia Saraiva.

Em Brejo Santo surgiu a Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima nascida da ousadia do Dr. Cleidson de Araújo Rangel, misto de médico, empresário e vitorioso pecuarista, o Hospital Infantil Menino Jesus, a Maternidade Santa Luzia e agora o Hospital Geral de Brejo Santo. Em Jardim nasceu a Casa de Saúde Santo Antônio, filha da pertinácia do Dr. Napoleão Neves da Luz, seguida do Hospital Regional Wilson Roriz, do Hospital S.O.S. do Dr. Wilson Roriz Filho e agora está em construção mais uma casa de saúde do Dr. Claudionor Couto Roriz.

Em Missão Velha foi a vez da Casa de Saúde Maria Fachine, do Dr. Zanoni e depois o Hospital Geral.

E assim o Cariri foi ficando pontilhado de novos hospitais: três grandes hospitais em Campos Sales, um em Santana do Cariri, um em Nova Olinda, um em Lavras da Mangabeira, dois em Barro, um em Mauriti, um em Milagres, um em Porteiras, um em Jatú, um em Várzea Alegre e por aí afora.

Hoje o triângulo CRAJUBAR tem cerca de 16 bons hospitais e o Cariri todo cerca de 38 hospitais, com aproximadamente 500 profissionais de medicina para uma população de aproximadamente dois milhões de habitantes, salvo melhor juízo!

Portanto, foi um progresso muito grande a partir da segunda metade deste século.

Aqui cabe uma palavrinha a duas casas de saúde que não sobreviveram por morte dos seus proprietários: A Casa de Saúde Nossa Senhora da Conceição, fundada em Crato em 12 de Fevereiro de 1950 pelos doutores Antônio

José Gesteira, Valdemar Pena, e Dalmir Peixoto, com grandes serviços prestados ao Cariri e a Casa de Saúde Maria Gomes de Araújo, de Brejo Santo, do Dr. Antônio Alves de Araújo.

Devo dizer também que a primeira radiografia tirada no Cariri foi em Janeiro de 1937, no consultório do Dr. Nelson de Queiróz Carreira. Depois vieram sucessivamente os aparelhos de Raio X do Dr. Dalmir Peixoto, do Dr. Hildegardo Belém de Figueiredo, do Dr. Heron Macário de Brito, do Dr. Raimundo Denísio do Nascimento, hoje dirigido pelo Dr. Eduardo Lopes e do Dr. José Aécio de Araújo Santana, sem falar nos aparelhos de Raio X dos Hospitais.

O primeiro aparelho de ultrassonografia do Cariri, foi da Dra. Conceição Eliana Alves Pinto, seguindo-se sucessivamente o aparelho do Dr. Marcílio Cruz, do Ossean de Alencar Araripe Filho, do Dr. Wilson Roriz Filho e agora o do Hospital Maternidade São Vicente de Paulo, de Barbalha, tendo à frente o Dr. Francisco Carlos da Cruz Neves.

O primeiro Endoscopista do Cariri foi o Dr. José Landim Júnior, seguido do Dr. Ernande Bezerra da Rocha Filho, no Hospital Maternidade São Vicente de Paulo e ultimamente o Dr. Jorge André Cartaxo Ulisses.

Já temos clínica de hemodiálise e graças aos esforços do Deputado Médico, Dr. Raimundo Bezerra de Farias, o Cariri já construiu o seu Hemocentro aqui no Crato que vai preencher uma lacuna no nosso meio realmente carente de sangue de boa procedência.

Já temos também Laboratório de Anatomia Patológica e vários Laboratórios de Análises Clínicas a partir do pioneiro no setor que foi o Dr. Darival Teles Cartaxo substituído pelo Dr. Paulo Cartaxo.

Mas seria injusto se não citasse aqui alguns desbravadores da medicina caririense como: Dr. Floro Bartolomeu da Costa, médico baiano que a partir de 1909 foi o mentor político do Pe. Cícero Romão, elegendo-se, inclusive, Deputado Federal, cargo em que faleceu em 1926.

Dr. Manoel Belém de Figueiredo, sanitarista que enfrentou a epidemia de peste bubônica do Cariri nas décadas de 20 e 30. Dr. Irineu Pinheiro mais escritor, historiador, intelectual e pesquisador do que médico. Dr. Miguel Lima Verde, humanitarista em pessoa, Dr. Francisco Miranda Tavares, homenageados desta noite, chegado em Brejo Santo em 1941, pioneiro de medicina naquela florescente cidade. Dr. Raimundo Alves, competente clínico de Missão Velha de outrora. Dr. João Figueiras Teles, chegado em Barbalha em 1950, um dos homenageados desta noite. Dr. Hildegardo Belém competente cirurgião e o primeiro médico do Cariri a viajar para os Estados Unidos em busca de ilustração, ainda na década de 40.

Dr. Fábio Esmeraldo, parceiro de nomeada. Dr. Maurício Monteiro Teles, humanitário e competente. Dr. Tarcísio Pierre, nosso primeiro otorrinolaringologista. Dr. Eldon Cariri, um dos fundadores da Casa de Saúde São Miguel, do Crato. Dr. José Ulisses Peixoto Neto, sólida cultura geral e dono da maior clientela clínica particular do Cariri. Dr. Quixadá Felício, orador da sua turma na Faculdade de Medicina da Bahia, jornalista de fôlego. Dr. Lemos, em Várzea Alegre, jornalista nas horas vagas. Dr. Carlos Luna, em Campos Sales, jovial e comunicativo. Dr. Ebert Fernandes Teles, desbravador da nossa oftalmologia. Dr. Elígio Figueiredo Abath, incorrigível plantador de hospitais. Dr. Ridalvo Rocha, nosso

primeiro psiquiatra. Dr. Carlos Barreto de Carvalho, primeiro dermatologista do Cariri. Dr. Romão Soares Sampaio, médico hipocrático de Jardim a partir de 1940. Dr. Floriberto Canejo do Amaral, Dr. João Cavalcante, Dr. João da Luz, Dr. Juvenal Pinto que clinicaram em Jardim no meu tempo de menino. Dr. Filgueiras Sampaio, prefeito de Barbalha de outrora. Dr. Napoleão Neves da Luz, orador oficial de sua turma na Faculdade de Medicina de Recife, exímio poeta, escritor e pioneiro da implantação de hospitais em Jardim. Dr. Carlos Irlando Pereira de Matos, primeiro traumatologista do Cariri, hoje radicado em Manaus onde dirige a clínica de medicina física e reabilitação motora. Dr. Iderval Leite, em Milagres, ousado e competente. Dr. Hugo Santana de Figueiredo, primeiro médico do Cariri com residência médica na Europa. Dr. Humberto Macário de Brito, pioneiro no Cariri em cirurgia de bócio e próstata. Dr. Hugo Barreto, cirurgião de largo tirocínio. Dr. Egberto Esmeraldo, cardiologista e anestesiolologista. Dr. Pedro Sátiro, o pioneiro da era hospitalar em Várzea Alegre, onde foi prefeito. Dr. Iran Costa, competente cirurgião em Várzea Alegre. Dr. Fernando Tavares, pioneiro na era hospitalar em Milagres. Dr. Francisco Leite Lucena, conceituado obstetra em Brejo Santo. Dr. Cleidson de Araújo Rangel, pioneiro da era hospitalar em Brejo Santo. Dr. Valdir Oliveira, clínico e anestesiolologista. Dr. Luciano de Brito Gonçalves, fundador do Hospital Monsenhor Pedro Rocha. Dr. Francisco Augusto Tavares, vulgo Dr. Ney, primeiro pediatra do Cariri e orador oficial da sua turma. Dr. Antônio Teles, misto de médico, escritor e pensador. Dr. Possidônio da Silva Bem que foi prefeito do Juazeiro depois de haver sido deputado estadual, presidente da Assembléia Legislativa e Governador interino de Pernambuco. Dr. Cícero Ferreira Fernandes Costa, orador oficial da minha turma, em Recife, pioneiro da medicina hospitalar em Campos Sales e hoje catedrático de obstetrícia da Faculdade de Ciências Médica de Pernambuco. Dr. Paulo Ney Martins médico polivalente em Campos Sales. Dr. José Íris de Morais, criador de hospitais em Campos Sales. Dr. Alberto Leite Teixeira, fundador do Hospital de Fraturas e Ortopedia do Cariri. Dr. Meudo Ribeiro, clínica em Crato. Dr. Antônio Alberto Bezerra de Farias, falecido prematuramente. Dr. Jucier Figueiredo, Dr. Geneílides Matos e Dr. Hamilton Esmeraldo Alves, clínico em Juazeiro. Dra. Josefina Peixoto, primeira médica do Cariri, Dr. Otacílio Macêdo e Dr. Jeser Oliveira, entre outros.

E agora uma figura exponencial da nossa medicina, embora sendo enfermeira: Irmã Ma. Edeltraut Lech, OSB, Diretora-Executiva do Hospital Maternidade de São Vicente de Paulo de Barbalha, o nosocômio que me realizou profissionalmente. Extraordinária figura de religiosa, alemã de nascimento, caririense de coração, e por adoção! Uma homenagem também aos grandes provedores do Hospital São Francisco, de Crato: Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira, Monsenhor Raimundo Augusto de Araújo Lima e o atual, Pe. Teodósio Nunes, leigos a quem a medicina do Cariri tanto deve.

A Medicina e a Política

Muitos dos nossos médicos ingressaram na política pela porta larga da medicina, valendo destacar: Dr. Leão Sampaio, Dr. Joaquim Fernandes Teles,

Dr. José Mauro Castelo Branco Sampaio e Dr. Raimundo Bezerra de Farias, deputados federais.

Dr. Pio Sampaio, Dr. Décio Teles Cartaxo, Dr. José Napoleão de Araújo, Dr. Antônio Conserva Feitosa, Dr. Humberto Macário de Brito, deputados estaduais. O Dr. Décio Teles Cartaxo e o Dr. José Napoleão de Araújo chegaram a ser Governadores interinos do Ceará.

Dr. Claudionor Couto Roriz, Senador por Rondônia.

Dr. José Aldegundes Muniz Gomes de Matos, atual Prefeito de Crato.

Dr. Fcº. Rommel Deijó de Sá, atual Prefeito de Barbalha.

Dr. Fernando Neves Pereira da Luz, atual Prefeito de Jardim.

Dr. Elosman Sampaio, atual Prefeito de Milagres. Dr.

Wellington Lucena Landim, atual Prefeito de Brejo Santo.

Dr. José Alencar, atual Prefeito de Nova Olinda.

Dr. José Gonçalves Santana, vulgo Dr. Elce, Prefeito de fato de M. Velha.

Dr. Francisco Alencar Macedo, atual Prefeito de Jaty.

Dr. José Lourenço Arrais, atual prefeito de Campo Sales.

Em passado recente foram feitos de suas cidades o Dr. Ailton Gomes de Alencar, o Dr. Mozart Cardoso de Alencar, o Dr. Pedro Sátiro, Dr. Iran Costa e Dr. José Íris de Morais.

Integram a representação do Cariri na assembléia legislativa do Ceará, o Dr. Manoel Salviano Sobrinho, o mais votado do estado, o Dr. Raimundo Antônio de Madedo e o Dr. José Arnon Cruz Bezerra de Menezes. Bem disse o Jornalista Antônio Vicelmo: Assim, com tantos médicos à frente dos nossos destinos, até parece que a política do Cariri está mesmo na UTI!

As Novas Gerações Médicas!

E o que dizer das novas gerações médicas do Cariri? Aí estão eles estudantes de Vitalidade, competência e entusiasmo; para simbolizá-los todos, eu citaria apenas o nome do presidente da primeira jornada caririense do Centro Médico Cearense: Dr. Marcos Cunha, inteligente, competente, amigo, diplomata. Convivendo-se com ele sente-se que a bondade e a ética ainda não nos deixaram! O Centro Médico Cearense foi muito inteligente ao escolher o seu nome para presidente desta jornada médica. O nome de Marcos Cunha é sempre um selo de sucesso para qualquer evento.

Centro Médico do Cariri!

Mas, meus amigos, por que uma região com tal potencial médico ainda não tem uma representação no Centro Médico Cearense, do Sindicato dos Médicos e do Conselho Regional de Medicina? Por que? O meu senso crítico obriga-me a dizer esta verdade: Mais por desídia nossa do que por falta de esforço dos que fazem as entidades de classe da medicina cearense!

Senão vejamos: a primeira tentativa de se fundar, para valer, uma representação do Centro Médico Cearense no Cariri foi em 19 de março de 1953! Foi, inclusive, aclamada uma diretoria provisória que ficou só na papel e só reuniu uma vez, lamentavelmente! Depois, em 1959, foi criada nova representação

do Centro Médico no Cariri em memorável reunião na Hospital São Francisco, aqui no Crato. Tudo parecia ser definitiva, mas, novamente, não passou de uma mera criação teórica! Portanto, repito, a omissão foi nossa e não dos que fizeram o Centro Médico Cearense e o sustentam até agora com metas da grandeza e defesa da nossa classe.

Tomei parte, como médico recém formado, na reunião de 1959 e me penitencio publicamente pelos demais que deixamos a entidade morrer no seu nascedouro.

CONCLUSÃO

Meus amigos e colegas!

Acredito haver dado para todos uma visão panorâmica da medicina do Cariri através dos tempos. Sinceramente, foi o melhor que me foi possível fazer no curto tempo que me foi concebido, apenas cinco dias, a apartir da lamentável impossibilidade do palestrante de direito, digamos assim, do titular, Dr. Dalmir Peixoto, que já era médico no Crato quando eu, rapazola, aqui fazia o ginásio! Todos perdemos com a ausência, por motivo superior, do Dr. Dalmir Peixoto.

Nem sempre Dida pode ter Pelé como reserva, usando uma linguagem futebolística. Por isto aqui estou desempenhando a minha tarefa. Como soldado da minha classe eu jamais faltaria com seu chamamento. Aqui estou, soldado raso, frente aos generais da medicina do Ceará e do Cariri.

Sejam todos bem vindos ao Cariri!

Bom proveito dessa jornada!

Muito grato pela confiança!

Gratíssimo pela cativante atenção!

Mãos a obra, colegas!

"Não importa que amanheça devagar!

O que importa mesmo,

É ter os olhos enxutos

E a intenção de madruguar!"

Madruguem por nosso povo tão sofrido, tão digno de melhores destinos!

Tenho dito!

Barbalha, 30.08.91 - Napoleão Tavares Neves - (Palestra na abertura oficial da Primeira Jornada Caririense do Centro Médico Cearense, acontecida no Centro de Expansão, da Diocese do Crato - em Crato-CE, em 30 e 31.08.91).

REGISTRANDO UM EVENTO

Um simples e modesto convite me enche de frustração. Mais ainda porque o jornalista Vicente Favella, irmão de um grande amigo, o Cônego Edmilson de Macêdo (faço questão de chamá-lo de Cônego, título que ele conquistou na hierarquia da Igreja com a maior seriedade, pois gosta mesmo é de ser chamado de Padre Edmilson) me traz outros subsídios sobre o local em que será comemorado o centenário de nascimento do poeta Antônio Lobo de Macedo, poeta popular, tão estimado na sua terra como Ascenso Ferreira (trabalhar, pernas pro ar que não sou de ferro). É que Antônio Lobo de Macedo não é outro senão o avô do meu querido amigo Edmilson de Macedo. Mas a frustração a que me refiro prende-se precisamente ao gostoso e poético nome de Lavras da Mangabeira cuja bucólica paisagem do Rio Salgado me é mostrada numa paradisíaca paisagem através de um cartão postal do Boqueirão das Lavras.

– Isto é para você ter uma idéia da nossa terra, da terra do seu amigo Edmilson que antes de retornar a Salvador vai celebrar missa no dia 29 na capela do Sítio Calabaço, diz Vicente Favella.

O evento é particularmente caro à família e por isso o cônego Edmilson retarda o seu regresso a Salvador, de uma curta viagem, à Europa, para matar um pouco as saudades do seu tempo de menino travesso. Por que cargas d'água tenho ido ao Ceará apenas para conhecer Fortaleza e voltar? Indago a mim mesmo como qualquer turista de classe média que se orgulha de não conhecer o Brasil? Sim, porque a beleza do Ceará está no interior e não em Fortaleza, certamente já muito desfigurada, a partir de sua paisagem marítima que nada mais tem daquela que foi cantada por José de Alencar.

Sei que num momento, ao contemplar esta foto colorida, onde se vislumbra as águas tranqüilas do Rio Salgado, protegidas por gigantescos rochedos que completam a paisagem paradisíaca, nada conheci do Ceará. A Fortaleza que deixei numa escaldante tarde de verão está contaminada por gigantescos prédios de apartamento de luxo, hotéis de cinco estrelas que só me lembravam uma Copacabana mirim, como de resto são quase todas as paisagens da orla das capitais nordestinas, embora muito agradáveis ao homem do asfalto.

Imagino como será reconfortante este banho no Rio Salgado nas manhãs calorentas do verão Nordeste nas Lavras da Mangabeira. Leio ao mesmo tempo a história escrita por Joarivar Macedo que faz parte do clã da família Macedo. Até meados do século passado, a cidade, na sua modéstia, possuía casas de taipa e ruas de nomes igualmente poéticos, como rua dos Alpendres palavra que me é profundamente familiar pois ainda lembro minha avó materna falar das sextas reparadoras nos alpendres de toda a casa que se respeitava como boa moradia: rua do Rio ou da Beira Rio, rua da Praia que depois passou a se chamar de Santos Dumont, rua do Tabuleiro, da Matriz e Rua do Meio. Não resisto ao transcrever um trecho do historiador: "Ao tempo da Guerra Civil

Abolucionista do coronel Joaquim Pinto Madeira, irrompida no extremo sul do Ceará, no ano de 1832. Lavras serviu-lhe como um dos mais relevantes cenários. Naqueles tropéus de forças antagônicas armadas, agitando especialmente todo o meridional da Província, a Vila de São Vicente Transformou-se por vezes em ponto de concentração e de resistência, sendo aos 21 de março daquele ano, invadida pelas tropas legalistas."

Não é possível que Padre Cícero esteja fora deste cenário. Mas o historiador não fala dele.

Certo é que parece que estou vendo as comemorações evocativas ao querido poeta popular Antônio Lobo. A missa em ação de graças na capela do Sítio Calabaço, visita à residência do poeta no que hoje ainda se chama de Sítio Calabaço. Os decedentes de Antônio Lobo de Macedo convidam para a festa. Infelizmente não estou lá.

Tribuna da Bahia, 27/08/88

José de Alencar Bezerra

DOCUMENTANDO

Vem se destacando no curso de direito da Unifor, tirando médias de 9 a 10, o acadêmico de Direito piononense, Jorge Henrique de Alencar Carvalho, inteligência viva, boa redação, como um admirável poder de síntese e de análise, é uma esperança da juventude piononense. Transcrevo aqui o seu trabalho sobre a "A PENA DE MORTE", não tenho dúvida que Jorge Henrique vai ter uma carreira rica de vitórias:

"Ser livre é ter direito à vida, em todos os seus segmentos, é poder participar na construção do mundo, e participar diretamente nas transformações é pensar nas consequências advindas de novas mudanças.

O homem como expressão mais pura do ser, é sempre uma constante diante de tudo, suas reações são muitas vezes imprevisíveis, e essa liberdade de que falamos, somente existe até o momento em que não fere às leis, já que a finalidade dessas é determinar e controlar a prática de certos atos destrutivos à vida, a moral, aos costumes existentes na sociedade, e a conduzir o ser humano, ao bom comportamento nos caminhos da liberdade e da vida.

Entre todas as formas de punições existentes, o homem foi mais além, abusando do bom senso e sua coerência, a prova de tal, foi sempre a existência da Pena de Morte, aplicada aqueles que praticam crimes de maior gravidade, entre os quais "os crimes contra à vida".

E durante vários séculos, o mundo inteiro adotou a pena de morte, a sociedade brasileira já viveu sobre esse impacto. Os resultados sempre chocaram a realidade, as consequências muitas vezes desagradáveis, mas o poder sempre encobriu essa vergonha, e assim muitos inocentes foram condenados.

Muitos desalmados serviram de cobaias e foram massacrados, uma verdadeira injustiça, uma estória coberta de dor, sangue e crueldade.

Hoje vários países ainda adotam essa catástrofe e admitem bons resultados, entre eles países capitalistas como é o caso dos EUA, onde a justiça é mais séria e com maior eficiência, só que também capaz de cometer falhas, onde fica em jogo a vida humana.

Quando admitimos ser o homem passível de erros, não estamos com isso querendo fazer uma crítica, e sim evidenciar uma realidade comprovada e que tem de ser aceita. E se é o homem que faz às leis e determina os critérios empregados no julgamento, é natural que muitas vezes a aplicação da pena ser destituída de sua verdadeira finalidade. Na acusação nem sempre as provas são produzidas com a mais real perfeição, podendo o ilícito ser confundido e ludibriar de forma cautelosa a verdadeira aplicação da lei. É perfeitamente normal lembrar, que todos querem sair vitoriosos.

Se o homem caminha em busca da justiça, a pena de morte difere dessa finalidade. Quem a colhe, contradiz o próprio conceito de justiça, no sentido universal, bulha os interesses de paz e admite formas de valores não condizentes com a dignidade humana.

Afinal é perfeitamente admissível que o homem possa errar nos seus critérios de julgamento, o que não se admite é ele se colocar impossibilitado de corrigi-los. A vida é uma dádiva criada por Deus, e o homem no caso de equívoco, jamais poderá trazê-la de volta.

Últimamente, os brasileiros discutem, se querem ou não de volta a pena de morte. Diante de muitos crimes bárbaros que acontecem, é perfeitamente aceitável nós sentirmos influenciados pela idéia de adotá-la, mas diante da realidade é impossível admiti-la, pois num país que poder econômico domina e massacra abusivamente a população é muitas vezes cega, tendenciosa e parcial, e os valores são méritos do ter, somente a classe pobre, que é grande maioria, é que seria condenada a pena de morte, transformando sua liberdade que já é restrita, num limite inexistente de escravidão.

A população brasileira tem que dizer não, à volta da pena de morte, ou caso aceite, estará mais uma vez, agravando o direito à vida, afirmando a continuidade do poder dominante e, aceitando as condições mais miseráveis de sujeição!".

Napoleão Tavares Neves

MAURO BENEVIDES NA ACADEMIA DE LETRAS

Com grande deleite mental acabo de ler o discurso de posse do senador

Mauro Benevides na Academia Cearense Letras.

Recebido oficialmente pelo acadêmico Murilo Martins, seu antigo colega de ginásio, Mauro Benevides proferiu notável peça oratória do mais refinado humanismo, mostrando grande cultura literária, histórica e humanística. Os discursos de ambos foram enfeixados em duas bem editadas monografias capazes de enriquecerem qualquer biblioteca.

No seu excelente discurso Mauro Benevides diz belas verdades com vestidas com colorido multifacetado da sua grande cultura geral, provando que foi eleito por merecimento para a cobiçada vaga aberta com a morte do professor e jornalista José Rebouças Macambira, cadeira cujo patrono é Araripe Júnior. Com certeza do político Mauro Benevides não se dirá o que se disse quando o presidente Getúlio Vargas foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, o presidente Juscelino foi candidato a uma vaga da mesma Academia e o presidente Sarney, ainda senador, fora escolhido também para a Academia Brasileira de Letras, todos sem obras literárias de vulto.

Mauro Benevides é intelectual nato que se fez político e não um político vitorioso que, por isto mesmo, fora escolhido para a instituição cultural do porte da Academia Cearense de Letras.

Seu discurso de posse prova isso entre as belas verdades que diz eu citaria apenas estas por serem bem ajustadas ao seu temperamento reconhecido manso e prudente.

Citando o Papa Pio XII ele diz: "A paz entre os homens só será conseguida como obra de justiça."

Logo em seguida ele nos surge com este pensamento de rara beleza: "Penso nos pobres menos pobres e nos ricos menos ricos, como ponto indispensável ao equilíbrio do mundo".

Decididamente o senador Carlos Mauro Benevides é um intelectual nato que a política roubou, tão belo é o seu estilo, tão abrangente a sua cultura, tão profunda a sua vocação literária em bases de um humanismo que vem desde os bancos ginasiais.

Como homem de pensamento o Instituto Cultural do Cariri já lhe deve muito somente por haver patrocinado a publicação da revista "Itaytera" de 91, sem cujo patocínio ela não teria sido publicada pela Gráfica do Senado Federal que ele preside com raro espírito público e muito apurmo.

Ao novo imortal cearense os nossos votos de que continue a alçar altos vôos na esfera política sem jamais perder a sua conotação marcadamente intelectual de literato dos bons acidentalmente emprestado à política (Napoleão Tavares Neves).

TRANSFORMAÇÕES

Hoje achei de recordar quando, em 1959, fui a Recife pela primeira vez. Crato, Campina Grande, passando pelo açúde de Curemas, e chegamos à capital pernambucana, num salto tecnológico secular, levando-se em conta os benefícios da energia elétrica, que avançava célebre sobre o Nordeste. Adeus às tochas e lampiões do passado.

A civilização desvendara os encravados sertanejos, modificando tudo, desde paisagem e costumes dos habitantes, ao Sol, que agora a nascia dentre torres metálicas, os campanários exóticos donde se penduraram as redes dos cabos prateados, interrompendo pássaros, reflorestando carrascos e mas-sapês.

Os tentáculos do progresso zumbiam nos leitos secos do grotões desolados, algo parecido com a chegada do trem de ferro, no começo do século, trazendo promessas de alteração do ambiente, seguindo as crenças para possibilitar uma qualidade melhor de vida.

Lembro-me disto quando revejo as mesmas torres nos filmes japoneses que os meninos gostam de ver na televisão, cenas que se repetem todo dia, o dia todo, num dos canais, enlatados parecidos com os que se vendem nos supermercados, de sabores químicos - para o consumo num pesadelo brando que podia ainda ser revisto: voragem moderna versus simplicidade original modificada.

Era massificadora que se estabelece pelos fios como resposta encontrada nas muitas conquistas. Os poderosos a repartir os despojos sob razões de lucro, transferindo percalços em favor da perpetuação (desculpa esfarrapada para ausência de critérios morais).

Isso motiva a transcrever, neste ponto, pedaço de um artigo da revista Planeta (março 1992) sobre os índios hopis do Novo México, Estados Unidos.

- As grandes potências do mundo devem entender que, se querem escapar da destruição iminente - palavras de Martin Gashweseoma, o líder espiritual daquela nação indígena -, tudo que fizeram de errado com os povos antigos (...) deve ser corrigido.

A demora da avestruz com a cabeça na areia pode lhe ter alterado os miolos. O que achou debaixo do chão se reflete nas coisas que tem gerado em forma de aperfeiçoamento (material, claro). As marcas e os eletrodomésticos passam se sofisticados, porém inúteis ou inconvenientes.

Para Gashweseoma, chegou à "hora da purificação", quando os terráqueos deverão escolher uma entre duas saídas - seguir no mesmo passo equivocados em que vêm, até à destruição, ou aceitar mudanças de propósitos e se conduzir dentro uma nova perspectiva renovadora.

O esforço exclusivista dos menos escrupulosos ocasionou retrocesso evolutivo, o que, no início, parecia diferente. As naves espaciais, bem difundidas

pela propaganda, fizeram brinquedo de lata dos quintais africanos, latino-americanos, asiáticos, sem que ninguém pudesse questionar o sistema feudal que nos domina.

Por isso o atraso da famigerada Revolução Industrial.

Espécie de vaidade prevalece nos patrões e seus escriturários, enquanto longa esteira de forçados transporta matérias-primas e produtos acabados, que nada mais tentador do que se comparar à construção das grandes pirâmides destinadas a sarcófagos reais, marca cruel do egoísmo reproduzida no tempo, milênios adiante.

E se lembrar também que René Descartes, já no século XVII, centrava suas preocupações nos assuntos internos; que poderíamos haver seguido outros caminhos; "que há uma pequena glândula no cérebro na qual a alma exerce as suas funções de modo mais particular do que nas outras partes." Detalhe importante para se examinar, mesmo depois.

A oportunidade das eras ficou para trás, recoberta de limo e infinitos troços, qual botija enterrada em lugar inacessível. Restam-nos todavia, os individuais propósitos das revelações íntimas, o Espírito eterno que persistirá quando tudo for embora e as oferendas coletivas virarem ilusão. Este momento (sim, o momento) é hoje.

12/04/92

Mons. Francisco de Holanda Montenegro

CENTENÁRIO DO DR. ANTÔNIO FERNANDES TELES

ORAÇÃO GRATULATÓRIA

Meus Irmãos

No dia 27 de abril de 1892, nasceu na cidade do Crato o Dr. Antônio Fernandes Teles. Se fosse vivo estaria comemorando, hoje, Centenário de seu Nascimento. 27 de abril de 1892 - 27 de abril de 1992.

Os seus Familiares, os seus Amigos e Admiradores, toda a Comunidade cratense, aqui tão bem representada, todos nós, reunidos aos Pés do Altar de Deus, nesta tarde silenciosa da Prece, queremos prestar uma Homenagem justa a um dos grandes benfeitores desta terra, filho dos mais ilustres da Princesa do Cariri, Dr. Antônio Fernandes Teles - rezando esta Missa de Ação de Graças no seu Grande Dia. Ele bem merece nossa Lágrima de Saudade, nosso Louvor, a nossa Gratidão.

As qualidades individuais e as realizações dos Homens de Bem só podem ser julgadas e apreciadas devidamente depois que, sobre os mesmos, descem a Paz e o silêncio do sepulcro. Durante a vida, a admiração entusiasta de amigos e beneficiados e a reserva mesquinha de algum espírito prevenido ou despeitado tolhem a visão clara e objetiva dos fatos e impedem um julgamento desapassionado e imparcial.

Dr. Antônio Fernandes Teles é uma das grandes reservas morais da Região do Cariri. Era um espírito de ordem, disciplina, de hierarquia. Administrador diligente, deixou os marcos de sua passagem quando Presidente dos Institutos que comandava, abrindo caminhos novos de Progresso material, moral e social, que ele tanto ajudou a encontrar, a definir, a multiplicar com o seu trabalho perseverante e eficaz a serviço da nossa Região e da nossa Comunidade.

Homem do Povo, porque sua força repousava no Povo, na sua Gente que ele tanto amava, nesta Boa Gente que sempre o apoiava.

Sua dedicação no Servir não tinha limites e se traduzia no gosto de trabalhar com tenacidade, com idealismo, com entusiasmo, sabendo vencer as dificuldades com equilíbrio e coragem.

Um Homem que, com a sua personalidade vibrante, irradiou Calor Humano, que se define numa só palavra: BONDADE.

Que fale, nesta hora de Gratidão, a Associação Comercial do Crato, que fale o Banco do Cariri S/A, hoje, Banco Industrial e Comercial, Instituições que muito devem a sua orientação segura e a sua inteligente administração.

Exerceu a atividade política sem se deixar macular pelos vícios, que tão frequentemente envolvem os que detém o Poder, Sempre foi, nas suas atitudes serenas e equilibradas, contra os radicalismos, porque entendia que toda posição radical levanta muralhas psicológicas, emocionais, que impedem a comunicação e o intercâmbio das idéias de dos valores.

Na sua conversa do dia-a-dia, costumava repetir junto aos seus familiares, aos seus colaboradores, aos seus amigos mais íntimos aquela IDÉIA-FORÇA que transformou a Vila Real do Crato na Princesa do Cariri: "A UNIÃO FAZ A FORÇA". Era amigo de todos e pregava constantemente a União de toda a Comunidade. Tinha a irresistível vocação de construir amigos. Sabia cultivá-los, ajudá-los, e, sobretudo, respeitá-los. Trazia no peito as ternuras do seu Povo. Era um espírito aberto à compreensão das fraquezas e das melhores aptidões de seus amigos e de seus adversários.

Bem se poderá dizer do nosso Homenageado: Bondade sem debilidade - Modéstia sem Hipocrisia - Fortaleza sem cansaço.

Meus Irmãos

O escritor Guimarães Rosa lembra que, quando as pessoas morrem, elas não deixam de existir porque passam a viver encantadas no nosso meio.

Dr. Antônio Fernandes Teles, exemplo de austeridade sem afetação, prestou relevantes serviços à sua terra natal, sendo admirado e respeitado por todos como Homem de Bem. Soube honrar com dignidade as tradições de sua Gente no que ela tem de melhor. Sua vida Pública se fez e se notabilizou através de seu amor às coisas sérias que engrandecem a Pátria e enriquecem a Comunidade.

Exemplo edificante para as gerações Novas de nossa Terra, que, muitas vezes, buscam o TER e o PODER, esquecendo, quase sempre, a riqueza do SER. Lembrar a essas Gerações Novas, guardas vigilantes das tradições honrosas, os nomes dos nossos vultos históricos, é desfraldar a Bandeira de honra do nosso passado glorioso.

Hoje, como no passado, figuras exponenciais firmam a Tradição da Cultura e da Inteligência do Povo desta privilegiada Cidade, Princesa do Cariri.

Crato, o teu nome KRATOS, derivado do grego, significa FORÇA-VIGOR. Teu nome é símbolo. Com ele nasceu Teu Destino Glorioso. Amém.

LIDA NA MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS.
Sé Catedral, em 27 de abril de 1992.
Centenário do Dr. Antônio Fernandes Teles.
- Mons. Francisco Holanda Montenegro -

Luis Wilson

BÁRBARA PEREIRA DE ALENCAR (D. BÁRBARA DO CRATO)

Mulher extraordinária, como muitas outras, "de heroísmo e sacrifícios apagados na poeira do tempo, em toda a vastidão do território nacional", nasceu no dia 11 de fevereiro de 1760 na Fazenda Caiçara, então freguesia de Cabrobó ("no atual município de Ouricuri"), arrendada por seu avô e bandeirante Leonel de Alencar Rego a Francisco Dias d'Ávila (o 2º), tornando-se, no entanto, Ouricuri em município, desligando-se da sede municipal da então Vila do Exu, muitos anos depois do nascimento de D. Bárbara, ou a 18 de Junho de 1849 por efeito da Lei provincial nº 249.

Escreve o Cel. Arrisson de Sousa Ferraz (Cabrobó - "Cidade Pernambucana", Editora Comercial Ltda, São Paulo, 1966), autor, entre outros livros de "Fragmentos da História da Tropa de Piratininga", "Ligeiras Impressões sobre o Velho Mundo" e "Grandes Soldados de São Paulo", que no século XVIII Ouricuri era parte de Cabrobó e a fundação das primeiras casas do povoado se verificou em terras adquiridas de uma rica matrona cabroboense. Sua Igreja construída em 1884, era freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Cabrobó.

Bárbara tinha 13 anos, quando veio com o pai ao vetusto santuário das duas ruas principais da "cidadezinha" na margem esquerda do São Francisco, para receber as águas lustrais do batismo, ministrado pelo Padre Gonçalo Coelho Lemos. Filha de Joaquim Pereira de Alencar (filho do velho desbravador do Vale do Açú e de toda aquela região, Leonel de Alencar Rego) e de sua esposa Teodora Rodrigues da Conceição (neta de D. Ana Rosa, senhora de muitas

fazendas na Ribeira do Pajeú), casou com o Capitão José Gonçalves dos Santos (Filho único do português Carlos José dos Santos, estabelecido em Jaboatão, a poucos quilômetros do Recife e que negociava em todo o Sertão), tendo o casal seis filhos: João Gonçalves de Alencar (para o historiador J. de Figueiredo Filho, o filho mais velho do casal). José Martiniano de Alencar, Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, Carlos José dos Santos (sacerdote, ordenado em Olinda), Bárbara de Alencar (seu mesmo nome), e Joaquina de São José.

Neta e filha de fazendeiros, vindo morar no Crato em 1782, vivia depois em sua Fazenda Pau Seco, transformando em centro de convergência da região depois de sua residência no local, para onde o marido (também português como o pai e emigrado da Freguesia de São Marinho do Trapejo, cidade de Arama. Bispado de Lamejo), ia todos os dias em um cabriolé tendo origem o nome da propriedade em um gigantesco pau d'arco "que há mais de um século se erguia no lugar, semi-morto, sem-folhas, sem flores e sem frutos".

Foi D. Bárbara que construiu o primeiro prédio particular do Crato, em pedra e cal, ou fosse a parede de frente de sua casa de residência, "tendo vindo o mestre-pedreiro do Recife" e existindo até 25 ou 35 anos passados, sendo então completamente reformada e nela funcionando, não sei se ainda hoje, a Coletoria Estadual da outrora "Missão do Miranda".

Conta-se que Teodora (mãe de Bárbara de Alencar), filha única da viúva Pereira Rosa, que perdera o marido em plena juventude era uma mulher da fibra das Amazonas lendária, belíssima e varonil e que "montava cavalos bravios, pegava gado selvagem, derrubava, em carreiras estonteantes, rezes mais ariscas e rastejava terríveis onças lombo-preto, a tiros de espingarda, ou prendendo-as em grandes fojos, armados nas restingas e carrascos de sua fazenda e da região".

Em 1817, José Martiniano de Alencar (um dos filhos de D. Bárbara), então sub-diácono - que principiara a frequentar no Seminário de Olinda o Curso de Retórica, - nascido a 16 de outubro de 1794 em um sítio de Barbalha, que naquela época fazia parte do Crato, incorpora-se ao nosso movimento Republicano, vai para a sua terra e proclama ali a República a 3 de maio, juntamente com o grupo de amigos e, entre outros elementos de sua família, a senhora sua mãe, Leonel (seu tio e mais tarde mártir da Confederação do Equador, no Jardim), e seus irmãos o Padre Carlos e Tristão de Alencar .

No dia 3 de maio de 1823, em uma reunião na casa da fazenda de D. Bárbara, para comemorar o sexto aniversário da "República do Crato" (quando corria também a notícia de que a Metrópole prestava uma poderosa esquadra para invadir o Brasil e recolonizá-lo), foi que, por nativismo, diz-se que, Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, alterou o nome para Tristão Gonçalves de Alencar "Araripe", em homenagem a chapada lendária, em cujo sopé tinham edificado a "Aldeia do Brejo", chamada depois "Missão de Miranda" e mais tarde "Crato".

"Araripe" era também o nome do grande guerreiro, tuxáua ou cacique dos "Açus", que derrotaram os Calabaças e os Inhamuns no Itayera, juntamente com um homem da Casa da Torre, de nome Arnaud, como nos conta ainda esplendidamente Juarez de Alencar (mesma obra citada), começando daí a

aliança com o branco, perdido o terror dos primeiros instantes.

Só quando Araripe morreu foi que Itamaragibe irrompeu no Vale do Açu, com seus guerreiros, atacando a Fazenda Caiçara (taba de seus antepassados), alguns dias depois do nascimento de D. Bárbara, tendo esta escapado da fogueira ataeada a sua casa com sua mãe Teodora e uma negra de nome Maria Preta, em frente ao grande rebanho assustado, em mistura com as reses, até alcançar o mato e daí à casa de Leonel, no povoado do Araripe (próximo à Várzea Grande), o qual os índios não haviam ainda incendiado.

Conta-se também que a casa de Bárbara de Alencar na Fazenda Caiçara, possuía amarras de enchimento de velho couro cru, reminiscência da "civilização do couro", da qual nos fala Capistrano Abreu em relação ao Nordeste e o argentino Sarmiento, em referência ao Rio de Grande do Sul, tendo sido a invasão de ratasanas vinda do Litoral que eliminou de uma vez aquela aplicação de couro em nossas casas de fazendas e sítios.

Onde havia no entanto, a casas de taipa da Fazenda Caiçara. "ergueu-se uma casa de pedras, de paredes colossais, resistente ao fogo e a bala, e, até ao próprio tempo, a fim de que servisse de testemunha às gerações que viessem. Nesta casa vieram a luz os oito irmãos de D. Bárbara: Serafim, Genoveva, Josefa, Antônia, Inácia, Iris e Luis Pereira Alencar".

Foi, todavia, naquela mesma reunião do dia 3 de maio de 1823 (na casa de D. Bárbara, no Crato), que acrescentaram também aos apelidos de família, os nomes de vegetais e animais de nossa flora e fauna, Inácio Tavares Benevides, Leonel Pereira de Alencar e o Padre Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque (redator do primeiro jornal editado na Província do Ceará, no dia 1º de abril de 1824 - O Diário do Governo do Ceará - impresso na Tipografia Nacional, montada com material enviado por Manuel de Carvalho Paes de Andrade, Governador da Província de Pernambuco, e dirigida pelo impressor Francisco José de Sales que Manuel de Carvalho também para ali enviara).

O primeiro adicionou "Oiticica" ("a árvore que sustenta as fontes e as cimbais no Sertão, quando o sol cresta a terra e tudo fica cinza"), o segundo, "Sucupira, e o terceiro, "Mororó".

Vencida a Família Alencar no Crato, em 1817, entre outros motivos por não ter contado com o apoio decisivo do Capitão-Mor da velha "Aldeia do Brejo", José Pereira Filgueiras (compadre aliás, de D. Bárbara e que depois lutaria ao lado de Tristão na Independência e na "Confederação do Equador"), e tendo a bandeira branca da "Revolução Liberal" drapejado apenas de 03 a 11 de maio no mastro da Câmara Municipal do Crato, escoltou o subdiácono José Martignano de Alencar, o Padre Carlos José dos Santos, Tristão Gonçalves de Alencar e outros elementos da família, prisioneiros até Icó, o célebre Capitão de Milícias e grande caudilho do Jardim e Sul do Ceará, inimigo figaldal da família, Joaquim Pinto Madeira.

D. Bárbara havia ido para a casa de um sobrinho, em Campina Grande, o Comandante Martinho Alencar da Costa Agra, filho do Dr. José da Costa Agra. Foi presa, quando a caminho daquela cidade, ainda no Rio do Peixe, pelo bando de José Leão e mandada também sob ferros para a Bahia, "onde lhe havia reservado prisão especial o famoso governador português Manuel Inácio de Sampaio".

O Padre José Martiniano de Alencar, algum tempo depois de 1817, "re-
nunciando a si mesmo e ao irmão Tristão Gonçalves (... "Não cooperei, nem figurei
nas perturbações das províncias do Norte, mas depõe contra mim o ser irmão
de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, presidente do Ceará ao tempo da
Confederação" ...), seria mais tarde deputado pelo Ceará no Congresso Consti-
tuante de Lisboa, duas vezes presidente de sua Província, deputado por ela e
por Minas Gerais, Senador do Império, um dos autores da idéia da maioria
de D. Pedro II e redator do projeto, naquele sentido, apresentado ao Senado.

Com sua prima-irmã Ana Josefina foi o pai do poeta, jornalista, dramaturgo
, professor de Direito Mercantil do Instituto Comercial do Rio de Janeiro
(1859-1870), Ministro da Justiça do Gabinete Itaboraai (1868-1870) e romancista
do mesmo nome José de Alencar, nascido em Macejana, no Ceará a 1º de maio
de 1829 e falecido no Rio de Janeiro a 12 de dezembro de 1877, autor de "As
Minas de Prata" e entre muitos outros livros de grande êxito, de "Iracema" e o
"Guarany".

Este último, do qual como que nasceu a literatura nacional, traduzido em
italiano (e depois em outros idiomas), chegou às mãos de Carlos Gomes, na-
quela época na Itália, cuja saudade da pátria "transvasou a poesia do romance
para a harmonia da mais bela ópera" do maior compositor brasileiro, tocada no
Scala de Milão a 19 de maio de 1870, e no seu final aplaudida delirantemente,
entre outros, por Verdi.

"Iracema" (mais de 100 edições até setembro de 1965), é a criação singu-
lar do grande romancista, "no qual o indianismo tem, talvez, sua mais alta ex-
pressão". No dizer de M. Cavalcanti Proença, ao lado de "Atala", completa o
par de romances indianistas de maior importância de todo o mundo, da mesma
forma que ambos se põem ao lado de "Paulo e Virgínia", entre os idílios mais
famosos da literatura.

Quando José Alencar foi candidato ao Senado, "desejando talvez repetir a
carreira do pai, então já falecido", e comunica sua decisão a D. Pedro II, conta-
se que este lhe observa:

- No seu caso eu não me apresentaria agora. O senhor ainda é muito mo-
ço.

Responde-lhe o extraordinário romancista:

- Por esta razão Vossa Majestade devia ter devolvido o ato que o declarou
maior antes da idade legal (contando-se todavia que adiantando também, mais
ou menos esta frase: e Vossa Majestade tem sido um grande Imperador).

Atacado, invejado, vilipendiado em sua vida literária e política, José de
Alencar em dezembro de 1877 morre chorando, abraçado à esposa, preocupa-
do com a pobreza em que vai deixar os seus.

Depois no entanto, de sufocado o movimento Republicano de 1817 ("úni-
ca Revolução digna desse nome", no dizer de Oliveira Lima, pesquisador tão
grande do nosso passado quanto o Visconde de Porto Seguro, "contrário ao ir-
redentismo da Colônia e tão apegado ao absolutismo dos Reis"), e de D. Bár-
bara de Alencar, o Padre José Martiniano de Alencar, Leonel, o Padre Carlos
José dos Santos e outras pessoas da família terem sido levadas prisioneiras até
Icó, pelo grande caudilho de Jardim e do Sul do Ceará, Joaquim Pinto Madeira
(filho de Ponciano Madeira e neto do primeiro Bacharel do Cariri, o Dr. Manuel

de São João Madeira), dali foram conduzidos para a cidade do Salvador, via Fortaleza - Recife.

Ao saírem da Cadeia do Crato, às 4 horas da tarde, "quando o ferreiro rebatia os cravos das algemas do Padre José de Alencar, bateu-lhe com o martelo na mão, arrancando-lhe um grito de cor. Tristão, que se achava ao seu lado, erguendo os punhos algemados abateu-se com violência sobre a cabeça do ferreiro, que foi com a venta no chão".

O Capitão José Pereira Filgueiras que presenciou o fato, naturalmente admirando o ato de coragem do altivo prisioneiro, não mandou castigá-lo.

E, montados os presos algemados e amarrados os pés por baixo das barras dos cavalos, desdobrando-se numa longa fila, ligada por uma corrente de ferro, em gargalheiras, marchou a "conduta" (a escolta), "tomando a estrada do Icó, debaixo do louco apupo da multidão pervertida".

D. Bárbara não foi presa pelo pescoço a corrente sendo algemada e seguindo a cavalo conduzido pelo cabestro por um cabra, que levava na outra mão um clavinote embalado.

Os farrapos que vestiam, ao entrarem para a masmorra situada nos baixos do Quartel de Linha, ao lado da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição (em Salvador), foram sendo utilizados, na viagem, "aos pedaços como mulambo, para calçar os grilhões de ferro, que lhes magoavam horrivelmente os tornozelos em chagas".

No cárcere, a comida que lhes forneciam, como aos outros presos, consistia em bucho e tripas de boi mal cozidas n'água e sal, com farinha de mandioca, e era servida em gamela de pau, como aos porcos. Dentro de pouco tempo estavam nus, de barbas e cabelos crescidos, esqueléticos, imundos.

Ali, no entanto, onde permaneceram durante quase 4 anos, até que uma lei de anistia os restituiu à liberdade, "Bárbara de Alencar portou-se com a grandeza da mulher troiana, após o domínio de sua cidade. Assumiu a responsabilidade que lhe cabia no movimento e na conjuntura difícil em que viveram deu ânimo e alento aos filhos".

O maior deles, sem dúvida, Tristão Gonçalves, belo tipo de Apolo e ousado Titã, homem de destemor fora do comum, seria morto na Confederação do Equador (dia 31 de outubro de 1824), dentro do leite seco do Rio Jaguaribe, emparedado entre duas altas ribanceiras. Ia só a cavalo, em demanda da vilazinha de Santo Antônio de Quixeramobim ou da Fazenda Casa Forte, para os lados da Serra Azul, onde na casa de um velho amigo, o Cel. Antônio Pereira de Queiroz Lima estavam, então sua mulher e os dois filhos pequeninos.

Um cabra varou-lhe o tórax com uma bala. José Leão um aventureiro (filho de Manuel da Cunha Pereira, de Icó), tanspassou-lhe o peito com a espada, apossando-se do ouro, o erário do Exército, que Tristão conduzia. "Outros bandidos mutilaram o cadáver, contando-lhe a mão direita e uma orelha para servirem de troféu. O corpo nu e já enrijecido foi posto de pé, encostado numa jurema, exposto ao sol, mumificando-se sem se decompor. Depois de seco foi levado Santa Rosa e posto de pé, apoiado a um pereiro, sofrendo o ultraje das pedradas e dos tiros da canalha, até que depois de meses o Cel. Domingos Paes Botão, a horas mortas da noite fez sepultar na capela do povoado o

cadáver mumificado, pedindo a seus filhos que quando ele morresse o enterrassem na mesma sepultura de seu primo Tristão”.

Por ele e por D. Ana Ferreira Lima de Alencar (que depois da morte do esposo ao qual tanto amara, passaram a chamar “D. Ana Triste), Bárbara de Alencar foi avó do Major Childérico Cícero de Alencar Araripe (morto em 1865 no cerco de Uruguaiana) e de Tristão de Alencar Araripe, Bisavó de Araripe Júnior (romancista, crítico, ensaísta, jurista, membro do Instituto Histórico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras, da qual como fundador ocupou a Cadeira nº 16). E, trisavó de Tristão de Alencar Araripe (General do Exército Brasileiro e Ministro de nosso Supremo Tribunal Militar).

Lord Cochrane (Thomaz John Cochrane), décimo Conde de Dundonald, e, no Brasil, Marquês do Maranhão, que em sua pátria riscaram dos quadros oficiais e na Confederação do Equador não se bandeou para os revolucionários por não ter chegado a um acordo quanto à importância que lhe pagaria Manuel de Carvalho, havia prometido o prêmio de 10.000 cruzados pela captura de Tristão, existindo no Rio de Janeiro uma de suas principais avenidas com o nome daquele soldado e mercenário inglês.

Não há ainda hoje na antiga Capital da República um beco, talvez, com o nome de um dos chefes, heróis e mártires admiráveis de nossas Revoluções de 1817 e 1824, esquecidos nordestinos, a exemplo de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, Padre Inácio Loiola Albuquerque Mororó, Francisco Miguel Pereira Ibiapina, Capitão Agostinho Bezerra Cavalcanti (do legendário “Batalhão dos Henriques”, instituído por Henrique Dias e levado ao patíbulo a 19.03.1825), Sargento-Mor Félix Antônio Ferreira de Albuquerque, o Capitão-Mor do Crato José Pereira Filgueiras, ou Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

Estes dois últimos, heróis ainda da Independência no Ceará, no Piauí e no Maranhão, ou da Independência Nacional, quando com 8.000 homens marcharam sobre Oeiras e Caxias, vencendo o Sargento-Mor português João José da Cunha Fidié, “tendo sido ali a ação de Cochrane de mera formalidade oficial”.

O Sargento-Mor Félix Antônio Ferreira de Albuquerque, chefe, herói e mártir da Confederação do Equador no Estado da Paraíba, fundou em Areia outra “República” idêntica a do Recife, a do Crato e a do Jardim, dizendo um século depois “nosso maviOSO cronista Celso Mariz em suas andanças de conferencista”, naquela cidade paraibana do alto da Serra da Borborema, que, ali, a gente entra topando sombras grandes e gloriosas, ouvindo o tropel dos guerreilheiros de Félix Antônio (Celso Mariz, “Cidades e Homens”, apud Antônio Freire - “Revolutas e Repentes”, Nova Paraíba Industrial Gráfica Ltda., João Pessoa. 1974).

Quando conduziam o Sargento-Mor para o Recife, juntamente com Frei Caneca, depois de ter sido o mesmo preso no Ceará, ao passarem pela Vila Nova da Rainha (hoje Campina Grande), conseguiu ele fugir para Mogeiro e Caicó, refugiando-se mais tarde em sua fazenda “Oratório”, nas imediações de Guarabira. Tenho a impressão de que ali foi morto, apunhalado pelas costas por João da Cunha (que se dizia seu amigo), para receber o prêmio que o Governo Imperial oferecia por sua pessoa, viva ou morta, “quando os revolucionários que não haviam passado pelo cutelo tinham sido perdoados”.

Sua mulher Maria Joaquina de Santana (filha do Capitão-Mor de Areia, Bartolomeu da Costa Pereira e de sua esposa Maria do Nascimento Lins de

Albuquerque) vingaria ela própria, 10 anos depois a sua morte (conta-nos ainda Antônio Freire, ob. citada), atirando de dentro do mato, de bacamarte na cabeça de João da Cunha. Voltava ele para casa, trotando pela estrada, a cavalo, com uma filha na garupa.

A 20 de junho de 1833, a Regência, todavia, em nome do Imperador, concedeu D. Ana Triste de Araripe viúva de Tristão Gonçalves, "uma pensão de 400\$000 anuais, tomando na devida consideração os relevantes serviços prestados por ele com singular patriotismo em favor da liberdade e independência de Império em diferentes províncias dele, com total prejuízo de sua fazenda e última sacrifício de sua pessoa". E, a 12 de agosto do mesmo ano, concedia também por decreto. Igual favor a D. Maria de Castro Filgueiras, viúva do Capitão-Mor do Crato. José Pereira Filgueiras (Eperidião de Queiroz Lima, ib. pág. 102).

Diz-se, no entanto, que a família Alencar, "não sei se por analogia de nome" - escreve ainda Pedro Nava, "era de Alenquer, no Reino". Alencar de Alenquer, como escreve Eça de Queiros... " "Começam com um Martinho Pereira Rego, casado com D. Dorothéia de Alencar, pais (ou avós) de Leonel de Alencar Rego, que foi casado com Maria de Assunção, avós de D. Bárbara", da qual viviam a espalhar seus inimigos, entre outras coisas (sabendo-se até aonde levava, naquele tempo, o ódio político no Ceará), ser amásia do vigário do Crato, o Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha, de quem teria sido filho, afilhado e filho de criação o Padre José Martiniano de Alencar.

Mas não importa o que os inimigos tenham dito a seu respeito, repetido por alguns cronistas e historiadores de sua época, entre os quais João Brígido e o naturalista inglês George Gardner, que esteve durante 6 meses no Ceará, na primeira metade do século XIX. Bárbara de Alencar er uma mulher de varonil e bela (como sua avô Teodora), de uma vivacidade intelectual fora do comum, líder de seus filhos, de seus irmãos e de sua família, amiga do Padre João Ribeiro ("devorado do amor da ciência e do amor da liberdade"), e, entre outras das figuras mais ilustres e extraordinárias do seu tempo, do Padre Manuel de Arruda Câmara, que professou a regra dos Carmelitas Calçados do Convento de Goiana, tomando o nome religioso de Frei Manuel do Coração de Jesus, filósofo, médico (formado pela Faculdade de Medicina de Montpelier), da Academia de Ciências de Lisboa, mélebre minerologista, botânico e fundador da famosa sociedade secreta de També, o AREÓPAGO - "primeiro foco propagador entre nós da idéias liberais que vitoriosas na França e nos Estados Unidos empolgaram os que combatiam ou não se conformavam com o absolutismo monárquico, então defendido pelos inimigos de Napoleão Bonaparte".

Arrastada aos cárceres da Cadeia da Relação na Bahia, posta a ferros, processada, espoliada civilmente, injuriada sem dúvida, foi de qualquer modo do Ceará a maior figura da República Pernambucana de 1817, "debelada, entre outras causas (F. A. Pereira da Costa, Anais, vol. VII), pela triste apostasia de nossa Comarca de Alagoas, em prêmio do que teve a graça régia de sua emancipação em província independente, e da Bahia, que filiada ao movimento não acompanhou o rompimento de Pernambuco".

Não sendo levada ao patíbulo e posta em liberdade a 17 de novembro de 1820 (após 3 anos e 6 meses de cárcere), seria outra vez em sua região, em

1824, a maior figura da "Confederação de Equador", depois do seu filho Tristão.

O primeiro e grande caluniador de D. Bárbara foi o Padre Francisco Gonçalves Martins.

A calúnia: não serem seus filhos e de ser marido, mas dela e do Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha (que fora depois vigário do Crato e do qual dois irmãos casaram com duas irmãs de Bárbara de Alencar), o Capitão João e o Padre José Martiniano Alencar (pais do romancista do mesmo nome).

O motivo da infâmia: ter o Padre Francisco Gonçalves Martins arrematado um sítio de D. Bárbara, que fora posto em hasta pública pela Fazenda Real, quando a mesma estivera na "Cadeia de Relação, em Salvador, tendo todos os seus bens sequestrados, e depois de anistiada tentar readquirir Bárbara de Alencar aquela propriedade.

A destruição da ignomínia (que perdura, no entanto, até hoje): D. Bárbara casou em 1782. João (o seu filho mais velho), veio à luz em 1873, no Sertão de Pernambuco. Nascido em 1764, o Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha tinha 19 anos de idade em 1783, não ingressara ainda no currículo eclesiástico e vivia em casas dos pais no Jaguaribe-Mirim, a 50 ou 60 léguas do Crato. O Padre José Martiniano de Alencar teria nascido também quando o Padre Miguel Carlos vivia ainda na casa dos pais em Jaguaribe-Mirim.

Ainda o velho historiador do Ceará e professor do Colégio Diocesano e da Faculdade de Filosofia do Crato, diz a respeito de D. Bárbara em "NATURALIDADE DE D. BÁRBARA DE ALENCAR, A HEROÍNA CEARENSE" (Livraria e Papelaria Ramiro, Segunda Edição, Crato, 1955), "que ela foi também a primeira mulher brasileira a proclamar, concretamente num revolucionário, o ideal de independência política do Brasil e do regime Republicano, a sofrer, por isso, prisão, calabouço, processo e confisco de bens, ensejando por outro lado ao Crato, uma cota de oportunidade que o fez, objetivamente, pioneiro daqueles ideais dentro da comunidade cearense".

Mulher da mesma estirpe a que pertenceram Joana Angélica de Jesus, Maria Quitéria, ou Ana Maria de Jesus Ribeiro (Anita Garibaldi), em memória da qual ergueram os italianos um monumento em Ravena, sobre o Adriático, Bárbara de Alencar morreu "no terceiro sol do ano de 1833".

Sua última vontade foi que o filho, o Padre José de Martiniano de Alencar perdoasse ao grande inimigo vendido, o Juiz Ordinário e Capitão de Milícias Joaquim Pinto Madeira, fuzilado na manhã do dia 28 de novembro de 1834, no Alto do Barro Vermelho da antiga "Missão Miranda", quando aquele filho de D. Bárbara governava a Província do Ceará.

Pedi ainda para ter um enterro pobre, em rede, e que a sepultassem em um túmulo sem lousa, como o de seus escravos.

Quando este trabalho foi publicado no nº 1, Ano I (1977), da Revista de "História Municipal" do Centro de Estudos de História Municipal (Fundação de Desenvolvimento dos Municípios do Interior de Pernambuco), Recife, 1977, escrevemos apoiados no livro "D. Bárbara do Crato", citado neste e em outros capítulos deste "Roteiro de Velhos Grandes Sertanejos", que não sabia onde repousava a Heroína Cearense". Não sabíamos também onde a mesma havia vivido os seus últimos instantes neste mundo.

J. de Figueiredo Filho (ib. págs. 232, 233, 234), conta-nos todavia, que não obstante do Barão de Studart (o maior historiador cearense), segundo a qual D. Bárbara teria morrido na Fazenda Touros (Estado do Ceará), não há a menor dúvida de que ela faleceu na Fazenda Alecrim (Estado do Piauí), teria sido sepultada na Capela do Poço de Pedras, em terras cearense, "agora com o nome ameríndia de Itaguara".

E, naquele templo, remodelado internamente e que anteriormente foi sede de intensa vida religiosa da região, o Instituto Cultural do Cariri mandou colocar lápide onde ela foi sepultada, em 1832 (?), sem precisão de data".

Conta-nos ainda que passou várias vezes na Fazenda Alecrim, e a casa antiga onde faleceu Bárbara de Alencar está circundada por outra mais sólida. "Muitos dos utensílios da Heroína são ali cuidadosamente conservados. A tradição daquela família visceralmente de clã Alencar e descendente direta dos hospedeiros de D. Bárbara, afirma que ela morreu naquela casa e foi sepultada na capela do Poço de Pedras"...

Em 1831/1832 veio a "Revolução" do Capitão de Milícias (inimigo de morte dos Alencar), e célebre caudilho do Jardim e Sul do Ceará, Joaquim Pinto Madeira e, alquebrada, então, pela doença, pelos anos (conta-nos ainda J. de Figueiredo Filho), e desejando ausentar-se do teatro da luta, não podia D. Bárbara refugiar-se na Fazenda Touro, em terras confligadas cearenses, atualmente imersas nas águas do Açude Itaguara, no Município de Campos Sales.

O lugar seguro para ela era a Fazenda Alecrim, de propriedade de pessoas de sua família, do outro lado da fronteira. Toda a zona Sul do Ceará estava em convulsão. Chefiando as operações de guerra contra Pinto Madeira (que se diz, lutava pela volta do D. Pedro I ao trono do Brasil, v. o capítulo SIMPLÍCIO PEREIRA DA SILVA), o ex-revolucionário de 1817, no Recife, José Mariano de Albuquerque Cavalcanti.

A Regência, que dominava o país e em que José Martiniano de Alencar (filho de D. Bárbara), desfrutava de todo prestígio, mandara guarnecer a fronteira do Piauí com 500 soldados de força de linha e três bocas de fogo. Não havia segurança maior, para quem queria fugir do teatro da luta do Cariri e circunvizinhança, do que do outro lado da fronteira, no Estado do Piauí (conclui o historiador J. de Figueiredo Filho, para justificar o refúgio de Bárbara de Alencar e sua morte na Fazenda Alecrim).

(Do livro "VELHOS E GRANDES SERTANEJOS")

GUALTER MARTINIANO DE ALENCAR ARARIPE (O Barão do Exu)

Barão do Exu, por decreto Imperial de 15 de novembro de 1888, nasceu a 18 de junho de 1822, na Fazenda Caiçara, onde nasceram também Bárbara de Alencar (D. Bárbara do Crato, "A Heroína Cearense") e os seus irmãos Serafim, Genoveva, Josefa, Antônia, Inácia, Leonel, Íris e Luis Pereira de Alencar (este último, com a sua esposa Ana Pereira de Carvalho, pais do Barão), todos eles filhos de Joaquim Pereira de Alencar, filho de Leonel de Alencar Rego, tronco (com os seus irmãos, Alexandre, Marta e Francisco de Alencar Rego) dos Alencar do Brasil (v. os capítulos BÁRBARA PEREIRA DE ALENCAR e LEONEL DE ALENCAR REGO).

Homem respeitável, fidalgo, de coração aberto a todo mundo e "onde cada um podia meter as mãos e enchê-las a vontade", Gualter de Alencar vivia em sua Fazenda Gameleira (na qual mandou construir uma capelinha, desaparecida há anos, sob a invocação dos magos do Oriente, Belchior, Gaspar e Baltazar) e na vilazinha do Araripe.

O título, aliás, de Barão desta última designação (Barão do Araripe), fora concedido por decreto Imperial de 20 de março de 1875, a Antero Vieira Cunha, oitavo filho do casal Tenente-Coronel João Vieira da Cunha, não tendo o nome, no caso, nenhuma relação com a Chapada lendária (que parece ser um ramo da Cordilheira de Ibiapaba e divide os Estados do Ceará e Pernambuco), mas com os engenhos "Araripe de Baixo", "Araripe do Meio" e "Araripe de Cima", situados em Igarauçu e pertencentes ao pai de Antero (este, "Barão do Araripe", irmão de Epaminondas Vieira da Cunha, "Barão de Itapissuma", do qual são bisnetos, entre muitos outros pernambucanos ilustres, Demourier e o Dr. Juarez Vieira da Cunha, Celina (esposa do Dr. Antônio Cesário de Melo (filho do Cel. Raul Cesário de Melo) e, ainda, D. Maria Ana, esposa de Gustavo de Brito e Silva (dos Britos de Pesqueira), pais de Renato, Roberto e Moema).

O Barão do Araripe, proprietário de vários engenhos nos municípios do Cabo, Ipojuca e Escada, também era pernambucano, não tendo nascido como se lê no "*Arquivo Nobiliárquico Brasileiro*", em Porto Alegre. Seu nome também não era Antônio e não era filho de Antônio (mas de João Vieira da Cunha) e, não foi agraciado com o título de "Barão" por serviços prestados ao Brasil na Guerra do Paraguai, como está escrito no "*Nobiliário do Rio Grande do Sul*"

Entre muitos outros, são raros seus bisnetos - Olavo Vieira da Cunha, Otávio Vieira da Cunha (casado com D. Maria de Lourdes Monteiro, com sucessão) e D. Olga (primeira esposa) do Dr. Eraldo Gueiros Leite, que foi Governador do

Estado de Pernambuco e foram os pais de Cláudio, Álvaro e Valéria, esta última casada com Fausto Valença de Freitas, filho de Jurandir Brito de Freitas (falecido) e de sua esposa D. Clarice Valença de Freitas, todos de Pesqueira.

Não damos notícia neste "Roteiro de velhos e grandes Sertanejos" de outros Barões do Império que ostentam em seus títulos os nomes de "cidadezinhas" do Sertão do Estado, porque como acontece com o "Barão de Araripe", não nasceram e nem viveram naquelas "cidadezinhas". Exemplos: os dois Barões de Vila Bela (o 1º e o 2º), o Barão de Granito (José Manuel de Barros Wanderley), o Barão de Buique (Francisco Alves Cavalcanti Camboim, sua mãe, no entanto, D. Leonarda Bezerra Cavalcanti de Albuquerque Coelho, e temos ainda a impressão, que, entre outros, os Barões de Ouricuri (Oliveira), o de Petrolina (Sana Portugal) e o de Triunfo (Andrade Neves).

Gualter Martiniano de Alencar Araripe (Barão do Exu), casou, no entanto duas vezes. A primeira com sua parenta Jacinta Xavier de Alencar e a segunda com Alexandrina Leite Toscano de Brito (Alexandrina Leite de Alencar), mais tarde Baronesa do Exu. Não deixou sucessão nos dois matrimônios, como não tiveram filhos o 1º e o 2º Barão de Cimbres (respectivamente Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira e

Cândido Xavier Pereira de Brito), o Barão de Serinhãem (Cel. da Guarda Nacional da Província de Pernambuco, Coriolano Veloso da Silveira), o Barão e depois Visconde de Tabatinga (Domingos Francisco de Sousa Leão), o Barão de Jaboatão (Major Umbelino de Paula Sousa Leão), o Barão de Frecheiras (Comendador Antônio dos Santos Pontual) e o 2º Barão de Suassuna (Dr. Henrique Marques de Holanda Cavalcanti), falecido a 8 de janeiro de 1941 em seu palacete da Av. Rosa e Silva, no Recife, "último titular" do Império, no norte do país".

Deputado a Assembléia Provincial, criador e agricultor rico, o Barão do Exu desfrutou a vida em verdadeiro fausto de grandeza e luxo, senhor de muitos escravos para os quais foi sempre um grande amigo.

Deixou com a sua morte, a 22 de julho de 1889, saudosíssimas lembranças, tendo criado Maria Carlina de Alencar Alexandrina, Mãe de Antoliano Alencar e filha dos Primos do Barão, Canuto José Peixoto e Brasiliana Carlina de Alencar, deixando para aquela a fortuna, como se vê em seu testamento, escrito com sua própria letra e datado e "Gameleira, na Vila de Exu, a 2 de abril de 1878" (v. Guilherme Auler, ib. pg. 91): "Declaro que estabeleço por minha herdeira e primeira testamenteira a minha mulher Alexandrina Leite e Alencar Araripe. Declaro que estabeleço por meus testamenteiros, em segundo lugar, a Canuto José Peixoto e seu irmão José Peixoto da Silva. Declaro que a minha Meiação ficará pertencendo a minha mulher Alexandrina Leite de Alencar Araripe, e por morte desta passará à minha única sobrinha e filha adotiva Maria Carlina de Alencar Alexandrina, filha legítima de meu primo e compadre Canuto José Peixoto e de minha sobrinha, afilhada e comadre Brasiliana Carlina de Alencar, sendo em tudo para fazer o gosto de seus pais e não injuriar minhas cinzas, pela confiança que nela deposito, e, do contrário, o que Deus não permita, será dividido por todos os meus sobrinhos legítimos. Declaro ainda que não tenho herdeiro de forma alguma e se alguém se quiser queixar contra esta

minha vontade, lego aos meus testamenteiros que, em vista dos meus bens, sustentem este meu testamento”...

O Barão criou ainda João Carlos de Alencar, pai adotivo de Antoliano (que vive ainda hoje em Exu) e que foi (entre outros motivos, por seu grande coracão) outro sertanejo famoso do antigo Vale do Açu, no Sertão do Estado.

(do Livro "VELHOS E GRANDES SERTANEJOS")

José Nilton de Figueiredo

INSTITUTO ECO-CULTURAL PROF. ANTONIO MARTINS FILHO

1. PERFIL DO INSTITUTO

O Instituto Eco-Cultural Prof. Antonio Martins Filho será um instrumento de contrução das ações culturais e ecológicas, visando a estimular a cultura e sua relação com o meio ambiente, dinamizar seu processo evolutivo e criar espaço para a manifestação de idéias e esforços.

O objeto de sua ação contemplará prioritariamente as relações Homem/Meio-Ambiente/Cultura, onde se buscarão esforços para defender e preservar o Patrimônio Natural e Cultural, a Memória e as Expressões Artísticas Regionais, no sentido de prevenir os excessos pela utilização de tecnologias e programas inadequados.

A partir desta configuração, as ações de implementação do Instituto tornam-se o alvo das preocupações para um fazer concreto e objetivo.

Para encontrar os caminhos que levam a isso, é preciso buscar identificar as duas linhas de ação e, a partir de uma conceituação básica, definir os programas, setores e planos operacionais do Instituto.

2. CONCEITUAÇÃO DE CULTURA E ECOLOGIA

A nomenclatura Instituto Eco-Cultural, de saída, coloca duas categorias como fundamento de sua ação. O trabalho do Instituto se propõe a desenvolver ações do âmbito da Ecologia e da Cultura. O que é Cultura e o que é Ecologia no sentido empregado aqui como campo de ação do Instituto?

2.1. CONCEITO DE CULTURA

Em seu sentido clássico, "cultura é este conjunto complexo que inclui

conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". (1)

Consideremos, de antemão, que a cultura não é adquirida apenas, como o conceito sugere, ela é também transformada, mudada e acrescentada pela inovação ou descoberta.

Um outro conceito de cultura menos sistêmico e mais próximo da abordagem ecológica a seguir ajuda-nos na compreensão do fenômeno cultural, objeto da ação do Instituto: "Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de vida de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante". (2)

Num e noutro conceito, o importante é reter que a cultura se desenvolve num ambiente e representa as maneiras de ser e de fazer do homem num arranjo infinito de possibilidades de que só ele é capaz.

Daí se conferir ao homem as dimensões do HOMO LOQUENS, pelo uso da linguagem articulada; HOMO FABER, pela capacidade de fabricação de instrumentos e outros artefatos; HOMO SIMBOLICUS, pela criação e uso dos símbolos sociais, e de HOMO LUDENS, por liberar-se para a criatividade estética e possuir um comportamento ligado ao imaginário.

2.2. CONCEITO DE ECOLOGIA

O termo ecologia deriva da palavra OIKOS, que significa "morada" ou "habitação". A palavra ecologia, isto é, OIKOS (habitação) + LOGOS (conhecimento) = O "estudo das habitações" foi criado pelo biólogo Haeckel em 1870, definindo-o da seguinte forma:

Ecologia é o estudo da economia, da organização doméstica dos organismos sociais. Inclui as relações dos animais com o ambiente orgânico e inorgânico, especialmente todas as relações benéficas e inimigas que Darwin menciona como representando as condições de luta pela existência.

Nesta perspectiva, o conceito de ecologia que se adotará para fundamentar o campo de trabalho ao nível das ações do Instituto é aquele que faz o cruzamento do conceito de cultura com o de ecologia, na medida em que as populações humanas são adotadas de culturas, ou seja, na perspectiva de uma ecologia cultural, significando "o estudo da rede de relações que existe entre as comunidades ou sociedades humanas e os seus ambientes de vida".(3)

Isto porque, no dizer de Renate Brigitte Viertler, "À semelhança dos outros organismos vivos, as comunidades humanas constroem redes intrincadas de relacionamento com os seus ambientes de vida. Estes podem ser desdobrados em duas modalidades. Os primeiros correspondem a condições físicas associadas à fauna, à flora, aos recursos minerais de hidrográficos, características

(1) Luiz Gonzaga de Mello. Antropologia Cultural, p. 40

(2) Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico, pp. 60-61

(3) Renate Brigitte Viertler. Ecologia Cultural. Uma Antropologia da Mudança, p. 9.

dos polos e dos climas existentes nos territórios de exploração e de moradia das populações humanas. Note-se que as culturas humanas nunca utilizam todos os recursos disponíveis no seu território de ocupação. Seleccionam alguns deles em termos de tecnologia de que dispõem. A habilidade tecnológica nos leva a constatar a importância dos ambientes humanos. São representados pelos antecedentes históricos das culturas, que explicam a presença ou ausência de determinado padrão tecnológico, soluções socialmente herdadas. Os ambientes humanos, além das influências históricas, correspondem também aos efeitos sociológicos, econômicos, políticos desencadeados pela conveniência, amistosa ou hostil, de diversas comunidades culturalmente semelhante ou não, engendrando as mais variadas modalidades de troca de recursos, indivíduos e conhecimentos. As diversas formas de convivência intercomunitária, intertribal e interétnica podem engendrar diversas formas de dominação, competição e interdependência". (4)

3. PROGRAMAS, SETORES E AÇÕES

Tendo como suporte o referencial teórico acima explicitado, os trabalhos a serem desenvolvidos subentendem um esforço no sentido da manutenção da nossa identidade cultural, de garantir a compreensão de nossa memória social, preservando o que for significativo dentro do nosso vasto repertório de elementos componentes do Patrimônio Eco-Cultural e Artístico.

Neste ato de preservação, está implícito o registro dos vários estágios por que passamos. Aqui, registrar é sinônimo de preservar, de guardar para amanhã informações ligadas a relações entre elementos culturais que não têm garantias de permanência.

Assim, preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma cidade. Preservar também é gravar depoimentos (memória), sons, músicas populares eruditas. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. É fazer, também, levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados, de cidades, de bairros, de quarteirões significativos no dentro do contexto urbano e outros elementos significativos no contexto rural. Enfim, todos os elementos que dão sentido, expressão e identidade a um povo, seja no aspecto da cultura material ou imaterial.

Vale ressaltar, de bom alvitre, que o resquado do patrimônio cultural como testemunho não diz respeito só ao tempo passado. Os bens culturais em uso merecerão também necessariamente o olhar protetor.

Com base nestes paradigmas, a estrutura do Instituto será composta de três grandes programas.

I - PROGRAMA DE MEMÓRIA HISTÓRICO-CULTURAL

Este programa objetiva desenvolver uma linha de pesquisa junto à população idosa (os velhos), no sentido de registrar a memória de acontecimentos, a

(4) Renate Brigitte Viertler. op cit pp. 9-10

memória temática e a história de vida, como forma de garantir o alargamento da compreensão da historicidade do fato e sua relação ao nível do cotidiano das pessoas.

A prática deste trabalho deve estar consubstanciada na ótica de que restituir é recuperar as perdas, daquilo que poderia ter sido e que não foi, entendendo que o apelo que o passado dirige ao presente é o chamamento para que se volte ao passado no sentido de fazer recuperar a história do oprimido, silenciada pela força da abordagem historicista, que faz a apologia (sempre) do vencedor. Em resumo, trata-se de re(fazer) o acontecimento histórico considerando como tarefa contar a história a contrapelo, no dizer de Walter Benjamin.

O gestor do programa da memória histórico-cultural será o Núcleo de Pesquisas Históricas Pe. Antonio Gomes de Araújo.

Neste programa inclui-se, também, a implantação do Museu do homem Cariense, Museu da Rapadura, a Estante de História do Cariri e as seções da memória documental. Aqui também se elaborarão projetos de editoração, priorizando, num primeiro momento, as obras de autores caririenses ou de História do Cariri, com atenção para as obras ditas clássicas de nossa História e que já não existem mais à disposição do público.

II - PROGRAMA DE MEMÓRIA DO PATIMÔNIO ECO-CULTURAL

O escopo deste programa é o levantamento, inventário, registro e tombamento de bens referenciais, ou seja, os lugares da memória, definidores da identidade da cultura local. Sejam bens móveis ou imóveis, tangíveis ou não tangíveis, naturais ou produzidos.

Há que correlacionar o levantamento desses bens com a preocupação de registrar estágios culturais já ultrapassados de toda a comunidade. No Plano do Patrimônio Cultural e em nome da boa salvaguarda de nossa memória futura, há que merecer o registro e tombamento dos bens culturais e usuais e corriqueiros do povo e não somente os objetos e construções da classe poderosa.

No processo de trabalho de levantamento, não se poderá prescindir de "prestar atenção às relações necessárias que existem entre o meio ambiente, o saber e o artefato; entre o artefato e o homem; entre o homem e a natureza." (5)

Como componente deste programa, será criada a Estante Bibliográfica Eco-Cultural.

III - PROGRAMA DE MEMÓRIA ARTÍSTICO-CULTURAL

Aqui se trabalhará a memória presente através do fomento, apoio e registro das manifestações artísticas, numa dimensão holística. No âmbito deste programa, incluem-se projetos nas diversas modalidades da arte:

Artes Plásticas: pintura, escultura e arquitetura;

Artes Rítmicas: música, dança e poesia (Literatura)

Artes Tácteis-Musculares: mímica e esportes;

Arte de Síntese: teatro, cinema, vídeo, ópera, balé.

(5) - Carlos A. C. Lemos. O que é Patrimônio Cultural, p. 11

Um dos elementos enfáticos do Programa é a questão da Cultura Popular. Deverá merecer tratamento especial no bojo das ações do Programa, porquanto torna-se imperativo um amplo estudo de todas as formas de crenças tradicionais, de artes e artesanatos, de danças, jogos e instrumentos tradicionais de música, literatura oral, contos, histórias, lendas, poesia, canto, anedotário, adivinhas etc., sem omitir os aspectos da Medicina Popular.

A Arte será tratada numa concepção sócio-cultural, diferentemente de abordagem que imprime um caráter individual da Obra de arte e na obra de arte em si. A perspectiva inicial leva à compreensão de que o indivíduo (o artista) socialmente é pessoa - tem personalidade biossocio-cultural. A maneira de agir, pensar, sentir do homem reflete muito a cultura em que foi criado.

"Se fosse da natureza do homem o não ser ele, mais do que um indivíduo, tal desejo seria absurdo e incompatível, porque então como indivíduo ele já seria um todo pleno, já seria tudo o que era capaz de ser. O desejo do homem de se desenvolver e se complementar indica que ele é mais do que um indivíduo, Sente que só pode atingir a plenitude, se se apoderar das experiências alheias que potencialmente lhe concernem, que poderiam ser dele. E o quer um homem sente como potencialmente se supõe tudo aquilo de que a humanidade é capaz. A arte é o meio indispensável para esta união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias"⁽⁶⁾.

Na condição de cultura, a Arte pode ser vista como tradição cultural. Da forma como se pode conhecer o muito da Cultura de um povo pela análise de sua produção artística, igualmente é possível conhecer o significado artístico de um povo pela análise de sua cultura, como um todo.

O caminho a ser trilhado na busca desta revitalização do fazer artístico em toda a sua plenitude, deve ser buscado como meio para o desenvolvimento de projetos no âmbito deste Programa.

Um projeto estratégico para a produção do conhecimento artístico-cultural será a OFICINA DE CULTURA, momento do encontro do artista e sua arte com o público, onde, a partir da experiência do seu fazer artístico, se reelabore uma nova compreensão da arte, do artista e da sociedade.

O Programa de Memória Artístico-Cultural dará dinamicidade as ações de "Noite de Autógrafos", Exposições, lançamentos de discos, shows, concertos além de programas culturais no âmbito de sua competência.

Serão criadas seções para o registro da memória de todas as produções realizadas pelo programa, como acervo de discografia regional, de cordel, etc., além da criação de uma Estante Bibliográfica de Artes.

4. INTERFACE INSTITUTO / DEPARTAMENTOS

De Saída, a presença do Instituto no contexto da Universidade só terá sentido, de suas ações fluírem e refluírem como ações de desejo e necessidade dos cursos e departamentos.

(6) - Ernst Fischer, A necessidade da Arte. p 13

O vasto programa de Instituto vai permitir o entrosamento afetivo com os diversos departamentos, notadamente no que concerne a projetos de pesquisa e extensão. Esta via de mão dupla com as estruturas de ensino é o que justificará a implementação do Instituto como órgão de apoio no investimento da qualidade do ensino, pesquisa e extensão.

Crato, abril de 1992
Prof. José Nilton de Figueiredo (Diretor)

Simeão Luna Machado

AO ZÉ NILO (Dr. JOSE NILO ALVES DE SOUSA) HOMENAGEM PÓSTULA

*Fomos amigos desde nossa infância,
Numa amizade para toda a vida!
Nenhuma ausência entre nós havida
Conseguiu abalar essa constância*

*Para todos, manteve aquela ânsia
De amizade sincera e bem vivida,
Até que a morte, em sua triste lida,
O levou para uma outra estância.*

*E, sofrendo esta triste realidade,
Sua cidade chorou desconsolada,
Lamentando a cruel fatalidade.*

*Mas, tendo sua partida abreviada,
Se na Terra deixou tanta saudade,
Houve festa no céu na sua chegada.*

Fortaleza, 05/05/92
Simeão Luna Machado

“ROMANCE DE BÁRBARA” LANÇADO PELO ICC E URCA

Constituiu-se acontecimento social e literário da mais alta repercussão o lançamento do livro ROMANCE DE BÁRBARA, em Crato, no Salão Nobre da Universidade Regional do Cariri. O livro, versando de maneira romancada, a vida e a obra da heroína Bárbara de Alencar, foi escrito pela escritora acreana, filha de cearenses, Luciana Barbosa Nobre. O patrocínio da noite literária foi do Instituto Cultural do Cariri e URCA e a solenidade foi presidida pelo Pe. Gonçalo Farias Filho, Reitor em exercício da Urca, tendo à mesa o Dr. Raimundo Borges, Presidente do ICC, professores, intelectuais e outros convidados. Houve exibição de vídeo sobre a heroína de 1817. Depois o Ator Ricardo Correia, do Grupo Teatral de Amadores Cratenses, deu um depoimento sobre a peça D. Bárbara, encenada pelo Grupo, em Crato, Em seguida, o Diretor de ITAYTERA, J. Lindemberg de Aquino, saudou e apresentou a autora, e apresentou o livro. Esta, agradeceu, comovida a oportunidade de vir lançar sua obra na terra que serviu de cenário à ação de D. Bárbara. Pe. Gonçalo encerrou a solenidade, com palavras de enaltecimento à obra que ora se lançava, seguindo-se os autógrafos para grande número de pessoas. Tudo isso ocorreu na noite de 04 de Maio de 1992. A autora, Luciana, estava acompanhada de seu esposo, Francisco Nobre. Ambos são grandes escritores e movimentam a vida literária do Rio, conforme se pode auferir da leitura dos seus respectivos currículos. Foi uma honra para o Crato recebê-los na primeira visita que fizeram à nossa terra.

LUCIANA BARBOSA NOBRE

Filha de Lúcio Alves Barbosa e Joana Maia Barbosa, ambos cearenses, nasceu na histórica cidade de Xapuri (AR), berço da revolução acreana, no dia 11 de abril de 1927. Fez os seus estudos no Instituto Divina Providência (de que foi, depois, professora), de sua cidade natal, e na Escola Normal Lourenço Filho, em Rio Branco (AR). Auto-didata, é exímia em trabalhos de tricô, crochê e artes domésticas. Boa experiência no amadorismo teatral, é declamadora aplaudida e fez cursos de inglês com o Professor Orlando de Souza Freitas. Tem diploma de curso de Sociologia do professor Ovídio da Cunha, da Universidade Federal Fluminense, ministrado no CEATA-Centro de Estudos e Atividades Artísticas.

Aos vinte anos casou com Francisco Silva Nobre, funcionário do Banco do Brasil S.A. e logo transferiu residência para o Rio de Janeiro, onde se encontra desde janeiro de 1948 e onde nasceram os seus filhos (um engenheiro, um psicólogo e um advogado). Tem dois netos e duas netas ainda menores.

Viajou por todo o Brasil e realizou seguidas viagens à Argentina e Uruguai.

Conhece bastante da Europa, demorando-se por mais tempo na Itália, França, Espanha, Portugal e Inglaterra, visitando mais de uma vez as principais cidades desses países.

Tem colaborado em numerosas obras assistenciais, principalmente na Associação dos Antigos Funcionários do Banco do Brasil, de cujo Departamento Feminino foi ativa Diretora por longos anos, ali fundando magnífico Coral, que ainda hoje se apresenta com sucesso em reuniões sociais e beneficentes.

Escreveu seu primeiro livro diretamente no idioma inglês: o romance GOD'S LAND (A BRAZILIAN NOVEL), publicação da Cia. Brasileira de Artes Gráficas (1988), narrando a odisséia de um sertanejo que, para sobreviver, emigra no nordeste seco para a fabulosa Amazônia, onde permanece durante anos; ao voltar para sua terra, percebe ter sido esquecido por todos - menos pela genitora, que o abraça e abençoa.

Desde muito jovem dedica-se ao estudo da vida e da obra de Castro Alves, declamando os seus poemas em numerosas e diferentes solenidades. Isto a levou a candidatar-se, e ser eleita, para as cadeiras patronímicas do maviado bardo na Academia Pan-Americana de Letras e Artes e no Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, do qual foi Delegada junto à Federação das Academias de Letras do Brasil e é a atual Presidente. Também pertence à Academia Nacional de Letras e Artes e a Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, ocupando as cadeiras que têm como patronos Bárbara de Alencar e Pedro Rabelo, respectivamente.

É membro honorário da Ordem dos Jornalistas do Brasil, da Academia Guanabarina de Letras e da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, além de pertencer à Sociedade de Homens de Letras do Brasil, AJEB-Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil, CEATA - Ceata de Estudos e Atividades Artísticas, GALMA - Grêmio Artístico e Literário Mércia de Aloan e outras entidades de cunho cultural ou simplesmente social.

Publicou: A MULHER NA OBRA DE CASTRO ALVES e BÁRBARA DE ALENCAR - HEROÍNA CEARENSE (discursos), bem como os romances SONHO DE AMOR, no qual põe à mostra os dramas familiares, o carinho de uma mãe por sua filha, a amizade à velha Bá, o respeito a um marido imposto, o envolvimento na malha dos negócios, os momentos de alegria ao lado do marido e, finalmente, as horas de tristeza que marcam a vida da personagem central numa trama intemporal e despida de preciosismos sociais; PAZ DE MINHA VIDA, uma história de amor e heroísmo, repleta de lances dramáticos e grande conteúdo social, e o ROMANCE DE BÁRBARA, narrativa romanceada da vida da primeira grande líder feminina no Brasil, participando dos movimentos revolucionários de 1817 e 1824 no nordeste brasileiro, avó do notável José de Alencar.

Luciana é, ainda, membro efetivo da Academia Luso-Brasileira de Letras, titular da cadeira que tem como patrono o poeta Castro Alves. Ocupa, atualmente, o cargo de Secretária da Federação das Academias de Letras do Brasil.

FRANCISCO SILVA NOBRE

Nasceu em Morada Nova (CE) em 19 de agosto de 1923, filho do casal

João Eduardo Nobre - Pulquéria Silva Nobre. Modou-se com a família para Fortaleza no início do ano de 1926, e ali estudou no Colégio Castelo Branco e Liceu do Ceará. Economista, diplomado em 1943 pela Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará. Tem cursos de Administração da Escola Brasileira de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas, e do Instituto de Administração e Gerência da PUC-RJ.

Jornalista, revisor e redator-chefe da antiga GAZETA DE NOTÍCIAS, de Fortaleza (CE). Colaborador de O NORDESTE. Redator e diretor de numerosas publicações, principalmente de natureza cultural, entre as quais: MOCIDADE, REVISTA CONTEMPÔRANEA e JANGADA, no Ceará; REVISTA AABS, BANCO, ASBAC, BOLETIM da Cooperativa dos Funcionários do Banco do Brasil-RJ, BOLETIM DA PARÓQUIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE, GAZETA da Ordem dos Velhos Jornalistas do Brasil, BOLETIM, REVISTA e INFORMATIVO da Associação dos Antigos Funcionários do Banco do Brasil. Dirigiu, também, os tablóides O CEARENSE, da Casa do Ceará-RJ, e GAZETA da Ordem dos Jornalistas do Brasil. Ainda no campo jornalístico tem-se incumbido de coordenar a publicação de anuários, coletâneas e revistas Pan-Americana de Letras e Artes, Cearense de Ciências e Artes do Rio de Janeiro, Guanabarina de Letras e Nacional de Letras e Artes.

Fundador de SELEÇÃO - CONJUNTO DE AMADORES DRAMÁTICOS e do primeiro TEATRO DO ESTUDANTE DO CEARÁ, Participou de vários conjuntos de amadores teatrais de sua terra natal, Bahia, Acre e Rio de Janeiro, escrevendo, montando, representando e dirigindo peças suas e de outros autores, entre as quais, de sua autoria, estão as seguintes:

- NHÁ CEIÇÃO, comédia, 3 atos
- IDADE DE CASAR, comédia dramático, 3 atos
- O SEU OSCAR, comédia ligeira, 3 atos
- O GÓLGOTA, drama sobre a Paixão de Cristo
- JESUS (duas versões), drama sobre a Paixão de Cristo
- NO MEU TEMPO DE CRIANÇA, sainete em 1 ato, apresentado com o pseudônimo de Amélio Aguiar.

Ingressou no Banco do Brasil S.A., depois de aprovado em concurso público realizado em agosto-1943, tendo servido em Salvador (BA), Rio Branco (AR) - onde foi Contador de agência - e Rio de Janeiro (Agência Central) e Direção Geral - Departamento de Inspeção e Fiscalização de Agências e Carteiras de Crédito Geral, de cuja Subgerência de Planejamento foi Chefe durante muitos anos. Colocado à disposição da antiga SUMOC-Superintendência de Moeda e do Crédito, que se transformou no Banco Central do Brasil, desempenhou durante cerca de onze anos a elevada função de Inspetor de Bancos. Serviu, também, à Caixa Econômica Federal, como Assessor Especial e Chefe de Gabinete do Diretor incumbido da implantação do PIS-Programa de Assistência Social. Participou de diversos grupos de trabalho na área federal, inclusive de dois sobre o problema do livro do Brasil, juntamente com Pedro Calmon, Enio Silveira, Heloisa Alberto Torres e outras importantes figuras da intelectualidade brasileira.

Ocupou a Vice-Presidências Social, Cultural e Administrativa da AABB-Associação Atlética Banco do Brasil e presidiu a ASBAC-Associação dos Servido-

res do Banco Central e a AAFBB-Associação dos Antigos Funcionários do Banco do Brasil. Construiu, praticamente, todo o magnífico conjunto do Lar do Funcionário do Banco do Brasil em Xerém, 4º distrito do município de Duque de Caxias (RJ), em terreno que urbanizou totalmente (28.500 m² com 9500 m² de área coberta)

Responsável pela criação dos CADERNOS AABB (45 números editadas sob sua orientação) e FUNDO EDITORIAL AAFBB (18 títulos publicados), que lançaram vários e excelentes autores do quadro de funcionários do Banco do Brasil.

Aposentado desde 1974, tem-se dedicado exclusivamente a atividade culturais. Admitido em 1943 à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Pertence a numerosas entidades culturais nas quais ocupa (ou ocupou) o Cargo de Secretário, entre as quais: Federação das Academias de Letras do Brasil (onde representa a Academia Alagoana de Letras, de que é sócio correspondente), Sociedade Brasileira de Geografia, Sociedade de Homens de Letras do Brasil, Ordem dos Jornalistas do Brasil, Associação Brasileira de Imprensa (sócio militante), Academia Guanabarina de Letras, Academia Pan-Americana de Letras e Artes, Academia Brasileira de Trova, Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, Academia Nacional de Letras e Artes, do Estado do Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Jornalismo, Academia Brasileira de Literatura, Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil, Academia Luso-Brasileira de Letras e Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, de que é o atual Presidente. Sócio do Museu de Arte-Moderna-RJ, do Centro dos Pesquisadores do Cinema Brasileiro, Sócio correspondente do Instituto do Ceará. Membro "Honoris-Causa" da Academia Brasileira de Belas Artes. Medalha de Ouro da Sociedade Brasileira de Belas Artes. Integra, ainda, o Instituto dos Centenários, os Institutos Culturais Brasil-Coréia e Brasil-Bolívia, o Instituto Cultural Brasileiro-Boliviano Marechal Ramón Castilla e o Instituto San-Martiniano do Brasil. Tem 35 livros publicados, conforme relação a seguir, e outros tantos por publicar.

Livros Publicados:

- PEQUENA HISTÓRIA DO CINEMA BRASILEIRO, 1955
- ASPECTOS DA ATIVIDADE ADMINISTRATIVA, 1955
- MERCADO DE CINEMA NO BRASIL, 1957
- ROTEIRO DE CARLITOS, 1958 (duas edições)
- À MARGEM DO CINEMA BRASILEIRO, 1963
- SHAKESPEARE E O CINEMA, 1964
- O LIVRO DO CINEMA NO BRASIL, 1976
- INVENTÁRIO DO CINEMA BRASILEIRO, 1978
- DIÁRIO DE UM CINEMEIRO, 1980
- COVARDE ! (teatro), 1980
- BREVE CRONOLOGIA DO CINEMA, 1982
- RÉSTIAS DE LUAR (poesias), 1982
- COOPERATIVA - CAMINHO PARA O FUTURO, 1982
- LIÇÃO DE VIDA, (poesia) 1983
- LUÍS CARLOS, POETA DA FAMÍLIA E DO MISTICISMO, 1984
- A VERDADE, SOMENTE A VERDADE, 1984
- CRISTAIS DO TEMPLO, 1984 (epistolário)

- TROVAS PIEGAS, 1985
- ANDANTE, (poesia), 1986
- A INTRÉPIDA ANITA CARIBALDI, 1986
- CALENDÁRIO LITERÁRIO, 1987 e 1989 (2ª edição)
- MIGALHAS DO PENSAMENTO, 1987
- ACORDES DO CORAÇÃO (trovas), 1987
- PÁGINAS DA JUVENTUDE, 1987
- ALERJ - CADEIRA 19 (Bastos Tigre e Joaquim Inojosa), 1987
- TRÊS TEMPOS DE JORNAL, 1988
- CRONOLOGIA DA CULTURA CEARENSE, 1988
- O CEARÁ E O CINEMA, 1989
- CHAPLIN A GLÓRIA DO PALHAÇO, 1989
- A AMAZONA ANA GUASQUE, 1989
- O VENTO SOPRA FORTE (teatro), 1990
- CHOVE NUMA NOITE DE VERÃO, (teatro), 1991
- PÉROLAS DO MAR DOS SONHOS (pensamentos), 1991
- CATEDRAL DE SONHOS (poesia), 1991
- A ÁRVORE DE NATAL (conto infantil), 1991

Orador fluente, conferencista, tem realizado numerosas palestras nas entidades de que participam, e em outras, como o Instituto de Cultura Luso-Brasileira Afrânio Peixoto, do Liceu Literário Português. São numerosos os prefácios e apresentações de livros que tem feito, sendo de destacar, entre as mais recentes, a importante obra de professor Ovídio Gouveia da Cunha, PERSPECTIVAS LUSO-IBÉRICAS DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1991, revelando sempre uma cultura polifórmica, apreciável senso crítico e excelente manejo do idioma.

Grande-Benemérito da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, é igualmente, detentor de medalhas, títulos honorarias que muito o dignificam.

MENSAGENS RECEBIDAS

ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS E ARTES

Rio de Janeiro, 04 de abril de 1992

Aos poetas e amigos cearenses

É com imensa satisfação que apresento aos ilustres poetas, escritores, acadêmicos e amigos, irmanados pelos laços do amor fraterno que deve reunir todos os brasileiros, as minhas carinhosas saudações.

Há na solidão do solo cearense aimensidão do calor humano, há nas paragens do agreste as fantasias lendas contadas pelo povo e os milagres do Padre Cícero chamando-me até lá, para ver e sentir de perto o que é ser cearense.

Muito haveria que falar da valiosa produção literária de sua gente, devo porém, cingir-me apenas à saudação acadêmica a todos que prestigiam e aplaudem o lançamento de mais um livro da escritora Luciana Nobre.

Portanto, em seu nome e no de todos os acadêmicos da ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS E ARTES - A N L A -, as flores simbólicas de uma grande amizade.

THAIS FLORINDA P. L. TATAGIBA
Presidente da A N L A

À BRILHANTE INTELECTUALIDADE CEARENSE,

Aproveitamos a oportunidade da ida ao Ceará dos ilustres confrades LUCIANA BARBOSA NOBRE e FRANCISCO SILVA NOBRE para dirigir uma saudação especial a todos aqueles que, em nossa terra, superando dificuldades de toda espécie, têm sabido manter elevado o padrão da cultura cearense.

Mais do que a crueza das secas tão prejudiciais a todo o nordeste brasileiro, temos tido contra nós a gritante indiferença dos poderes públicos, que ainda não compreenderam a importância da cultura no processo histórico de desenvolvimento.

Nós da Federação das Academias de Letras do Brasil, cognominada "o Senado da Cultura Brasileira", jamais nos descuramos na busca de soluções para os problemas comuns a todos quanto se dedicaram ao labor literário em nossa Pátria. Temos conseguido algumas vitórias, é certo, mas elas diluem invariavelmente da desídia e inoperância de governantes que não encontram soluções para problemas básicos da nacionalidade, permitindo o seu constante agravamento.

É indispensável a união de todos os intelectuais em torno de uma bandeira comum, e a Federação das Academias de Letras do Brasil é a entidade que, reunindo as instituições acadêmicas de norte a sul do país, está em condições de centralizar, catalisar e apresentar as variadas reivindicações de todos aqueles que se empenham na conquista de um lugar ao cadente sol das letras nacionais.

Tenham os conterrâneos do Ceará a certeza de que estaremos sempre ao lado de todos quantos, com vigor e brio, mantêm viva a chama de nossas melhores tradições literárias. Somente do nosso esforço conjugado poderão resultar as vitórias que almejamos e ter condições para continuar escrevendo e publicando os nossos artigos, livros, poemas, ensaios, o que fôr, que levarão ao futuro o testemunho de nossa incansável luta pelo desenvolvimento sócio-cultural da Pátria querida.

Rio de Janeiro, 20 de abril de 1992
LUÍS IVANI DE AMORIM ARAÚJO (Presidente)

J. Lindemberg de Aquino

ELE QUIZ PLANTAR TRIGO NO CRATO

Acabo de ler dois volumes sobre o extraordinário Padre Mestre Inácio de Sousa Rolim, o fundador de Cajazeiras, Paraíba, grande educador dos sertões do Nordeste. Em sua escola estudaram algumas das maiores figuras da história nordestina, como o Cardeal Arcoverde, primeiro cardeal da América Latina, e o Pe. Cícero Romão Batista, José Marrocos (igualmente grande educador) e uma

centena de políticos paraibanos, pernambucanos, cearenses e potiguares.

Os livros que li são: O Educador dos Sertões, de Desudedith Leitão-Vida e Obra do Pe. Inácio de Sousa Rolim (Gráfica Editora Grupo Claudino) 1991, e Pe. Mestre Inácio Rolim, um trecho da colonização do Norte brasileiro e o Pe. Inácio Rolim, pelo Pe. Helidoro Pires, Gráfica Editora Grupo Claudino.

Este último é a reedição do antigo livrinho do Pe. Helidoro, todo corrigido, eliminadas as falhas de datas e documentos, atualizados e recomposto).

Não vou deter-me sobre a vida e a obra do Pe. Inácio Rolim, nascido em 22 de Agosto de 1800 e falecido em 16 de Setembro de 1899, filho de Vital de Souza Rolim e Ana Francisca de Albuquerque.

Figura conhecidíssima no Nordeste, o fundador de Cajazeiras, hoje próspera cidade paraibana, foi aluno do Seminário de Olinda, onde recebeu a Primeira Tonsura em 30.07.1825, as ordens Menores em 31.07.1825, o subdiaconato em 15.08 do mesmo ano, o diaconato em 25.09 e ordenado sacerdote em 02.10.25.

Notável educador, sabia grego, latim, dominava as matemáticas, o vernáculo, grande orador sacro, professor, fundou o seu célebre Colégio em 12.10.1843, (vão fazer 150 anos no próximo ano).

Pe. Rolim viveu no Crato de 1816 a 1821, pois daqui saiu para o Seminário de Olinda onde consta sua matrícula em 03.09.1824, 4 dias antes da Independência de Dom Pedro I°.

Na sua curta existência em Crato também ensinou e foi orientador da zona rural, no Lameiro, paradisíaco recanto ao sopé da Serra do Araripe, onde praticou experiências ruralistas e incentivou os do lugar, escrevendo, inclusive um Tratado de História natural, hoje raríssimo. Pe. Inácio Rolim tentou plantar trigo e introduzir outras culturas nos pés de Serra do Crato, mostrando a amplitude de sua visão de ruralista. Disso nos dá conta uma Comunicação do escritor J. de Figueiredo Filho, feita ao Primeiro Simpósio de História do Nordeste Brasileiro, realizado em Crato, de 12 a 18 de Maio de 1969. Se não fosse tão longo, transcreveria, aqui, o documento que o Pe. Rolim escreveu, em forma de ofício, ao Presidente do Ceará, Antônio Marcelino Nunes Gonçalves, datado da cidade do Crato, em 19 de Novembro de 1868, na sua segunda temporada em nosso rincão.

Diz ele, dentre outras cousas: "Este maravilhoso Cariri, atravessado de nordeste a sueste por uma ramificação da grande serra que aqui tem o nome de Araripe e em muitas partes regado por águas cristalinas que, em torrentes mais ou menos abundantes, arrebentam de fundos vales nas encostas da serra e formam arroios, donde os habitantes, industriosamente, extraem correjos ou levadas d'água para as suas lavouras durante a seca..."

..."e é para lamentar que tais terras não estejam cobertas de videiras, árvores do pão, oliveiras e figueiras, árvores de leite, chá da índia, cacau, tâmara, sagu, as quais aqui se alimentam muito bem, como tem sucedido a outras árvores exóticas que aqui vemos e que vegetam tão bem..."

...'Eu acho-me agora na diligência de experimentar uma plantação de trigo, trabalho este que empreendo só com o fim de induzir os fazendeiros do campo a fazerem alguma cultura desse importante gênero."

A seguir pede sementes, adubos, recursos técnicos, inclusive moinhos mais modernos para a trituração do trigo", pedindo também mudas de oliveira, de árvore-de-leite, originária da Venezuela, etc, acrescentando que "se quiser ter a bondade de atender a esta humilde declaração, a minha esperança, a tal respeito não ficará frustrada". E ficou frustrada mesmo. O plantio de trigo no Lameiro durou muitos anos, depois, sem ajuda, sem resposta aos apelos, sem sementes, sem recursos técnicos, feneceu.

O Governo, ontem como hoje, é indiferente a certas iniciativas louváveis como esta. Poderíamos hoje, no Ceará, quem sabe? termos muito trigo, principalmente nas serras, vales húmidos e beiradas de açudes oficiais.

Não deixa de ser curioso o documento, que, a meu ver, deveria figurar na SEARA- Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado, como comprovação da Lucidez e da antevisão de um grande estadista, educador dos sertões, proprietário do mais célebre colégio que já houve na interlândia nordestina. O Crato se honra em ter sido sede dessa experiência, há quase 125 anos...

(J. Lindemberg de Aquino foi Presidente do Instituto Cultural do Cariri, é jornalista e Diretor da Revista de cultura, ITAYTERA, de Crato)

LETRAS DO CARIRI PERDEM MONS. RAIMUNDO AUGUSTO

O Instituto Cultural do Cariri e os meios culturais de toda a região ficaram profundamente empobrecidos, com o falecimento de um dos mais notáveis cultores da história regional - Monsenhor Raimundo Augusto de Araújo Lima.

Nascido em 19 de Abril de 1909, no Município de Mauriti, faleceu em Crato a 20 de Janeiro de 1992, num dos leitos do Hospital S. Francisco, de onde foi Provedor durante muitos anos. Foi Vigário geral da Diocese do Crato, professor de vários estabelecimentos - era uma personalidade de destaque nos meios culturais, com vários livros publicados. O ICC sempre contou com a sua prestimosa cooperação e muito lamentou esse desaparecimento.

INTELECTUAL CRATENSE HOMENAGEADO EM SALVADOR-BA

O jornalista, poeta, escritor e professor José Newton Alves de Sousa, natural de Crato e residente há muitos anos em Salvador, Bahia, onde grangeou sólida reputação cultural e ensina em diferentes instituições, recebeu expressiva homenagem, na capital baiana, a 5 de junho de 92, em decorrência de duas datas expressivas de sua vida: 70 anos de idade e 50 anos de magistério.

A homenagem constou de uma concelebração na capela do Colégio das Sacramentinas, contando com as presenças de autoridades, professores de diferentes universidades, escritores, poetas, artistas plásticos. Presidiu a concelebração o Mons. José Hamilton de Almeida Barros, da Universidade Católica de Salvador e ajudaram na concelebração Mons. Edmilson de Macêdo, assistente arquidiocesano do Movimento Casais com Cristo e pelo Pe. Boaventura Veiga Ferraz, capelão do Hospital Português de Salvador.

Presenças, dentre outros, do jornalista Vicente Favella de Macêdo, do Ex-Reitor Fernando Tabacof, professores Consuelo Pondé de Sousa, Angelina Garcês, Rui Simões, Pe. Sanches, familiares e cearenses da colonia cearense de Salvador.

As comemorações foram sóbrias, em virtude do luto recente da família Alves de Sousa, com o falecimento do irmão do homenageado, em Crato, Dr. José Nilo Alves de Sousa, em Maio, em Crato.

CURRÍCULO BRILHANTE

Dr. José Newton Alves de Sousa nasceu em Crato em 5 de junho de 1922, filho de Jorge Lucas e Isabel Lucas de Sousa. Foi professor e líder católico em Crato. Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato.

Autor de 94 títulos entre livros de poesias, de sociologia e literatura, foi fundador das revistas Vértices, Revista de Poesia, Luta, Afirmação, Plenitude e ITAYTERA. Hoje, depois de muitos anos em Salvador, tem um prestígio lastreado pela baianidade que assimilou. É casado com a professora Ruth Esmeraldo Barreto Alves de Sousa.

ÍNDICE

3 Décadas a Serviço de Deus	3
Poetas cratenses lançam livros	5
Florival Matos	5
Joaquim Alves de Oliveira (I)	6
Joaquim Alves de Oliveira (II)	8
Ser Médico	10
Juazeiro	11
F.S.Nascimento, O Crítico	13
A Botija do Coronel	15
Ginasianos de 41 celebram jubileu	20
Boqueirão de Lavras, um oásis da natureza no sertão cearense	22
Aniversário	24
Lançamentos Literários	25
Monsenhor Feitosa lança mais um livro	27
Notícias Culturais: Um jornal dedicado à cultura	27
Os Papas na História	28
A violência e a fome	29
O estilo de José Lins do Rêgo	31
Bruno Pedrosa artista cearense internacional	32
Rio Salgado	34
Poesias	35
Poemas	39
O Mártir do Caldeirão	48
Nova Olinda: Resumo histórico	51
Por que a opção entre a República e a Monarquia no plebiscito de 1993? ..	52
Reflexões sobre o Menor Abandonado	55
Crato com novo distrito: Pe. Cícero	57

ÍNDICE

Poesia e Fetiche	59
Evolução da Medicina do Cariri através dos tempos!	63
Registrando um evento	72
Documentando	73
Mauro Benevides na Academia de Letras	74
Transformações	76
Centenário do Dr. Antônio Fernandes Teles	77
Bárbara Pereira de Alencar (D. Bárbara do Crato)	79
Gualter Martiniano de Alencar Araripe (O Barão do Exu)	88
Instituto Eco-Cultural Prof. Antonio Martins Filho	90
Homenagem Póstula ao Zé Nilo	95
Romance de Bárbara, lançado pelo ICC e Urca	96
Ele quiz plantar trigo no Crato	101
Letras do Cariri perdem Mons. Raimundo Augusto	103
Intelectual cratense homenageado em Salvador-BA	104

Onix Jeans

Guadalajara s/ã.
Indústria de Roupas
Av. Getúlio Vargas, 1.200
Tel: 086-229-1620
Telex: 86-2333
Teresina - Piauí



**Construtora
SUCESSO S/A**
Av. Getúlio Vargas, 500
Tel: 086-229-1614
Telex: 86-2208
Teresina - Piauí



Gráfica ESTADO DO PIAUI
Impressora e Editora Ltda.
Rua Des. Freitas, 602
Tel: 086-222-7225
Telex: 86-2111
Teresina - Piauí

**RÁPIDO
London**

Rápido LONDON S/A
Av. Gumle, 1329
Tel: 011-912-1788
Telex: 11.68250
Guarulhos - SP

COLON S/A

COLON S/A
Ind. de Equip. Rodoviários
Ind. de Água Chata, 600
Est. do J. 912-1143
Tel: 011-912-1143
Telex: 11.68229
Guarulhos - SP

**m
Metidieri**

Indústria Têxtil METIDIERI S/A
Avenida Reverendo
José M. de Condeção, 689
Tel: 0152-431421
Telex: 152.297
Votorantim - SP



FRIGOTIL
Frigorífico de Timon Ltda.
BR 226 - Km 69
Tel: 086-222-0153
Telex: 86-2111
Timon - MA



**SUCESSO PROMOÇÃO
E PUBLICIDADE S/C LTDA.**
Rua Des. Freitas, 685-N
Tel: 086-222-6485
Telex: 86-2111
Teresina - Piauí

marimbá

Empresa MARIMBÁ LTDA.
BR 343 - Km 04 Nº 3.011
Tel: 086-222-6577
Telex: 86-2111
Teresina - Piauí

Houston S/A

HOUSTON S/A
Computadores e Sistemas
Av. Europa, 140
Tel: 011-883-7300
Telex: 11.71761
São Paulo - SP

HALLEY

HALLEY S/A
Editora e Gráfica
Av. Getúlio Vargas, 1.200
Tel: 086-222-6900
Telex: 86-2333
Teresina - Piauí



**GRUPO
CLAUDINO**